

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA
SETOR DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE ESTUDOS DA LINGUAGEM

GABRIELA MOREIRA DOS SANTOS SIMÕES

O EMPREGO NÃO CONVENCIONAL DA VÍRGULA EM ESQUEMA SIMPLES
EM REDAÇÕES DE VESTIBULANDOS DA UEPG: ANÁLISE PROSÓDICA

PONTA GROSSA
2025

GABRIELA MOREIRA DOS SANTOS SIMÕES

O EMPREGO NÃO CONVENCIONAL DA VÍRGULA EM ESQUEMA SIMPLES
EM REDAÇÕES DE VESTIBULANDOS DA UEPG: ANÁLISE PROSÓDICA

Dissertação apresentada para obtenção do grau de Mestre em Estudos da Linguagem na Universidade Estadual de Ponta Grossa. Área de Linguagem, Identidade e Subjetividade.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Márcia Cristina do Carmo.

PONTA GROSSA

2025

S593 Simões, Gabriela Moreira dos Santos

 O emprego não convencional da vírgula em esquema simples em redações de vestibulandos da UEPG: análise prosódica / Gabriela Moreira dos Santos Simões. Ponta Grossa, 2025.

 117 f.

 Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem - Área de Concentração: Linguagem, Identidade e Subjetividade), Universidade Estadual de Ponta Grossa.

 Orientadora: Profa. Dra. Márcia Cristina do Carmo.

 1. Fonética e fonologia. 2. Prosódia (Linguística). 3. Oralidade e letramento. 4. Vírgula (Pontuação). 5. Vestibular. I. Carmo, Márcia Cristina do. II. Universidade Estadual de Ponta Grossa. Linguagem, Identidade e Subjetividade. III.T.

CDD: 469.1



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA
Av. General Carlos Cavalcanti, 4748 - Bairro Uvaranas - CEP 84030-900 - Ponta Grossa - PR - <https://uepg.br>

TERMO

GABRIELA MOREIRA DOS SANTOS SIMÕES

O EMPREGO NÃO CONVENCIONAL DA VÍRGULA EM ESQUEMA SIMPLES EM REDAÇÕES DE VESTIBULANDOS DA UEPG: ANÁLISE PROSÓDICA

Dissertação apresentada para obtenção do título grau de Mestre em Estudos da Linguagem na Universidade Estadual de Ponta Grossa, Área de concentração em Linguagem, Identidade e Subjetividade.

Ponta Grossa, 04 de junho de 2025

Prof.^a Dra Márcia Cristina do Carmo - Universidade Estadual de Ponta Grossa

Prof.^a Dra Pascoalina Bailon de Oliveira Saleh - Universidade Estadual de Ponta Grossa

Prof.^a Dra Cristiane Carneiro Capristano - Universidade Estadual de Maringá



Documento assinado eletronicamente por **Cristiane Carneiro Capristano, Usuário Externo**, em 05/06/2025, às 11:14, conforme Resolução UEPG CA 114/2018 e art. 1º, III, "b", da Lei 11.419/2006.



Documento assinado eletronicamente por **Pascoalina Bailon de Oliveira Saleh, Professor(a)**, em 05/06/2025, às 11:15, conforme Resolução UEPG CA 114/2018 e art. 1º, III, "b", da Lei 11.419/2006.



Documento assinado eletronicamente por **Marcia Cristina do Carmo, Professor(a)**, em 06/06/2025, às 12:03, conforme Resolução UEPG CA 114/2018 e art. 1º, III, "b", da Lei 11.419/2006.



A autenticidade do documento pode ser conferida no site <https://sei.uepg.br/autenticidade> informando o código verificador **2469087** e o código CRC **537B8E3C**.

Dedico a Deus, ao meu esposo - Gustavo -, ao nosso filho - Luke -, à minha mãe - Fabiane -, e ao meu pai - Paulo (em memória).

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço a Deus, que me sustenta e me capacita a cada dia.

Um agradecimento especial ao meu esposo, Gustavo, que é meu porto seguro e que em todo tempo segurou minha mão e foi meu maior incentivador nesta jornada.

Registro, com imensa admiração, meus agradecimentos à minha orientadora, Prof.^a Dr.^a Márcia Cristina do Carmo, por todo o empenho, profissionalismo e generosidade ao me conduzir e orientar neste trabalho. Sua dedicação constante, sua excelência acadêmica e sua postura sempre atualizada – especialmente no que diz respeito à importância das apresentações em eventos e à motivação para que ocupemos esses espaços – foram fundamentais neste processo. Agradeço, ainda, por sua disponibilidade incansável, pelas valiosas orientações, pela empatia, pelos empréstimos de livros e, sobretudo, por acreditar neste projeto mesmo nos momentos mais difíceis. Seu exemplo como pesquisadora e professora deixará marcas profundas na minha trajetória.

Agradeço, em especial, à Prof.^a Dr.^a Pascoalina Bailon de Oliveira Saleh, que fez contribuições grandiosas desde que participou como debatedora da minha pesquisa, ainda no início, no VIII SETEDI em 2024, em seguida como banca avaliadora na qualificação e na defesa desta dissertação juntamente com a Prof.^a Dr.^a Cristiane Carneiro Capristano, por quem tenho enorme admiração e apreço pelos apontamentos valiosos que realizou para esta pesquisa, desse modo, a quem também agradeço. Ambas contribuíram ricamente para a continuidade desta pesquisa e fizeram observações relevantes para esta dissertação.

Com carinho, expresso meus sinceros agradecimentos aos professores e professoras do Departamento de Estudos da Linguagem da UEPG, cuja dedicação e excelência foram fundamentais na minha formação desde a graduação. Em especial, agradeço ao Prof. Dr. Álvaro Kasuaki Fujihara, por quem tenho profundo respeito e gratidão pela orientação na elaboração do artigo que defendi como Trabalho de Conclusão de Curso. Minha gratidão também à Prof.^a Dr.^a Lucimar Araújo Braga, cujas aulas na disciplina de Desenvolvimento Docente contribuíram significativamente para minha formação no Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem. Agradeço, ainda, à sempre atenciosa Vilma, cuja disponibilidade e gentileza no atendimento aos discentes são admiráveis. Ao Prof.

Dr. Marcos Carreira, grande referência na área da sintaxe – com quem tive o prazer de ter aulas na graduação –, agradeço pela generosidade em aceitar compor a banca desta dissertação como suplente, juntamente com a Prof.^a Dr.^a Luciane Trennephol da Costa, a quem também agradeço pela disponibilidade. A cada docente que marcou minha trajetória com ensinamentos e apoio, deixo aqui meu profundo reconhecimento e agradecimento.

Não posso deixar de mencionar meu agradecimento à Prof.^a Dr.^a Geovana Soncin, com quem tive um breve encontro no XIII Congresso Internacional da Abralin, mas estimulou a reflexão acerca dos encaminhamentos para esta dissertação quando eu ainda estava debruçada sobre uma grande quantidade de amostras, desbravando a delimitação dos dados.

Agradeço, também, a meus colegas acadêmicos e acadêmicas, que compartilham conhecimento e desabafos, especialmente às minhas “irmãs” por parte de orientadora – Tayná Bugai, que nunca negou compartilhar suas experiências e conhecimento, e Izabely da Cruz, jovem pesquisadora e mãe, assim como eu, com quem pude trocar experiências e desabafos em diferentes momentos.

Não posso deixar de prestar minha gratidão às pessoas que são tão importantes em minha vida:

Ao meu filho, Luke, que participou comigo do processo de pesquisa desde minha gestação.

À minha mãe, Fabiane Banks, mesmo que de longe, sempre movendo o mundo para me incentivar e ajudar em vários aspectos da minha vida, sem dúvidas, meu maior exemplo de superação e determinação.

Às minhas avós, Edir e Lourdes, que são minhas inspirações como mulheres.

À memória do meu pai, Paulo, que deixou saudades eternas, me ensinou o valor do trabalho e a nunca desistir.

À memória de meu avô paterno, Antônio, que sempre demonstrou como levar a vida de forma simples e bem-humorada, e de meu avô materno, Osório, que em vida me ensinou a valorizar a família e a importância do comprometimento, sempre demonstrou garra - principalmente na luta que travou contra o câncer -, além de me incentivar sempre que podia, dizendo que eu ainda iria muito longe.

Aos meus amados pastores, Sandra e Leo Pinheiro, que sempre oram por mim e me incentivam.

Aos meus irmãos – especialmente ao Davi, que, apesar da pouca idade e de não residirmos na mesma cidade, foi meu braço direito em diversos momentos em que pôde estar presente.

À tia Simone e ao Marcos, que receberam a mim e ao meu marido em sua casa, quando fui, grávida de aproximadamente 18 semanas, apresentar um trabalho no 69º GEL, que ocorreu na USP.

Por fim, aos familiares e amigos que, de alguma forma, estiveram presentes em algum momento desta jornada. Seriam muitas pessoas para apontar nominalmente, desde familiares a amigas da minha mãe, no entanto, me proponho a nomear algumas pessoas que se mobilizaram para me estender as mãos como puderam: minhas tias – Isa, Mirian, Fabíola, Flávia, Isis –, minhas primas – Jennifer, Taynara e Alessandra –, e meus sogros – Antônio e Irene.

Muito obrigada a todos vocês!

RESUMO

O presente trabalho analisou o emprego não convencional da vírgula em esquema simples em redações escritas por alunos que prestaram o vestibular da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG) no ano de 2022. Consideramos o modo heterogêneo de constituição da escrita (Corrêa, 2004) como corrente teórica que norteou nossa concepção de escrita, uma vez que os fatos linguísticos (fala/escrita) são expressos pelo sujeito de linguagem por meio das práticas sociais (oralidade/letramento). Além disso, outra teoria que embasou nossa pesquisa foi a fonologia prosódica, que, de acordo com Nespor e Vogel (1986), interage com outros componentes da gramática além da fonologia, como, por exemplo, morfologia, sintaxe e semântica. As autoras afirmam que os elementos prosódicos são organizados de forma hierárquica e apresentam regras próprias, sendo os constituintes divididos da seguinte maneira: sílaba, pé, palavra fonológica, grupo clítico, frase fonológica, frase entoacional e enunciado fonológico. Diante disso, os constituintes mais altos na hierarquia (*frase fonológica, frase entoacional e enunciado fonológico*) foram os constituintes mobilizados em nossas análises, com base em estudos realizados anteriormente a respeito do emprego da vírgula, a saber: Araújo-Chiuchi (2012); Soncin (2014); Soncin e Tenani (2015); Soncin e Rodrigues (2018); e Francisco (2024). Ademais, verificamos a relação dos usos não convencionais da vírgula em esquema simples com elementos prosódicos do Português Brasileiro. Nossa hipótese inicial era a de que a prosódia da língua poderia influenciar o uso da vírgula, uma vez que elementos prosódicos estão presentes tanto na fala quanto na escrita, como afirma Soncin (2014). O conhecimento que os falantes trazem ao registrarem seus textos de forma escrita carrega informações prosódicas, as quais possivelmente fazem com que os escreventes usem a vírgula da forma como a utilizam, independentemente da sua convencionalidade. O corpus desta pesquisa é formado por textos fornecidos pela Coordenadoria de Processos de Seleção (CPS) da UEPG, dos quais selecionamos 50 redações com nota zero e 50 redações que obtiveram nota abaixo da média. Analisamos os trechos em que houve emprego não convencional da vírgula em esquema simples, com o intuito de observar como ocorreu a pontuação não convencional do ponto de vista dos domínios prosódicos. Trata-se, pois, de uma pesquisa exploratória e com foco na análise qualitativa dos dados obtidos por meio das redações analisadas. Como resultado, com nossas amostras textuais de redações de vestibulandos, corroboramos resultados de estudos anteriores (Soncin, 2014; Francisco, 2024) que apontam que a frase entoacional é o constituinte que, predominantemente, motiva o emprego de vírgula, embora haja outros domínios que envolvem esse processo, como a frase fonológica e o enunciado fonológico (Araújo-Chiuchi, 2012). Sendo assim, também concebemos a vírgula para além de um sinal gráfico, pois estabelece relações sintáticas e semânticas mobilizadas no nível prosódico.

Palavras-chave: Fonética e fonologia, prosódia, oralidade e letramento, vírgula, vestibular.

ABSTRACT

This paper analyzes unconventional uses of commas in a simple scheme in essays written by students for the college entrance examination of State University of Ponta Grossa (UEPG) in 2022. We adopt the Heterogeneous Mode of Writing Constitution (Corrêa, 2004) as the theoretical framework guiding our conception of writing, considering that linguistic phenomena (speaking/writing) are expressed by language subjects through social practices (orality/literacy). Furthermore, another theoretical background that is the basis of this research is prosodic phonology, which, according to Nespor and Vogel (1986), interacts with other grammar components, aside from phonology, for instance, morphology, syntax and semantics. The authors claim that the prosodic elements are hierarchically organized and present their own rules, and they are divided in: syllable, foot, phonological word, clitic group, phonological phrase, intonational phrase and phonological utterance. Considering this, the higher-ranked constituents (*phonological phrase*, *intonational phrase*, and *phonological utterance*) are the ones mobilized in our analyses, based on previous studies on comma usage, namely: Araújo-Chiuchi (2012); Soncin (2014); Soncin and Tenani (2015); Soncin and Rodrigues (2018); and Francisco (2024). Moreover, we examine the relationship between the unconventional uses of commas in a simple scheme and the prosodic elements of Brazilian Portuguese (BP). Our initial hypothesis was that the prosody of BP could influence comma usage, once prosodic elements are part of speaking and writing, according to Soncin (2014). The knowledge that speakers bring when registering their texts in written form carries prosodic information, which may lead to their usage of commas, regardless of convention. This research corpus is composed of texts provided by Selection Process Coordination (CPS) of UEPG, which were chosen following the criteria: 50 essays scored zero and 50 essays with a score below average. The excerpts which commas were unconventionally used in a simple scheme were analysed, aiming to observe how unconventional punctuation occurred from the perspective of prosodic domains. This is an exploratory study focused on the qualitative analyses of the data obtained from the analyzed essays. As a result, with our text samples of college entrance examination essays, we corroborate the results from previous studies (Soncin, 2014; Francisco, 2024) that highlight the intonational phrase as the constituent that predominantly motivates the use of commas, although there are other domains involved in this process, such as the phonological phrase and the phonological utterance (Araújo-Chiuchi, 2012). Therefore, we conceive the comma as more than a mere graphic symbol, as it establishes syntactic and semantic relationships that operate at the prosodic level.

Keywords: Phonetics and phonology, prosody, orality and literacy, comma, entrance examination.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Vírgula não convencional após a conjunção mas.....	20
Figura 2 – Regularidades linguísticas no primeiro eixo de circulação dialógica do escrevente (Corrêa, 1997).....	22
Figura 3 – Esquema representacional da hierarquia prosódica.....	29
Figura 4 – Exemplos de empregos não convencionais da vírgula.....	39
Figura 5 – Exemplo de emprego não convencional da vírgula: relação tópico/comentário.....	45
Quadro 1 – Aspectos gerais dos trabalhos apresentados nesta seção.....	46
Figura 6 – Síntese do levantamento de dados de vírgula por Soncin (2014).....	56
Quadro 2 – Regras para o emprego da vírgula.....	58
Gráfico 1 – Ocorrências de emprego não convencional da vírgula.....	61
Figura 7 – Trecho texto 1 da prova de redação do vestibular 2022 da UEPG.....	74
Quadro 3 – Ilustração dos eixos da representação da escrita identificados nos trechos.....	74
Figura 8 – Texto 1 para proposta de redação do vestibular 2022 da UEPG.....	77
Quadro 4 – Redações que fugiram ao tema proposto pela prova de redação do vestibular 2022 da UEPG.....	87
Figura 9 – Uso da pontuação esperada no Ensino Médio.....	90
Quadro 5 – Principais diferenças entre estudos da vírgula não convencional presentes em ϕ , I e U.....	94

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Estruturas sintáticas identificadas a partir do emprego não convencional da vírgula antes de e e ou.....	63
Tabela 2 – Estruturas prosódicas em relação à presença não convencional da vírgula entre sujeito e predicado.....	67
Tabela 3 – Emprego não convencional da vírgula em relação a outro possível sinal de pontuação.....	71
Tabela 4 – Contextos sintáticos em relação ao emprego não convencional da vírgula em esquema simples e respectivos constituintes prosódicos mobilizados.....	81
Tabela 5 – Constituintes prosódicos mobilizados pela vírgula não convencional em esquema simples em relação ao contexto sintático em que atua.....	84
Tabela 6 – Vírgulas não convencionais em esquema simples nas redações que não demonstram fuga ao tema.....	88
Tabela 7 – Ocorrências de vírgulas não convencionais em esquema simples por contexto sintático em relação à nota obtida.....	89

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CPS	Coordenadoria de processos de seleção
F0	Frequência fundamental
PB	Português Brasileiro
UEPG	Universidade Estadual de Ponta Grossa

LISTA DE SÍMBOLOS

σ	Sílaba
Σ	Pé
ω	Palavra fonológica
C	Grupo clítico
ϕ	Frase fonológica
I	Frase entoacional
U	Enunciado fonológico

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	15
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	19
2.1 FALA E ESCRITA: ALGUMAS CONCEPÇÕES.....	19
2.2 PROSÓDIA.....	26
2.2.1 CONSTITUINTES PROSÓDICOS.....	28
2.3 ALGUNS ESTUDOS SOBRE EMPREGO DE VÍRGULA.....	37
3 MATERIAL E MÉTODOS.....	48
3.1 CÓRPUS.....	48
3.2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	52
4 ANÁLISE DOS DADOS.....	61
4.1 REDAÇÕES COM BAIXAS AVALIAÇÕES: QUAL O PAPEL DA VÍRGULA?.....	85
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	92
REFERÊNCIAS.....	97
ANEXO A - TRECHOS EXTRAÍDOS DOS TEXTOS QUE COMPÕEM O CÓRPUS DESTA PESQUISA.....	101
ANEXO B - PROPOSTA PARA ELABORAÇÃO DA REDAÇÃO.....	112
ANEXO C - INSTRUÇÕES PARA ELABORAÇÃO DA REDAÇÃO.....	113
ANEXO D - CONSIDERAÇÕES SOBRE A PROVA DE REDAÇÃO.....	114
ANEXO E - REGRAS GRAMATICAIS SOBRE O USO DO PONTO.....	115
ANEXO F - REGRAS GRAMATICAIS SOBRE O USO DO PONTO DE INTERROGAÇÃO.....	116
ANEXO G - REGRAS GRAMATICAIS SOBRE O USO DOS DOIS PONTOS.....	117

1 INTRODUÇÃO

Um ensino pautado em prescrições gramaticais que desconsideram as práticas sociais (oralidade/letramento) desconsidera, também, a complexidade da vírgula. O emprego da vírgula é, geralmente, concebido a partir das noções de “erro” e “acerto”, menosprezando o caráter heterogêneo da escrita (Corrêa, 2004). Estudos anteriores (Chacon, 1996; Corrêa, 2004) explicitam as características do ritmo presente na escrita, bem como das relações entre o oral/letrado e falado/escrito. Chacon (1996) relaciona o ritmo da escrita com o ritmo da linguagem como um todo, considerando o vínculo entre ambos; nesse sentido, o autor compreende o ritmo como um recurso que organiza a linguagem. Para Chacon (1996), são os sinais de pontuação que organizam a escrita, pois, de acordo com o autor, revelam um de seus traços mais característicos: *o do tempo em seu movimento*.

Assim sendo, levando em consideração a importância da pontuação na escrita (Jung; Saleh, 2011) que, entretanto, não é amplamente explorada nos estudos desta área, buscamos compreender os mecanismos da vírgula, especificamente, em redações de vestibular. Sendo assim, esta dissertação analisa o emprego não convencional da vírgula em esquema simples em redações escritas por alunos que prestaram o vestibular da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG) no ano de 2022, como em “o conceito vem, ganhando vantagem e destaque” (zero-03)¹ e “a justiça da Espanha, apenas fingiu que nada aconteceu” (zero-48).² A análise acerca desse emprego é conduzida a partir de uma perspectiva prosódica, com base em trabalhos realizados anteriormente (Araújo-Chiuchi, 2012; Soncin, 2014; Soncin; Tenani, 2015; Soncin; Rodrigues, 2018; Francisco, 2024).

Visamos, com esta pesquisa, contribuir com discussões no âmbito do ensino da vírgula, que, geralmente, encontra-se engessado e pautado em gramáticas normativas que levam a uma abordagem prescritiva, em que não há uma proposta reflexiva acerca dos usos da pontuação, especialmente da vírgula. Nesse sentido, os dados analisados poderão contribuir com essa discussão.

A investigação *prosódica* do emprego não convencional da vírgula em esquema simples *nas redações da UEPG* marca o ineditismo da presente pesquisa de Mestrado. Para além disso, optamos por analisar textos de alunos que obtiveram

¹ A notação do corpus é apresentada na seção 3.1 desta dissertação.

² Para melhor visualização dos dados, as vírgulas são destacadas em amarelo e negrito.

notas zero ou abaixo da média devido ao nosso interesse em investigar, nesses textos de baixo desempenho, as produções de sentido decorrentes do uso não convencional da vírgula em esquema simples. Na literatura, há poucas pesquisas anteriores que priorizam dados de alunos que, segundo indicam as notas, não atenderam às exigências da prova de redação (Corrêa, 1997). Por esse motivo, nossa pesquisa dá destaque às redações com avaliações mais baixas, ou seja, o baixo desempenho obtido pelos vestibulandos e a consequente exclusão do processo de seleção. Uma vez que encontramos uma lacuna nos estudos acerca do uso de vírgula em desacordo com a convenção em textos de alunos que se supõe estarem em condições de concluintes do Ensino Médio. Em especial, nos interessa o uso não convencional da vírgula não como indício de *problemas no uso da pontuação*, mas como marca da heterogeneidade da escrita (Capristano, 2010). O presente estudo contribui para que tenhamos uma visão mais ampla do funcionamento da vírgula, especialmente o uso em desacordo com a convenção em textos de vestibulandos e sua relação com a dimensão prosódica da língua.

A complexidade da vírgula é revelada ao ser definida como um sinal de pontuação em que ocorrem flutuações das regras que definem a convencionalidade de seu uso (Soncin; Tenani, 2015, e outros). Tais regras, cabe mencionar, têm caráter tipicamente sintático, o que pressupõe que os sujeitos de linguagem dominem as normas gramaticais prescritas em relação à sintaxe da língua. A vírgula é fortemente relacionada, também, às pausas na fala (Cunha; Cintra, 2016; Bechara, 2009), o que pressupõe que esse sinal de pontuação possui um caráter meramente gráfico para representar um fenômeno que está presente na fala, marcando, assim uma visão dicotômica entre o que é gráfico (escrita) e o que é sonoro (fala), o que nos leva a questionar o que seria pausa, geralmente associada com momentos de respiração na fala, e a sua relação com as regras sintáticas que regem as prescrições para o ato de pontuar com vírgula. A escola tem um papel crucial para a disseminação da visão simplificada no uso da vírgula – ao reduzir o uso desse sinal de pontuação à representação da pausa como característica exclusiva da fala, conforme apontado. Todavia, a vírgula compreende, além de aspectos sintáticos, também semânticos, prosódicos e enunciativos (Chacon, 1996; Araújo-Chiuchi, 2012; Soncin, 2014).

Ancoramo-nos em pesquisas anteriores (Soncin, 2014; Soncin; Tenani, 2015; Soncin; Rodrigues, 2018; e Francisco, 2024) acerca da ocorrência de vírgula em

fronteira de frases fonológicas, frases entoacionais e enunciado fonológico (Araújo-Chiuchi, 2012), a saber, esses são os três constituintes mais altos da hierarquia prosódica, conforme será apresentado no próximo capítulo (seção 2.2). Salientamos que, apesar de os contornos entoacionais performarem pistas acústicas na fala, não é nosso objetivo identificar quais seriam essas pistas, uma vez que o conjunto de dados desta pesquisa é expressamente escrito. Entretanto, com base nas pesquisas mencionadas, buscamos identificar as fronteiras prosódicas e os contornos entoacionais formados em uma possível realização de leitura, por meio de pistas especialmente sintáticas, como mostraremos no capítulo 4.³

Partimos do pressuposto de que a fala e a escrita não são uma representação de uma para outra, mas, sim, são fatos da língua expressos por práticas sociais da oralidade/letramento (Corrêa, 2004; Chacon, 2022), nas quais ocorre a circulação dialógica do escrevente por meio daquilo que já foi ouvido/lido e falado/escrito. Sendo assim, ao pontuar, o escrevente deixa marcas de si mesmo a fim de interagir com seu interlocutor (Corrêa, 2004). O conceito de dialogismo em que Corrêa (2004) baseia sua teoria provém de Bakhtin (1981) e Volóchinov (2021), que “concebe o dialogismo como o princípio constitutivo da linguagem e a condição do sentido do discurso” (Barros, 1994, p. 2). Para Volóchinov (2021), a essência da língua é constituída pelas relações sociais. O autor afirma “o enunciado se forma entre dois indivíduos socialmente organizados” (Volóchinov, 2021, p. 204). O filósofo russo completa, ainda, que, em sua *ausência*, o interlocutor é projetado de acordo com a imagem que é concebida a partir das relações sociais das quais o *falante* faz parte. Portanto, o autor defende a importância da *palavra* dirigida a um interlocutor, destacando que a palavra é “o produto das inter-relações do falante com o ouvinte” (Volóchinov, 2021, p. 205). Podemos, a partir das considerações dos estudiosos, afirmar que o dialogismo está ligado ao diálogo entre sujeitos da linguagem e entre os vários discursos.⁴

Para realizar esta pesquisa, foram analisadas 100 redações escritas por candidatos do Vestibular 2022 da UEPG, fornecidas pela Coordenadoria de

³ Um estudo sobre os fenômenos prosódicos mais específicos que podem ocorrer em relação ao uso da vírgula (seja convencional ou não) pode ser visto em Soncin (2014). Sua pesquisa será resumida na seção 2.3 desta dissertação.

⁴ Não é nosso objetivo conceituar a ampla discussão acerca do *dialogismo bakhtiniano*. Para mais detalhes, ver Bakhtin (1984), Barros (1994, 2007) e Volóchinov (2021).

Processos de Seleção (daqui em diante, CPS) da universidade. Dessas, 50 obtiveram nota zero e 50 abaixo da média.

Conforme será detalhado no capítulo 3, a fim de delimitar os dados desta pesquisa, excluimos ocorrências de rasura, ausência não convencional de vírgula, presença convencional da vírgula, vírgulas em esquema duplo e dados de complexidade sintático-semântica.⁵ Reconhecemos que, por sua complexidade, foi necessário realizar esses recortes para atender ao nosso objetivo geral: investigar o uso da vírgula como forma de explorar a heterogeneidade presente na atividade de pontuação, especificamente a mobilização no nível prosódico da língua.

Nosso objetivo geral desdobra-se nos seguintes objetivos específicos: (i) examinar o uso não convencional da vírgula em esquema simples; (ii) mostrar a possível formação de domínios prosódicos nos enunciados escritos a partir de pistas sintáticas e sua interface com a prosódia (Nespor; Vogel, 1986) por meio da realização de uma possível leitura (Soncin, 2014); e (iii) compreender as produções de sentido construídas em redações de candidatos do vestibular de 2022 da UEPG por meio do uso não convencional da vírgula, considerando os constituintes prosódicos envolvidos.

Esta dissertação está organizada da seguinte forma: no Capítulo 2, apresentamos as correntes teóricas que fundamentam esta pesquisa, com destaque ao modo heterogêneo de constituição da escrita, elaborado por Corrêa (2004), e à Fonologia Prosódica, proposta por Nespor e Vogel (1986); além da apresentação de estudos com os quais dialogamos (Araújo-Chiuchi, 2012; Soncin, 2014; Soncin; Rodrigues, 2018; Francisco, 2024). No Capítulo 3, expomos o material e os métodos que foram adotados no decorrer desta investigação. Em 4, são conduzidas a análise e a discussão dos dados extraídos das 100 redações que compõem o conjunto de dados deste trabalho. Por fim, o Capítulo 5 contém as considerações finais, sendo seguido pelas referências bibliográficas e pelos anexos.

⁵ Dados de complexidade sintático-semântica referem-se àqueles que apresentam certa ambiguidade, dificultando, assim, determinar a convencionalidade da vírgula de acordo com Cunha e Cintra (2016) – gramática de referência eleita como base para classificação dos dados, escolha essa que será justificada na seção 3.2 desta dissertação. Maiores detalhes sobre a delimitação das amostras textuais selecionadas também serão abordados no capítulo 3.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Neste capítulo, discorreremos sobre o modo heterogêneo de constituição de escrita (Corrêa, 2004), proposta que embasa esta pesquisa no que tange às relações entre fala e escrita/oralidade e letramento; e sobre a prosódia, com base na Fonologia Prosódica (Nespor; Vogel, 1986). Em seguida, trataremos sobre o emprego da vírgula, a partir de uma perspectiva linguística, em uma seção sobre alguns estudos já realizados acerca do uso da vírgula e sua relação com a prosódia (Araújo-Chiuchi, 2012; Soncin; Tenani, 2015; Soncin; Rodrigues, 2018; Francisco, 2024), a fim de apresentar um panorama geral à respeito da vírgula em seu viés prosódico e estabelecer diálogo com essas pesquisas.

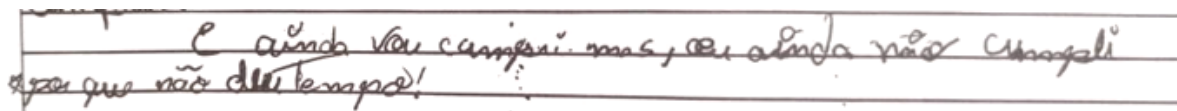
2.1 FALA E ESCRITA: ALGUMAS CONCEPÇÕES

Nesta seção, exploramos alguns conceitos sobre *escrita* e sua relação com a *fala*, bem como a proposta do *modo heterogêneo de constituição da escrita* (Corrêa, 2004), que fundamenta nossa concepção de escrita.⁶

Para Marcuschi (2010), em alguns momentos, a fala e a escrita se aproximam de tal forma que chegam a se “mesclarem”. Em outros momentos, separam-se, mas não ao ponto de tratarmos de duas línguas diferentes. Para esse autor, a oralidade e o letramento não chegam a ser práticas sociais opostas a fim de caracterizarem diferentes sistemas linguísticos; no entanto, apresentam usos próprios. O autor afirma, ainda, que “a escrita não pode ser tida como uma representação da fala” (Marcuschi, 2010, p. 17). No caso, o autor ressalta que a escrita não imprime a prosódia, que assume ser característica da fala, mas considera uma “prosódia graficamente representada” (Marcuschi, 2010, p. 17). Por exemplo, Tenani (2022) estabelece o vínculo entre prosódia e escrita por meio da vírgula não convencional após a conjunção “mas” no exemplo:

⁶ Não é nosso propósito apresentar de forma aprofundada a proposta de Corrêa (2004), mas nortear a concepção de escrita adotada nesta pesquisa. Para mais detalhes, ver Corrêa (1997), Corrêa (2004) e Capristano (2010).

Figura 1 - Vírgula não convencional após a conjunção *mas* (Tenani, 2022)



Fonte: Tenani (2022, p. 143)

A pesquisadora argumenta que essa ocorrência se dá por meio de relações enunciativas – é uma *resposta* do escrevente aos seus interlocutores imediatos –, que se ancoram em uma organização prosódica, com o reconhecimento de fronteiras entoacionais, em que, geralmente, acontece a pausa. Sendo assim, a autora sintetiza que “as vírgulas (convencionais ou não) são sinais de que fronteiras prosódicas [...] são projetadas nos textos escritos, especialmente quando estão associadas às funções semânticas e enunciativas desse sinal de pontuação” (Tenani, 2022, p. 151).⁷

Embora fala e escrita estejam intimamente relacionadas, esta não é transposta por aquela (Chacon, 2022). Fala e escrita podem ser definidas como “dois diferentes modos de produção e de atribuição de sentidos, construídos sob a base de diferentes semioses: (1) a acústico-auditiva, na fala; e (2) a gráfico-visual, na escrita” (Chacon, 2021, p. 4). Para o autor, a escrita é um ato enunciativo resultado da inserção do escrevente em determinadas práticas de letramento, enquanto práticas discursivas. Nesse sentido, Chacon (2021, p. 5) afirma que a constituição do sujeito de linguagem, tanto como falante quanto como escrevente, emerge do “atravessamento simultâneo por diferentes práticas de oralidade e letramento”. Exemplifica que a escrita é perpassada pelas tentativas de demarcar os contornos entoacionais da fala por meio da pontuação, nesse sentido, o autor postula que “não existe uma escrita ‘pura’, não atravessada pela fala” (Chacon, 2022, p. 167).

Para Chacon (2022), fala e escrita são constitutivamente heterogêneas, pois estão presentes simultaneamente na diversidade de práticas orais e letradas. Essa concepção está pautada na proposta de Corrêa (2004) acerca do *modo heterogêneo de constituição da escrita*. De acordo com esse modelo teórico, a prática social (oral/letrado) e os fatos linguísticos (falado/escrito) estão fortemente ligados, uma vez que todo fato linguístico exprime uma ação social do falante/escrevente. Nesse

⁷ Alguns estudos sobre o funcionamento da vírgula e sua interface com a prosódia serão explorados mais adiante.

sentido, a concepção assumida por Corrêa (2004) em relação à constituição heterogênea da escrita é a de que há um encontro entre o oral/falado e o letrado/escrito. Portanto, considera a “circulação dialógica do escrevente [...]”⁸ e a imagem que o escrevente faz da escrita, tomada como parte de um imaginário socialmente partilhado” (Corrêa, 2004, p. 9).

O linguista nos apresenta três “eixos que orientam a circulação do escrevente pelo imaginário sobre a escrita” (Corrêa, 2004, p. 10), a saber: (i) a escrita em sua suposta gênese (aproximação da fala e da escrita); (ii) o código institucionalizado da escrita (processo social geralmente escolar e ligação entre oral/letrado e falado/escrito); e (iii) a dialogia do já falado/escrito (tudo o que já foi dito/escrito e ouvido/lido).

Abordaremos, mais detalhadamente, os três eixos que orientam a circulação do escrevente pelo imaginário da escrita. Corrêa (2004) subdivide cada eixo a fim de que possibilite encontrar *pistas linguísticas* nos textos que analisa (vestibulandos), o autor considera essas pistas como *regularidades* que levam até a *individuação* do escrevente.

O primeiro eixo – *O escrevente e a representação da gênese da escrita* – parte do pressuposto da *mixagem entre oral/falado e letrado/escrito*. De acordo com Corrêa (2004, p. 81),

A mixagem detectada atém-se aos aspectos da assunção da escrita como transcodificação, extensão ou projeção do gesto articulatório em gesto gráfico; como instrumento de gravação fiel da memória sonora do falado; ou, finalmente, como tentativa de representação do planejamento conversacional e do jogo argumentativo prosodicamente marcado.

O autor define, ainda, esse primeiro eixo como a “atribuição de um lugar para o oral/falado no letrado/escrito” (Corrêa, 2004, p. 82). Ou seja, esse eixo denuncia a “falsa pureza da escrita” (Corrêa, 2004, p. 83). Além disso, as *regularidades linguísticas* detectadas pelo autor estão relacionadas a: (i) *sintaxe*; (ii) *marcas da dimensão sonora da linguagem e do léxico*; (iii) *organização textual*; e (iv) *recursos argumentativos*. O autor subdivide essas *propriedades* conforme avança em sua análise.

Nesse eixo, destacamos as marcas da dimensão sonora da linguagem e do léxico, que se subdivide da seguinte forma:

⁸ O autor baseia-se em Bakhtin (1979).

Figura 2 - Regularidades linguísticas no primeiro eixo de circulação dialógica do escrevente (Corrêa, 2004)

Regularidades linguísticas	%
I. A dimensão sonora da linguagem e a gênese da escrita	30,5
(1) A prosódia e a falta de lexicalização	1,7
(2) A prosódia e a pontuação	12,0
(A) A prosódia e o emprego não convencional da vírgula	8,5
(B) A prosódia e a falta ou confusão no emprego da pontuação	3,5
(3) A dimensão sonora da linguagem e a ortografia	16,8
II. O léxico e a representação da gênese	8,1
Porcentagem de ocorrências (dimensão sonora e lexical)	38,6

Fonte: Corrêa (2004, p. 114, grifo nosso)

Abordaremos a prosódia na próxima seção, no entanto, sublinhamos que, para Corrêa (2004), a prosódia – recurso sonoro – é recuperável em enunciados escritos, especialmente, “por meio da articulação com outros planos, por exemplo, o próprio léxico ou [...] a sintaxe” (Corrêa, 2004, p. 116). Em relação à prosódia e ao emprego não convencional da vírgula, o autor explica os trechos em que a vírgula não convencional demarca momentos em que poderia ocorrer pausa na fala, desse modo, compreendendo um *gesto articulatório* que “acompanha o processo de escrita nesse ato enunciativo” (Corrêa, 2004, p. 121). Nessa regularidade, o autor identificou a presença da tentativa de os escreventes representarem o léxico da coletânea, no entanto, por meio das análises empregadas, concluiu que essa tentativa não exclui o *ineditismo de individuação do sujeito*. Outro exemplo desse eixo, desta vez relacionado à grafia não convencional, é trazido por Carmo, Dias e Bugai (2024), ao analisarem textos do 6º ano do ensino fundamental de duas escolas públicas de Ponta Grossa (PR). As autoras apontam que há dados nos textos analisados que engendram a variedade linguística na qual os escreventes estão inseridos, “como a pronúncia de ‘d[i]pois’, no momento da sua escrita, materializando a grafia ‘dipois’, que não segue a convenção ortográfica” (Carmo; Dias; Bugai, 2024, p. 14).

No segundo eixo proposto por Corrêa (2004) – *o escrevente e a representação do código escrito institucionalizado* –, o autor elucida que o termo *código* se refere ao “processo de fixação metalinguística da escrita pelas várias instituições” (Corrêa, 2004, p. 10). Desse modo, está condicionado às transformações históricas e sociais. Em outras palavras, o código escrito institucionalizado, segundo a teoria do modo heterogêneo da constituição de escrita (Corrêa, 2004), está fortemente ligado à ideia de um imaginário social historicamente construído. Portanto, a representação pelo código institucionalizado que o escrevente busca é compreendida como aquilo que o sujeito procura representar em (sua) escrita que considera ser o modelo institucionalizado, ou seja, o que aprendeu na escola, mas não só, uma vez que boa parte dessa assimilação ocorre fora dela. Ou seja, embora a norma culta seja fortemente requerida na escrita em espaços escolares, o pesquisador reforça que não restringe o institucionalizado apenas à escola, uma vez que as práticas sociais orais/faladas e letradas/escritas acontecem, também, em outros contextos sociais. Nesse eixo, o autor encontra *regularidades* de acordo com as seguintes *dimensões linguísticas*: (i) *sintaxe*; (ii) *marcas lexicais*; (iii) *organização textual*; (iv) *recursos argumentativos*; e (v) *marcas ortográficas*. As ocorrências mais frequentes investigadas pelo autor acontecem nas marcas referentes à organização do texto. Ainda em concordância com Corrêa (2004), um dos recursos que competem à dimensão da organização textual é tipicamente gráfico, como é o caso das notas de rodapé, que foram detectadas pelo pesquisador em seu material de investigação. Portanto, o linguista afirma que “a utilização desses recursos tipicamente gráficos indica, como *saliência*, os gêneros textuais com que o escrevente tem mais contato” (Corrêa, 2004, p. 206). Um exemplo relativo a processos fonético-fonológicos nesse eixo pode ser encontrado em Dias, Carmo e Bugai (2024). As autoras analisaram 203 textos de cunho opinativo⁹ e identificaram dados com grafia não convencional como “*sprit*” para “*sprite*” ou “*opnião*” para “*opinião*”. Essas ocorrências, pertinentes à dimensão das “marcas ortográficas da representação do escrevente sobre a (sua) escrita como código escrito institucionalizado” (Corrêa, 2004, p. 221), partem da referência da própria letra e não do som – como é o caso do primeiro eixo. Nesse sentido, as pesquisadoras explicam

⁹ As pesquisadoras destacam que os textos advêm do trabalho de Mendes (2013). As redações foram escritas por 60 estudantes do 6º ano de duas escolas públicas de Ponta Grossa - PR.

que é possível identificar casos de *hipercorreção* relacionada à *epêntese*¹⁰ nesses dados, conforme destacam:

o escrevente (i) parte da existência de vocábulos como *pneu*, *pneumonia*, *déficit* e *internet*, grafados segundo a convenção ortográfica com consoantes “mudas”, apesar de suas realizações fonéticas serem seguidas por vogal média-alta anterior ou alta anterior em sua variedade linguística; (ii) formula uma regra de hipercorreção a partir da qual grafa *opnião* (para *opinião*) e *Sprit/sprait*, *notbook*, *saits* e *cicrets* (para, respectivamente, *Sprite*, *notebook*, *sites* e *chicletes*) (Dias; Carmo; Bugai, 2024, p. 9940).

Em relação ao terceiro eixo proposto por Corrêa (2004) – *a dialogia com o já falado/escrito* –, o autor defende que esse momento de circulação do escrevente prevê “um duplo papel [...] por guardar a dimensão dialógica que permite o movimento entre os três eixos – marcando fronteira entre eles – e por ser ele mesmo um pólo de circulação” (Corrêa, 2004, p. 286). É importante ressaltar que, de acordo com o pesquisador, o texto – em seu todo – pode ser tido como “produto do já-dito” (Corrêa, 2004, p. 68), e não apenas as partes destacadas para visualização do funcionamento deste eixo. Certamente, o próprio termo “dialogismo” já pressupõe que Corrêa (2004) embasa-se no *Círculo de Bakhtin* para construção das ideias centrais desse eixo de circulação do escrevente.

Corrêa (2004) enfatiza que a constituição da escrita é heterogênea, pois é um processo. Defende que a escrita é uma prática social que estabelece relações entre fala e escrita, além de considerar relevante, para a heterogeneidade da escrita, a interação entre sujeito e linguagem. Nesse sentido, ainda de acordo com o autor, quando o escrevente circula pelo imaginário da escrita – a representação feita pelo escrevente acerca do oral/falado e do letrado/escrito –, ele percorre também a sua própria constituição imaginária, ou seja, o que imagina a respeito de (sua) escrita. Portanto, nessa concepção teórica, faz-se essencial considerar a relação entre sujeito e linguagem. Conforme Benveniste (1988, p. 286), “é na linguagem e pela linguagem que o homem se constitui sujeito”. Por isso, Corrêa (2004, p. 15) defende a “circulação dialógica do escrevente”, que é orientada pelo eixo da dialogia. Nessa proposta, o escrevente é o mesmo sujeito falante, ou seja, traços da sua prática oral estarão presentes, também, em sua escrita (Corrêa, 2004).

¹⁰ Esse processo fonético-fonológico acontece quando há um acréscimo de uma vogal, como em “ad[i]vogado”. As autoras baseiam-se em Câmara Jr. (2002) e Collischonn (2006).

Sobre a escrita, Chacon (2022, p. 164) expõe que é necessário considerar “dois planos fundamentais da linguagem, os quais, a propósito, se mostram não só na escrita, mas, também, na fala: (a) o plano do dito; (b) o plano do dizer”. O autor explica que, no plano do dito, percebemos a organização das características da língua presentes na escrita, por meio da fonética e fonologia, morfologia, sintaxe e semântica. No plano do dizer, segundo o linguista, o olhar é voltado para a consequência do dito entre interlocutores, em síntese, a interação entre um “eu” e um “tu”. O autor retoma Benveniste (1978) para enfatizar que essa interação não é meramente pronominal, uma vez que a relação se concretiza a partir das trocas entre um “eu” que fala para um “tu”. Nesse sentido, ao tratar da segunda pessoa, Benveniste (1978) afirma: “‘tu’ é necessariamente designado por eu e não pode ser pensado fora de uma situação proposta a partir do ‘eu’; e, ao mesmo tempo, ‘eu’ enuncia algo como um predicado de ‘tu’” (Benveniste, 1978, p. 250).

Chacon (2022) conclui que, “como fenômeno de linguagem, a escrita é regulada, por um lado, por mecanismos da língua e, por outro, pelas condições de produção de um ato de linguagem” (Chacon, 2022, p. 167). Além disso, corrobora a proposta de Corrêa (2004) ao afirmar que “os escreventes são também falantes e levam, pois, para sua escrita, características de seus atos de fala” (Chacon, 2022, p. 167).

Para Chacon (2021), a escrita não sofre interferência da fala, pois essa ideia traduz que ora a escrita é atravessada pela fala e ora não é. No entanto, o sujeito que escreve é o mesmo que fala; “logo, a complexidade de tal constituição deixa traços na sua escrita” (Corrêa, 2004, p. 15).

Também seguindo o modo heterogêneo de constituição da escrita (Corrêa, 2004), Soncin e Tenani (2015) consideram a escrita como o encontro entre as práticas discursivas *fala* e *escrita*. As autoras afirmam que a prosódia é uma dimensão linguística que faz parte da escrita “como parte constitutiva de sua heterogeneidade” (Soncin; Tenani, 2015, p. 476). Em concordância com trabalhos realizados por Soncin e Tenani (2015), Chacon (2022) afirma que:

a dimensão fonológica da escrita se mostra também nos sinais de pontuação, já que eles marcam contornos entonacionais que orientam tanto a produção de sentidos na escrita de textos quanto a atribuição de sentidos na sua recepção, num ato de leitura (Chacon, 2022, p. 165).

Ou seja, a fonologia está presente na escrita e, a esse respeito, são os contornos entoacionais uma das características prosódicas que produzem sentido nos textos escritos ou lidos.

A partir das considerações realizadas por Chacon (1996), o ritmo está presente na linguagem como um todo. O autor traz estudos de diversos autores – Luria (1988), Holden e MacGinitie (1972), Abaurre (1989, 1991b) e Corrêa (1994a), dentre outros – acerca desse tema. Uma de suas constatações expõe que “Meschonnic e Moraes manifestam, portanto, em formulações diferentes, a ideia básica de que o ritmo está no cerne de todos os ‘níveis’ da linguagem” (Chacon, 1996, p. 31). Ainda de acordo com Chacon (1996, p. 114), os autores estudados em sua pesquisa trazem o ritmo como “uma propriedade linguística através da qual oralidade e escrita mantêm relações”.

Após a apresentação de algumas bases teóricas a respeito da noção de escrita, da sua relação com a fala e do caráter rítmico da escrita, damos sequência à fundamentação desta pesquisa. Na próxima seção, abordamos conceitos-chave acerca da prosódia, principalmente descrita por Nespor e Vogel (1986); na sequência, apresentamos alguns estudos anteriores com os quais esta dissertação dialoga.

2.2 PROSÓDIA

Nesta seção, abordaremos a teoria, principalmente de Nespor e Vogel (1986), acerca da fonologia prosódica e os principais conceitos em relação à organização da hierarquia prosódica.

O componente fonológico, segundo Nespor e Vogel (1986), não deve ser concebido como um sistema homogêneo, mas como um conjunto de subsistemas que interagem entre si, em que cada um é regido por suas próprias regras. As pesquisadoras concentram-se no subsistema *prosódico*, mais especificamente na teoria dos domínios. A *prosódia* pode ser definida como o ramo da linguística que analisa “propriedades ou traços suprasegmentais da fala, os quais são percebidos como parâmetros de *frequência fundamental*, *pitch*, *intensidade* e *duração*” (Silva, 2011, p. 183).

Nespor e Vogel (1986) afirmam que, de acordo com a teoria prosódica, a fala, em sua representação mental, é dividida em *chunks* – ou blocos, na tradução para o

português, conforme está presente em alguns trabalhos, como Soncin e Tenani (2015). De acordo com Selivan (2018), um *chunk* pode ser definido como uma combinação de palavras que aparecem juntas de maneira frequente e significativa, podendo ser fixas ou semifixas. Ou seja, *chunks* são partes menores ou maiores de uma sentença, que, segundo Lewis (2002), estão relacionadas com o entorno linguístico composto por palavras e estruturas que geralmente aparecem juntas. Essa concepção, segundo o autor, é facilitadora no aprendizado da gramática. Em contrapartida, Nespor e Vogel (1986) defendem que os *chunks* mobilizam os constituintes prosódicos da gramática, os quais atendem à aplicação de domínios de regras fonológicas específicas. Ou seja, “um dos aspectos centrais da fonologia prosódica [...] é a interação entre fonologia e outros componentes da gramática” (Nespor; Vogel, 1986, p. 17, tradução nossa).¹¹

Em outras palavras, segundo Tenani (2017a), a fonologia prosódica envolve uma série de modelos teóricos voltados para o estudo dos fenômenos fonético-fonológicos que mostram a interação entre a Fonologia e outros elementos da gramática. A autora resume a fonologia prosódica como a “sintaxe dos sons” (Tenani, 2017a, p. 111).

De acordo com Hernandorena (2001), a fonologia estuda a maneira de a língua organizar sistematicamente os sons da língua. Os estudos sobre fonologia podem ser lineares ou não lineares, ainda em concordância com a autora. A fonologia prosódica é tida como um estudo não linear, em que encontramos relações entre a fonologia, a morfologia e a sintaxe.

É importante mencionar que os constituintes prosódicos, embora mobilizem outros componentes da gramática, não apresentam necessariamente relação de isomorfismo com os demais constituintes gramaticais (Nespor; Vogel, 1986). Conforme a comparação entre os exemplos trazidos por Tenani (2017b): “vi uma *mesa-redonda*” e “vi uma *mesa redonda*”, o destaque no primeiro exemplo corresponde a uma palavra morfológica, pois faz parte de um sintagma nominal, porém, apresenta duas palavras prosódicas, devido à distribuição das sílabas tônicas. Já no destaque no segundo exemplo, há duas palavras morfológicas e duas palavras prosódicas, portanto, somente nele há relação de isomorfismo entre os componentes gramaticais e prosódicos, conforme constata a autora.

¹¹ One of the central aspects of prosodic phonology [...] is the interaction between phonology and the other components of the grammar (Nespor; Vogel, 1986, p.17).

Além disso, Bisol (2001, p. 229) afirma que as diferenças entre os constituintes fonológicos e outros que compõem a gramática “basicamente provêm do fato de que as regras que constroem a estrutura prosódica não são recursivas por natureza, pois o sistema fonológico é finito”, ao contrário das regras sintáticas, que são recursivas e que, portanto, não correspondem a um sistema finito.

Nespor e Vogel (1986) defendem a abordagem *relation-based*¹² para o *mapeamento* entre a sintaxe e a fonologia, e a organização da hierarquia prosódica é resultante desse mapeamento. Segundo Frota (1998), essa abordagem busca explicar a forma como os núcleos se relacionam com os constituintes adjacentes.

A organização dos constituintes fonológicos, conforme proposta por Nespor e Vogel (1986), se dá em sete unidades: (i) sílaba; (ii) pé; (iii) palavra fonológica; (iv) grupo clítico; (v) frase fonológica; (vi) frase entoacional; e (vii) enunciado fonológico, os quais discutiremos brevemente na próxima seção.

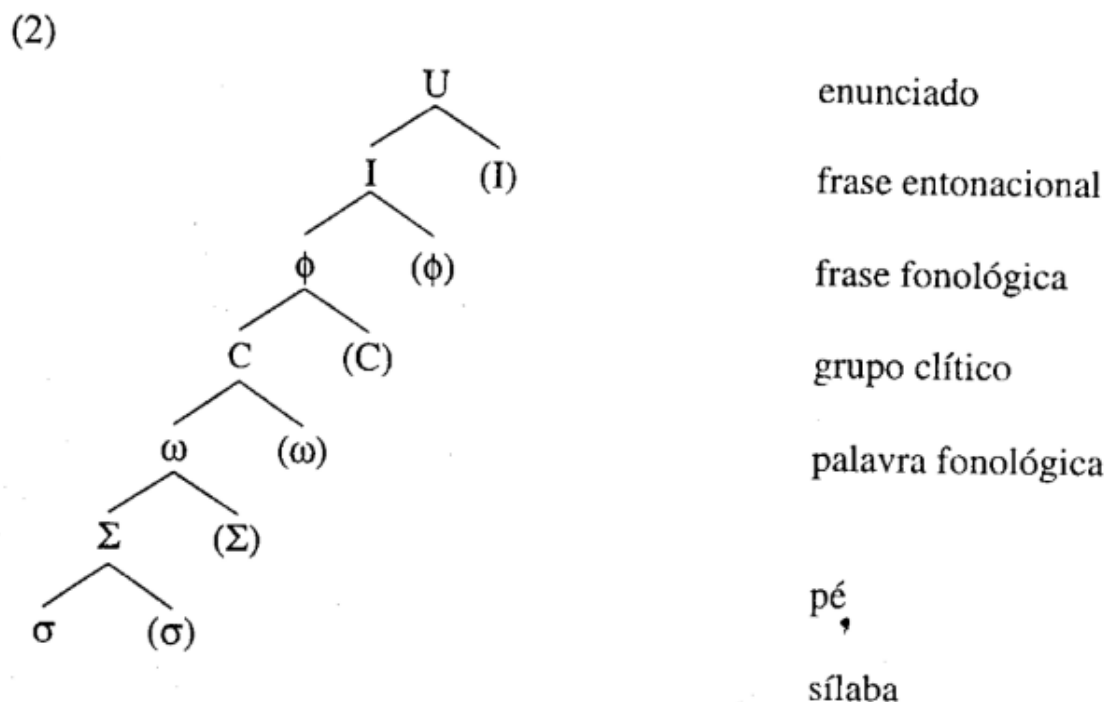
2.2.1 CONSTITUINTES PROSÓDICOS

Nesta seção, concentramo-nos em apresentar a organização dos constituintes prosódicos e suas relações, com ênfase nos domínios prosódicos hierarquicamente superiores – *frase fonológica* (ϕ), *frase entoacional* (I) e *enunciado fonológico* (U) –, conforme será discutido adiante.

Considerando a divisão proposta por Nespor e Vogel (1986), trazemos a representação da hierarquia prosódica a partir de um diagrama arbóreo ilustrado por Bisol (2001, p. 230):

¹² A saber: há a abordagem *end-based* formulada por Selkirk (1986), a qual é baseada nos limites sintáticos. A principal diferença entre as abordagens é, segundo Frota (1998), o caráter das informações sintáticas às quais as exigências do mapeamento (entre sintaxe e fonologia) correspondem.

Figura 3 - Esquema representacional da hierarquia prosódica



Fonte: Bisol (2001, p. 230).

Um dos princípios da organização dos constituintes prosódicos é a relação entre si, cada um está necessariamente englobado na unidade superior da qual faz parte (Bisol, 2001). Em outras palavras, cada constituinte apresentará unidades prosódicas mais baixas da hierarquia em sua formação.

Dos constituintes explicados, para o emprego não convencional de vírgula, destacam-se aqueles que são mais altos na hierarquia, a saber: a frase fonológica, a frase entoacional e o enunciado fonológico (Soncin, 2014; e outros).¹³

Começaremos expondo o conceito dos constituintes *sílaba* (σ) e *pé* (Σ), os quais estão abaixo do nível da *palavra fonológica*. A sílaba é, de acordo com Barbosa (2019), a unidade mínima da fala e, no português, pode ser exemplificada com *sa* ou *po* no vocábulo *sa.po*. Além disso, Nespor e Vogel (1986, p. 61, tradução nossa) consideram que a sílaba é “o menor constituinte da hierarquia prosódica”.¹⁴ No Português Brasileiro (daqui em diante, PB), a vogal encabeça a sílaba, pois tem maior sonoridade, e em posição adjacente podem se encontrar as consoantes ou os *glides* (Bisol, 2001). A saber, *glide*, de acordo com Silva (2011), corresponde ao segmento caracterizado articulatoriamente como uma vogal, mas que não pode

¹³ Na seção 2.3, apresentaremos algumas pesquisas relevantes para os estudos sobre a vírgula.

¹⁴ [...] *the smallest constituent of the prosodic hierarchy* (Nespor; Vogel, 1986, p. 61).

ocupar o contexto de núcleo silábico, constituindo, então, uma vogal assilábica, como em ['paj], em que [a] é o núcleo da sílaba e [j] é considerado um *glide*.

O pé, segundo Nespor e Vogel (1986), é formado por uma ou mais sílabas. Barbosa (2019) afirma que o pé consiste no agrupamento das sílabas trazendo o que pode compor o ritmo da fala, pois é o constituinte que relaciona uma sílaba forte com uma ou mais sílabas fracas (Barbosa, 2019). O PB, a título de exemplo, forma predominantemente pés troqueus¹⁵ (Hayes, 1980) com direção da direita para a esquerda, pois a maioria das palavras em PB é paroxítona, como em *sa.po* → (*).

A respeito da *palavra fonológica* (ω), de acordo com Nespor e Vogel (1986, p. 109, tradução nossa):

é o constituinte mais baixo da hierarquia prosódica que é construída com base em regras de mapeamento que fazem uso substancial de noções não fonológicas. Em particular, a palavra fonológica (ω) representa a interação entre os componentes fonológicos e morfológicos da gramática.¹⁶

Em outras palavras, a palavra fonológica é o constituinte no qual acontece a interação entre elementos fonológico e morfológico da gramática (Tenani, 2002). A autora explica que, no PB, *'guar.da-'chu.va* é considerado um exemplo de uma palavra morfológica e duas palavras fonológicas, pois há a presença de dois acentos primários.

As unidades que estão acima do nível da palavra fonológica são: grupo *clítico*, *frase fonológica*, *frase entoacional* e *enunciado fonológico*. O grupo clítico¹⁷ (C) é considerado um constituinte por Nespor e Vogel (1986) devido à sua natureza sintática e fonológica. De acordo com Barbosa (2019), o clítico é um elemento átono que se liga a um hospedeiro. Quanto ao comportamento fonológico do clítico, Nespor e Vogel (1986) não o consideram como um afixo tampouco como uma palavra independente. Mais detalhadamente, sobre o grupo clítico, as autoras afirmam:

¹⁵ O pé troqueus é binário e tem proeminência à esquerda.

¹⁶ [The phonological word] is the lowest constituent of the prosodic hierarchy which is constructed on the basis of mapping rules that make substantial use of nonphonological notions. In particular, the phonological word (ω) represents the interaction between the phonological and the morphological components of the grammar (Nespor; Vogel, 1986, p. 109).

¹⁷ A saber: esse constituinte não está presente na proposta de Selkirk (1984), a qual propõe a hierarquia prosódica da seguinte forma: (i) sílaba; (ii) pé; (iii) palavra prosódica; (iv) frase fonológica; e (v) frase entoacional. Vale ressaltar que, para esta pesquisa, tomamos por base o modelo proposto por Nespor e Vogel (1986), conforme explicitado.

[...] o grupo clítico domina diretamente uma ou mais palavras fonológicas e é dominado pela próxima categoria na hierarquia prosódica, a frase fonológica [...]. A natureza híbrida dos clíticos, ou seja, sua posição intermediária entre afixos e palavras, reflete-se no componente fonológico da gramática, onde um constituinte distinto é posicionado entre a palavra fonológica – que agrupa afixos com raízes – e a frase fonológica – que agrupa palavras com outras palavras (Nespor; Vogel, 1986, p. 149, tradução nossa).¹⁸

Devido à sua relevância para o presente estudo, passamos a tratar mais detalhadamente dos constituintes mais altos na hierarquia prosódica: a frase fonológica, a frase entoacional e o enunciado fonológico.

A *frase fonológica* (ϕ), seguindo o princípio básico de qualquer constituinte prosódico, é constituída pelas unidades imediatamente inferiores: “o grupo clítico, que tanto pode ser uma locução (a casa) quanto apenas uma palavra fonológica (casa)” (Bisol, 2001, p. 236). A formação da frase fonológica é depreendida a partir de três princípios: (i) o da formação do domínio; (ii) o da construção da frase fonológica; e (iii) o da sua proeminência relativa. O cabeça da frase fonológica é, de acordo com Nespor e Vogel (1986), o mais forte à direita em línguas que possuem ramificação à direita na árvore sintática, como é o caso do PB. Com base em Frota (1998 *apud* Soncin, 2014, p. 66), expomos o algoritmo de formação da frase fonológica adaptado ao Português Europeu, sendo o mesmo para o PB: (i) o domínio de ϕ corresponde a um núcleo (X) e inclui todos os elementos que aparecem em seu lado não recursivo desde que se enquadrem na projeção máxima de X; (ii) a reestruturação de ϕ constitui-se a partir de uma inclusão, que pode ser opcional, obrigatória ou proibida, de uma ϕ ramificada ou não ramificada, sendo o primeiro complemento de X.¹⁹

Em outras palavras, a frase fonológica é composta por um item lexical que é o cabeça do constituinte prosódico e por todos os elementos em seu lado não-recursivo que são projetados pelo cabeça. Por exemplo, em [*o capacitismo*], a palavra prosódica *capacitismo* encabeça ϕ , que engloba o em seu domínio. A reestruturação de ϕ , segundo Nespor e Vogel (1986), é permitida quando o elemento

¹⁸ [...] the clitic group directly dominates one or more phonological words and is dominated by the next category in the prosodic hierarchy, the phonological phrase [...]. The hybrid nature of clitics, that is, their intermediate position between affixes and words, is thus reflected in the phonological component of the grammar, where a distinct constituent is posited between the phonological word - with groups affixes with stems - and the phonological phrase - which groups words with other words (Nespor; Vogel, 1986, p. 149).

¹⁹ No algoritmo de formação de frase fonológica apresentado por Nespor e Vogel (1986), as autoras fazem menção ao grupo clítico.

que complementa o núcleo de um sintagma situado no lado recursivo da língua não apresenta ramificação. Desse modo, Soncin (2014) exemplifica que *um menino bonito* projetaria duas ϕ s, como verificamos em [um menino] ϕ [bonito] ϕ , pois apresenta dois núcleos sintagmáticos. Entretanto, a possibilidade de reestruturação, vista em [um menino bonito] ϕ , conforme explica a pesquisadora, se dá pelo fato de o item à direita funcionar como um complemento não ramificado do item à esquerda, em outras palavras, é composto por uma única palavra fonológica. Nesse caso, a reestruturação não seria possível em *um menino muito bonito*, gerando as seguintes frases fonológicas: [um menino] ϕ e [muito bonito] ϕ (Soncin, 2014).

Além disso, a frase fonológica está vinculada ao acento frasal, que, por sua vez, segundo Tenani (2017a, p. 113), “é associado à sílaba da palavra que ocupar a posição mais à direita na sentença”. A autora também afirma que, no PB, a proeminência da frase fonológica é importante para a organização dos eventos tonais (Tenani, 2002). Com relação aos eventos tonais, Tenani (2006) afirma que apresentam o tom como unidade básica, e explica que há dois tipos de eventos, a saber: (i) os acentos tonais, que se relacionam com a sílaba acentuada; e (ii) os tons de fronteira, conforme o nome sugere, relativos às fronteiras dos constituintes prosódicos.

Ainda de acordo com a pesquisadora, no PB, os processos relativos à entoação e às evidências rítmicas da língua são pertinentes ao nível da frase fonológica, pois ela é responsável por algumas restrições em processos fonológicos como: choque de acentos e degeminação (Tenani, 2002). Degeminação é um processo de sândi externo como ocorre em *arar[a]zul*, resultante de *arara azul*, constituindo um processo relativo à “juntura de palavras” que envolve o encontro entre vogais iguais, especificamente (Tenani, 2017a, p. 113).

Já a *frase entoacional* (I), de acordo com Nespor e Vogel (1986), é formada por uma ou mais frases fonológicas. Esse constituinte apresenta contornos entoacionais, e o fim das frases entoacionais pode coincidir com pausas, conforme Nespor e Vogel (1986). Sobre a pausa, Cagliari (1992, p. 143) afirma que está relacionada à respiração que ocorre durante a fala “em momentos oportunos”. No caso, ainda de acordo com Cagliari (1992), a respiração nos momentos da fala se dá entre os grupos tonais e preferencialmente ao fim de agrupamentos de orações (períodos). Nesse sentido, o autor postula que a pausa tem função de segmentar a fala.

A frase entoacional acarreta, ainda, informação semântica, em concordância com Gayer (2015, p. 157), “sua delimitação é influenciada por fatores semânticos relacionados à proeminência e à performance, como velocidade da fala e estilo, por exemplo”.

Ainda sobre a frase entoacional, cabe salientar as regras para delimitação desse constituinte prosódico, com base em pesquisas precedentes (Nespor; Vogel, 1986; Tenani, 2006; Barbosa, 2019; Oliveira Jr., 2022; Soncin; Tenani; Berti, 2017). Conforme exposto, a frase entoacional apresenta contornos entoacionais e seus limites podem corresponder às pausas nas orações (Nespor; Vogel, 1986). As autoras afirmam que há algumas estruturas formam *I*s obrigatoriamente:

há certos tipos de construção que parecem formar domínios entoacionais por conta própria. Essas construções incluem expressões entre parênteses, orações relativas não restritivas, tag questions, vocativos, expletivos e certos elementos deslocados (Nespor; Vogel, 1986, p. 188, tradução nossa).²⁰

Os contornos entoacionais são formados ao longo das frases entoacionais e podem ser ascendentes ou descendentes; por exemplo, no PB o contorno é ascendente em perguntas e descendente em afirmações (Tenani, 2002). Os limites desses contornos são justamente onde ocorrem as fronteiras prosódicas pertinentes às *I*s.

Outra pista sintática condizente com a formação de frase entoacional é a noção de sentença raiz: “os limites de uma sentença raiz delimitam uma *I*, enquanto aquelas que não são sentenças raízes não a delimitam” (Nespor; Vogel, 1986, p. 189, tradução nossa),²¹ como nos exemplos:

(1) *[Lucas acreditava que seu irmão era músico]I [e o irmão dele era um artista]I*

(2) *[Lucas acreditava que seu irmão era músico e sua mãe era uma artista]I*²²

²⁰ [...] there are certain types of constructions that seem to form intonation domains on their own. These constructions include parenthetical expressions, nonrestrictive relative clauses, tag questions, vocatives, expletives, and certain moved elements (Nespor; Vogel, 1986, p. 188).

²¹ [...] the boundaries of a root sentence delimit an *I*, while those sentences that are not root sentences do not (Nespor; Vogel, 1986, p. 189).

²² Exemplos elaborados com base em Nespor e Vogel (1986).

No entanto, Nespor e Vogel (1986) observam que há casos em que uma sentença raiz não forma uma frase entoacional única, isso ocorre quando a oração principal é interrompida por algum elemento encaixado, como apresentamos anteriormente. Por essa razão, as autoras enfatizam que não há compromisso de isomorfismo entre o constituinte prosódico e outros constituintes da gramática, justamente pela possibilidade de uma oração principal interrompida por elementos de formação mandatória de *I* não apresentar relação de um para um com a sintaxe. Vejamos os exemplos (3) e (4) a seguir:

(3) [*Como você sabe*]/ [*Isabelle é uma artista*]/

(4) [*Isabelle é*]/ [*como você sabe*]/ [*uma artista*]/²³

Em (3), as frases entoacionais formadas correspondem aos constituintes sintáticos. No entanto, em (4), verificamos o caso de não isomorfismo, uma vez que o elemento que obrigatoriamente forma uma *I* [*como você sabe*] interrompe a sentença raiz [*Isabelle é uma artista*], gerando, neste caso, as três frases entoacionais. Isso ocorre quando há intervenção de elementos encaixados na maioria dos casos (Nespor; Vogel, 1986).

A fronteira de uma frase entoacional apresenta dados importantes para identificação da pausa, no que diz respeito à organização prosódica do PB, conforme afirmam Soncin, Tenani e Berti (2019). Sendo assim, a presença da pausa, em concordância com Tenani (2006), é a forma mais fácil de perceber uma *I*. Nesse sentido, percebemos que há uma forte relação entre pausa e delimitação de fronteiras de frases entoacionais. Os elementos encaixados, por exemplo, frequentemente evidenciam a presença da pausa:

verificamos que a pausa entre as fronteiras de *Is* é mais frequente nas estruturas em que ao primeiro *I* corresponde uma estrutura de elementos movidos dentro da sentença. Esse resultado encontra respaldo na afirmação de Cagliari (1992: 143) de que a pausa pode ser usada "para indicar o deslocamento de elementos sintáticos [...] e para assinalar algum tipo de mudança brusca ou radical do conteúdo semântico, que vai se iniciar ou terminar" (Tenani, 2002, p. 66).

Não obstante, há casos em que acontece a formação de uma *I* mesmo sem ocorrer uma pausa; nesse sentido, Tenani (2006) aponta, referente à identificação de

²³ Exemplos adaptados a partir de Nespor e Vogel (1986, p. 188-189).

Is que se dá no contexto de ausência de pausas, que há duas estratégias diante desses casos: “(a) a mudança de registro” e “(b) a queda ou subida brusca e profunda de F0 [frequência fundamental] em relação à linha de base da altura utilizada pelo falante” (Tenani, 2006, p. 121). Sobre essas estratégias, a pesquisadora afirma:

A primeira estratégia predomina quando a relação entre as sentenças que formam dois *Is* não é expressa por um item lexical. A segunda estratégia predomina quando uma relação semântica ou sintática é lexicalmente assegurada entre as sentenças que constituem dois *Is*. Essa estratégia de variação brusca da altura se verifica na fronteira de *I* que não coincide com o fim do enunciado fonológico (Tenani, 2006, p. 121).

Ou seja, de acordo com a autora, a primeira estratégia se dá quando não ocorre pausa nem item lexical (como conjunções) entre duas frases; enquanto a segunda estratégia ocorre, de forma mais evidente, quando há a continuidade do enunciado com um elemento que indique essa continuidade, como em *mas*, *porque* e *então*, por exemplo.

Acerca da definição de *frequência fundamental* (F0), Lucente (2022) afirma que corresponde a um dos componentes da prosódia da fala, pois, por meio da sua alternância ao longo da enunciação, define a notação entoacional (Lucente, 2022). O F0 está ligado ao número de vezes em que as pregas vocais vibram, por consequência, relaciona-se com os contornos entoacionais (Barbosa, 2019). Por exemplo, de acordo com Tenani (2002), a alternância da F0 caracteriza enunciados em ascendentes e descendentes, e é justamente essa variação que manifesta os contornos entoacionais. Oliveira Jr. (2022) afirma que a variação da F0 se relaciona com a entonação, enquanto a modulação de F0 está ligada ao contorno entoacional. Nesse sentido, “a frequência fundamental pode ser controlada pelo falante para veicular a entoação que ele deseja imprimir a seu enunciado, visando interagir com o ouvinte” (Barbosa, 2019, p. 24).

Voltando à identificação de *Is*, no que diz respeito à percepção das fronteiras entre *Is*, Soncin, Tenani e Berti (2017) afirmam que há três pistas acústicas que permitem essa identificação: (i) a pausa; (ii) a variação de F0; e (iii) o alongamento pré-fronteira. As autoras concluem que a frase entoacional “se mostra como uma unidade linguística importante para investigar a percepção de enunciados em PB”

(Soncin; Tenani; Berti, 2017, p. 144). Conforme Männel, Schipke e Friederici (2013, p. 86, tradução nossa):

embora não haja uma correspondência estrutural direta entre prosódia e sintaxe, os ouvintes conseguem derivar informações sintáticas de forma confiável a partir de contornos entonacionais e de pistas de fronteiras prosódicas.²⁴

Ainda que a noção de delimitação de frases entoacionais esteja ligada a questões fonético-fonológicas, o modelo de Nespor e Vogel (1986) autoriza a delimitação entre fronteiras de frases entoacionais a partir de elementos que se organizam sintaticamente nos enunciados, quando afirmam que uma frase entoacional é formada por: (i) sentenças raiz; (ii) sentenças ou elementos deslocados, ou seja, que não dependem da oração principal; e (iii) sentenças raiz interrompidas por elementos deslocados (Nespor; Vogel, 1986). Nesse sentido, Männel, Schipke e Friederici (2013) também sustentam que as pistas acústicas geralmente se relacionam com a marcação de estruturas sintáticas.

Nespor e Vogel (1986) preveem, ainda, a formação de frases entoacionais por reestruturação, sendo possível quando: (i) a extensão da *I* formada for longa; (ii) quando a velocidade de fala for relativamente lenta; (iii) quando houver o registro formal da língua; e (iv) quando houver proeminência contrastiva.

Quanto à proeminência contrastiva, Nespor e Vogel (1986) evidenciam a diferença de ênfase contrastiva que pode ser observada em: [*Paulo **comprou** um carro novo*], em que se pretende destacar que Paulo comprou um carro novo e não ganhou ou vendeu um carro novo, por exemplo. Por outro lado, as pesquisadoras salientam que a proeminência é atribuída a uma expressão ou a um grupo de palavras que normalmente não a teria, criando um contorno entoacional. Nespor e Vogel (1986) explicam esse fenômeno por meio dos exemplos relativos à necessidade de ênfase em pronomes quando esses se tornam semanticamente proeminentes. Por exemplo, em: (a) “[Paulo ligou para Paula antes que Carla ligasse para Carlos]” (Nespor; Vogel, 1986, p. 196, tradução nossa),²⁵ há uma única sentença raiz, portanto, apenas uma frase entoacional é gerada. Já em: (b) “[Paulo ligou para Paula] [antes que *ela*] [ligasse para *ele*]” (Nespor, Vogel, 1986, p. 196,

²⁴ *Although there is no one-to-one structure correspondence between prosody and syntax, listeners can reliably derive syntactic information from intonation contours and prosodic boundary cues (Männel; Schipke; Friederici, 2013, p. 86).*

²⁵ [*Paul called Paula before Carla called Carl*] (Nespor; Vogel, 1986, p. 196).

tradução nossa),²⁶ há a mesma estrutura de (a), porém, há a necessidade da proeminência dos pronomes devido à interpretação requerida por (b), a qual não pode ser igual a (a), dessa forma, sintetizam as autoras que a interpretação de (b) “deve ser expressa fonologicamente, colocando a proeminência nos pronomes, e isso faz com que a frase entoacional única seja reestruturada em três frases entoacionais menores” (Nespor; Vogel, 1986, p. 196, tradução nossa).²⁷

Cabe destacar, ainda, que esta pesquisa não objetiva analisar as pistas acústicas dos contornos entoacionais a fim de identificar *Is*, pois, como será descrito no capítulo 3, nosso corpus é composto apenas por textos *escritos*. Assumimos, assim, os modelos de pesquisas propostos por Soncin (2014), Soncin e Tenani (2015), Soncin e Rodrigues (2018) e Francisco (2024), ao analisarem as frases entoacionais a partir de pistas sintáticas escritas.

Por fim, o *enunciado fonológico* (*U*), situado no topo da hierarquia prosódica, é composto por uma ou mais frases entoacionais (Nespor; Vogel, 1986). Esse constituinte tem relevância na proeminência que constitui a entoação final da frase (Gayer, 2015) e, segundo Silva (2011), equivale frequentemente ao enunciado sintático. Portanto, esse constituinte é delimitado a partir da identificação do início e do fim de um constituinte sintático, de acordo com Nespor e Vogel (1986). Além disso, as autoras afirmam que uma série de frases entoacionais podem ou não corresponder a um único nó na cadeia sintagmática. As autoras exemplificam: “[[Minha prima]I [coleta cobras]I]U [Gertrude]I [prefere borboletas]I]U” (Nespor; Vogel, 1986, p. 222, tradução nossa).²⁸

Apresentamos, na seção seguinte, a vírgula no âmbito da prosódia a partir de algumas investigações sobre o tema.

2.3 ALGUNS ESTUDOS SOBRE EMPREGO DE VÍRGULA

Nesta seção, apresentamos uma síntese de estudos anteriores acerca do emprego da vírgula, os quais foram produzidos por um mesmo grupo de pesquisa e analisam o banco de dados formado a partir do projeto de extensão “Desenvolvimento de oficinas de leitura, interpretação e produção de texto no Ensino

²⁶ [Paul called Paula]I [before she]I [called him]I (Nespor; Vogel, 1986, p. 196).

²⁷ [...] must be expressed phonologically by placing prominence on the pronouns and this, in turn, causes the single I to be restructured as three smaller Is (Nespor; Vogel, 1986, p. 196).

²⁸ [[My cousin]I [collects snakes]I]U [Gertrude]I [prefers butterflies]I]U (Nespor; Vogel, 1986, p. 222).

Fundamental”. Esse projeto, realizado em uma escola de São José do Rio Preto entre 2008 e 2011, é vinculado ao grupo de pesquisa “Estudos sobre a Linguagem” (GPEL/CNPq) e à linha de pesquisa “Oralidade e Letramento” do Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos do Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas da Universidade Estadual Paulista (Ibilce/Unesp).

Ressaltamos que não pretendemos abordar todos os estudos desse grupo nem todos da área, mas objetivamos apresentar uma visão geral acerca da vírgula e sua relação com a prosódia, e respaldar nosso próprio estudo a partir de algumas pesquisas anteriores, que serão apresentadas a seguir.

Para Soncin (2014), a vírgula compõe o ritmo da escrita por evidenciar a delimitação de unidades prosódicas. Ademais, a vírgula é resultado “de informação simbólica resultante do contexto fonético-fonológico caracterizado pela fronteira de / [frase entoacional]” (Soncin; Tenani; Berti, 2017, p. 159). De acordo com as autoras, essa informação simbólica é frequentemente tida como a *pausa*, cuja percepção é resultante da compatibilidade entre fenômenos fonético-acústicos e gramaticais. A organização prosódica da língua define momentos específicos nos quais a pausa pode ocorrer (Soncin; Tenani; Berti, 2017). Dessa forma, consideramos que a vírgula tem vínculo com aspectos fonológicos da língua, encontrando respaldo em Araújo-Chiuchi (2012), quando afirma que o fônico pode ser compreendido por meios gráficos.

Araújo-Chiuchi (2012) parte do pressuposto de que o escrevente concebe hipóteses quando escreve, e a vírgula é uma pista dessa construção, portanto, empregos não convencionais da vírgula não são tomados como “erros”. A autora enfatiza que a vírgula deve ser concebida enunciativamente, retomando Corrêa (2004) ao atestar que “a vírgula é vista como uma marca enunciativa que o escrevente deixa em seu texto, a qual é capaz de marcar o posicionamento enunciativo construído por ele” (Araújo-Chiuchi, 2012, p. 49).

Além disso, Araújo-Chiuchi (2012) retoma Chacon (1998) e Esvael (2005) ao sustentar que o escrevente, ao empregar a vírgula, estabelece relações dialógicas que podem aparecer em diferentes dimensões da linguagem, com ênfase nos aspectos prosódicos, sintáticos e semânticos.

No que diz respeito ao emprego da vírgula, Francisco (2024) faz menção à Dahlet (2006) ao apontar que:

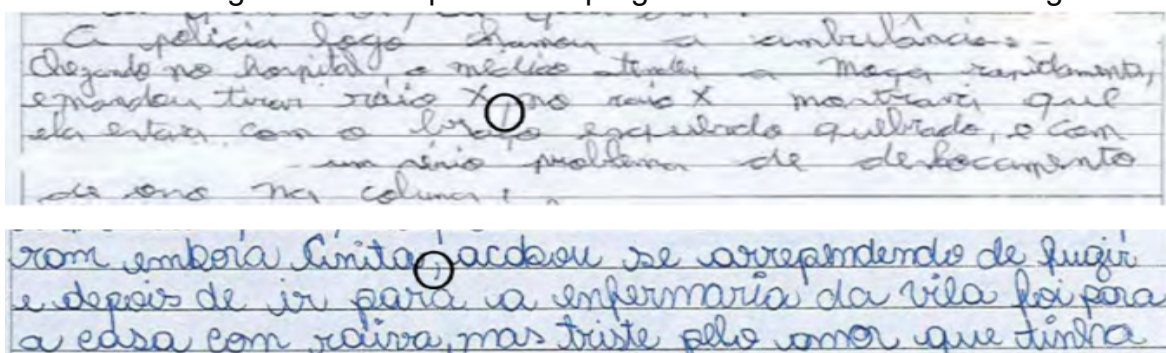
[...] o funcionamento da vírgula é variável, podendo atuar tanto em esquema simples (/ , /), como em 'Chegando no hospital, o médico atendeu a moça rapidamente [...], quanto em esquema duplo (/, ,/), como em 'ninguém o reconhecia, só uma pessoa, Juliana, o que seria sua antiga namorada' [...] (Francisco, 2024, p. 15).

Camillo (2023, p. 29) defende o fato de que a vírgula *em esquema duplo* apresenta “uma relação sintático-semântica que delimita as duas fronteiras dos sintagmas adverbiais (advérbios e locuções adverbiais)”. Nesse sentido, a autora, cujo corpus é formado por textos do gênero *artigo de opinião*, sintetiza o uso da vírgula em esquema duplo como o elemento que organiza a argumentação no texto.

Sobre o aspecto do emprego da vírgula em *esquema simples*, foco da presente pesquisa, Francisco (2024) se apoia em Dahlet (2006) ao afirmar que esse esquema se define como um marcador sequencial que segmenta o *continuum* da escrita em blocos de diferentes extensões. A autora atesta, ainda, que o esquema simples de vírgulas é definido por sua aplicação em uma posição específica dentro da estrutura sintática, sendo utilizado para marcar a fronteira direita dessa estrutura (Francisco, 2024).

No que diz respeito ao emprego não convencional da vírgula, Araújo-Chiuchi (2012) analisa textos escritos por alunos da antiga quinta série, coletados a partir do projeto de extensão já mencionado “Desenvolvimento de oficinas de leitura, interpretação e produção de texto no Ensino Fundamental”. Em sua dissertação, a pesquisadora distingue dois tipos específicos de usos não convencionais: “(i) escolha não convencional da vírgula em relação a outro possível sinal de pontuação; e (ii) colocação da vírgula em posição não convencional” (Araújo-Chiuchi, 2012, p. 45), conforme os exemplos trazidos pela autora:

Figura 4 - Exemplos de empregos não convencionais da vírgula



Fonte: Araújo-Chiuchi (2012, p. 46).

A autora analisou 279 narrativas referentes a três diferentes propostas, constatando 406 usos não convencionais de vírgula, sendo 164 classificados pela pesquisadora como “vírgula em posição não convencional” e 242 como “escolha não convencional da vírgula em relação a outro sinal de pontuação”. Sua análise demonstrou que o constituinte prosódico relevante para o emprego não convencional da vírgula é o domínio do enunciado fonológico (*U*). Embora a autora tenha constatado que o uso em desacordo com a convenção ocorreu em fronteiras prosódicas dos constituintes mais altos da hierarquia prosódica (frase fonológica, frase entoacional e enunciado fonológico), a pesquisadora destaca, também, o fato de encontrar a vírgula empregada de forma não convencional no interior do domínio da frase fonológica. No entanto, conforme exposto nos resultados de sua pesquisa, houve predominância da vírgula em desacordo com a convenção em fronteira de *Us*. Esse fato permitiu à autora concluir que os alunos delimitam unidades maiores considerando a totalidade do texto e, gradualmente, reconhecendo suas partes (Araújo-Chiuchi, 2012).

Soncin (2014) examinou 284 textos argumentativos que foram escritos por alunos do Ensino Fundamental II da antiga 8ª série, dos textos selecionados, “142 são artigos de opinião e 142 são cartas argumentativas” (Soncin, 2014, p. 84). A pesquisadora identificou 198 ocorrências de vírgulas não convencionais em esquema simples por presença, sendo 93,4% delas empregadas coincidentemente na fronteira prosódica e 6,6% casos não condizentes com a fronteira prosódica. As vírgulas presentes em fronteira prosódica demarcam limites de frases fonológicas, como em “[Concluo que]I [se não mudarmos radicalmente nossa posição diante deste fato]I [(o mundo) (sofrerá,) (um colapso ambiental.)]I (8B_11_05_17)” (Soncin, 2014, p. 156); e frases entoacionais, como em “[Uma das vantagens de estudar nesta escola,]I [é que,]I [com isso]I [conhecemos e criamos muitas amizades]I [e isso aprendemos a nos dar bem com as pessoas de fora.]I (8C_01_03_07)” (Soncin, 2014, p. 156). Com base nesse resultado quantitativo, a autora considera que a fronteira prosódica desempenha um papel relevante no uso não convencional da vírgula.

No entanto, Soncin (2014) não descarta as ocorrências da vírgula não convencionais posicionadas no interior de unidades prosódicas; de acordo com a autora, esses casos aconteceram no domínio de frase fonológica, como em:

[Os seres humanos tem consciência que o efeito global esta próximo] [(e sabem) (que ele) (pode acabar) (com o nosso planeta,)] [é nos] [seres humanos,] [tem a inteligência de saber que isso pode acabar com nosso planeta,] [com as nossas cidades litorâneas] [e outras cidades.] (8A_16_05) (Soncin, 2014, p. 162).

Nesse contexto, Soncin (2014) aponta que esses dados sinalizam a complexidade na construção de significados na linguagem, além da variedade de possibilidades no uso da vírgula na escrita. A autora destaca que a frase fonológica requer informações morfossintáticas mais específicas, como a recursividade da língua, enquanto as frases entoacionais demandam informações menos precisas, baseadas em aspectos semânticos. A pesquisadora conclui, assim, que a noção de sintagma é aplicável à frase fonológica, enquanto para a frase entoacional a noção de sentença, em sua configuração, é a mais adequada.

Embora Soncin (2014), em sua pesquisa, privilegie os usos não convencionais da vírgula, também analisa os usos convencionais. A autora observa que todos os casos de uso convencional da vírgula coincidem com a fronteira de frases entoacionais. Além disso, ela destaca que o uso em acordo com a convenção da vírgula segue o algoritmo padrão de formação de *I*, conforme Nespor e Vogel (1986), enquanto o uso não convencional decorre de sua reestruturação. Dessa forma, conclui:

O não convencional se configura como o modo pelo qual o sujeito, ao escapar das normas estabelecidas, mobiliza o funcionamento enunciativo-discursivo da prosódia constitutiva da escrita, constituindo-se como sujeito da linguagem e da escrita (Soncin, 2014, p. 210).

Desse modo, Soncin (2014) destaca que a prosódia desempenha um papel relevante nos usos dos sinais de pontuação, especialmente a vírgula, uma vez que esse sinal evidencia a produção de sentido requerida pelo escrevente, seja por meio dos usos previstos pela convenção ou não.

Para exemplificar o modelo de análise adotado por Soncin (2014), trazemos mais alguns exemplos provenientes de sua pesquisa, dentre eles, a vírgula não convencional em fronteira de frase entoacional: “[Acredito que uma pessoa que fica na frente do computador conversando todos os dias,] [tenha grande dificuldade na hora de produzir um texto,] [pois saberá diferenciar uma língua da outra.]” (Soncin, 2014, p. 176). Nesse exemplo, a autora observa que há separação não convencional por vírgula após a palavra *dias*, que delimita uma fronteira prosódica não final, a qual

é formada devido à complexidade do período e a extensão da frase entoacional, possibilitando um tom de fronteira (com final ascendente) para segmentar o enunciado em partes. Soncin e Tenani (2015) avançam nessa análise, explicando que as orações encaixadas são interdependentes, nesse caso, a fronteira prosódica é formada entre sujeito e verbo (onde não é permitido o emprego da vírgula conforme está empregada), pois se trata de uma oração adjetiva acoplada ao sujeito da frase, como destacam Soncin e Tenani (2015, p. 483), “motivo que, fonologicamente, permite a formação de uma frase entoacional pela possibilidade de realização de um contorno entoacional cujo fim coincide com o fim da oração adjetiva”.

Sendo assim, as pesquisadoras mostram que:

- (i) a frase entoacional é uma unidade que proporciona alto poder explicativo para os usos não convencionais da vírgula, pois a percepção de sua fronteira condiciona de modo praticamente categórico o emprego da vírgula.
- (ii) a frase entoacional é relevante tanto para segmentar o enunciado em porções, mesmo que essas não correspondam às unidades sintáticas, quanto contribui para a significação do texto (Soncin; Tenani, 2015, p. 486).

Em relação ao uso convencional da vírgula, destacamos o exemplo de Soncin (2014, p. 207): “[A escola onde eu estudo,]I [tem bons professores]I [boa disciplina]I [boa comida]I [bom eventos]I [etc.]I”. A autora afirma que as vírgulas têm o papel de indicar a separação dos elementos em uma enumeração, casos em que, de acordo com Nespor e Vogel (1986), cada elemento forma uma frase entoacional própria, portanto, a vírgula está empregada de acordo com a convenção, enquanto que, em concordância com Soncin e Tenani (2015), do ponto de vista fonológico, separa as fronteiras formadas pelas frases entoacionais.

Quanto ao emprego da vírgula, independentemente de sua convencionalidade, Soncin e Tenani (2015) concluem, em seu estudo, que as vírgulas indicam a organização prosódica da linguagem, por meio das frases entoacionais, as quais estão presentes tanto na escrita quanto na fala.

Um estudo sobre as vírgulas em esquema duplo já mencionado é o de Soncin e Rodrigues (2018), no qual as autoras selecionaram 100 textos escritos por alunos de 8º e 9º anos. A seleção obedeceu aos seguintes critérios: (i) participação no projeto durante o período de sua realização – quatro anos –; e (ii) produção das propostas de relato de experiência, de carta argumentativa, de narrativa de ficção e

de artigo de opinião. Sendo assim, as amostras coletadas pelas autoras dizem respeito a “textos de 4 diferentes gêneros textuais/discursivos produzidos por 25 sujeitos nos anos de 2010 e 2011, nos respectivos 8º e 9º anos” (Soncin; Rodrigues, 2018, p. 1579).

Nos 288 dados analisados pelas autoras, referentes à vírgula em esquema duplo, as autoras classificaram os dados da seguinte forma: *Presença-Presença* (uso convencional); *Presença-Ausência*; *Ausência-Presença*; *Ausência-Ausência* (usos não convencionais). Diante dos resultados alcançados, as autoras detectaram 60,8% dos usos na categoria Ausência-Ausência, configurando a maioria dos trechos sob análise. Dessa forma, a interpretação de Soncin e Rodrigues (2018) é a de que a tendência dos alunos em séries escolares de 8º e 9º anos – das turmas analisadas – é não delimitar com vírgulas estruturas pertinentes ao esquema duplo.

Em relação às frases entoacionais sob o ponto de vista sintático, Soncin e Rodrigues (2018) propõem que o emprego da vírgula diz respeito tanto aos aspectos sintáticos quanto aos aspectos fonológicos, e o uso não convencional da vírgula em esquema duplo não está associado a uma “incapacidade” do escrevente. As pesquisadoras encontraram em seus dados regularidades para o emprego da vírgula, seja ele convencional ou não. De uma perspectiva prosódica, o uso desse sinal em esquema duplo está ligado ao contexto de extensão e reestruturação das frases entoacionais, constituinte prosódico foco da pesquisa das autoras, em relação à estrutura sintática do enunciado.

Já Francisco (2024) analisou as vírgulas em *esquema simples* e, por esse motivo, esta pesquisa dialoga diretamente com o estudo realizado pela autora. Francisco (2024) extraiu 445 dados de presença em uso convencional e não convencional e ausência por uso não convencional de vírgulas. A autora realizou um estudo semilongitudinal ao analisar textos de *tipologia narrativa* escritos por alunos que, em 2008, cursaram a 5ª série (atual 6º ano) e, em 2011, os mesmos alunos cursaram a 8ª série (atual 9º ano).

A partir do que é exposto por Francisco (2024), há predominância dos usos *não convencionais* da vírgula em esquema simples. Esse resultado corresponde a 69% dos dados analisados pela autora. No entanto, a pesquisa mostra que, desses 69%, apenas 9% correspondem ao uso não convencional da vírgula por presença. Assim sendo, a maioria dos empregos não convencionais de vírgulas se deu pela ausência desse sinal nos textos de tipologia narrativa. Contudo, Francisco (2024)

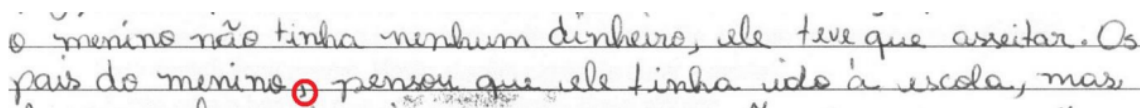
destaca o uso de vírgula em desacordo com a convenção em esquema simples no contexto estudado. O resultado apontado em sua pesquisa em relação aos usos convencionais de vírgula é de 31% dos casos.

Quanto aos usos não convencionais por presença, recorte que interessa a esta pesquisa, Francisco (2024) observa que esses usos são mais frequentes nos textos dos alunos do 6º ano (55%) em relação a textos dos estudantes do 9º ano. A pesquisadora constata, ainda, que, no caso dos resultados encontrados nos textos do 6º ano, os alunos empregam a vírgula de forma não convencional, majoritariamente, antes da conjunção “e” em *orações coordenadas aditivas de mesmo sujeito*, correspondendo a 76% dos casos. Já os alunos do 9º ano empregam a vírgula em desacordo com a convenção, na maioria das ocorrências, entre as estruturas *sujeito e predicado* (69%).

A respeito das justificativas para essas ocorrências, Francisco (2024) aponta as seguintes hipóteses: (i) ao utilizar a vírgula de forma não convencional entre orações coordenadas aditivas, considera-se o tamanho da estrutura, resultando na estruturação de duas frases entoacionais; e (ii) os usos não convencionais entre sujeito e predicado sugerem uma possível relação entre tópico e comentário, marcada prosodicamente por contornos entoacionais, nos quais pode performar a pausa, assim, sendo indicada por vírgula nos textos de EF II. Nesse sentido, é possível interpretar que o aluno busca evidenciar uma parte específica do enunciado em relação ao restante do texto, ao empregar a vírgula em posições não convencionais (Francisco, 2024). Para situar o que seria considerado *tópico comentário* em relação ao emprego da vírgula, Francisco (2024, p. 62) explica que a razão da vírgula nesses casos é “uma tentativa de marcar aquilo do que se fala (assunto) e o que se fala, isto é, desenvolvimento do assunto (comentário)”.

Acerca do que é apresentado em (ii), Francisco (2024) ilustra sua colocação com o seguinte dado:

Figura 5 - Exemplo de emprego não convencional da vírgula: relação tópico/comentário



o menino não tinha nenhum dinheiro, ele teve que arrear. Os pais do menino pensou que ele tinha ido à escola, mas

Fonte: Texto Z11_8A_20M_04

Leitura do trecho analisado: “Os pais do menino, pensou que ele tinha ido à escola [...]”

Fonte: Francisco (2024, p. 61).

A autora sustenta sua interpretação a partir de Soncin (2014), que também encontrou dados referentes ao emprego da vírgula entre sujeito e predicado em sua pesquisa.

Apresentamos, nesta seção, algumas pesquisas relevantes para o estudo de vírgula, as quais fazem parte do mesmo grupo de pesquisa e analisam majoritariamente textos pertencentes ao banco de dados formado pelo projeto de extensão universitária realizado em uma escola de São José do Rio Preto pela Unesp, câmpus de São José do Rio Preto, entre 2008 e 2011. A seleção desse material se deu a partir da concepção de escrita das autoras, pois se aproxima da perspectiva adotada para esta pesquisa, ao assumir que a heterogeneidade é constitutiva da escrita (Corrêa, 2004), e pelo estatuto prosódico possível de ser observado por meio do emprego dos sinais de pontuação, sobretudo a vírgula. Além disso, essas pesquisas fornecem uma visão geral do estudo da vírgula realizado até aqui, como dispomos no Quadro 1:

Quadro 1 - Aspectos gerais dos trabalhos apresentados nesta seção

Aspecto / obra	Araújo-Chiuchi (2012)	Soncin (2014)	Soncin e Rodrigues (2018)	Francisco (2024)
Qual material foi utilizado na pesquisa?	Textos narrativos - 6º ano 2008.	Textos argumentativos - 9º ano 2008.	Textos argumentativos e narrativos - 8º ano e 9º ano - 2010 e 2011.	Textos narrativos - 6º ano e 9º ano - 2008 e 2011.
A pesquisa aborda usos convencionais da vírgula?	Não.	Sim. Todos os usos convencionais da vírgula.	Sim. Presença convencional em esquema duplo.	Sim. Presença convencional em esquema simples.
A pesquisa aborda usos não convencionais da vírgula?	Sim. Por presenças não convencionais.	Sim. Por presenças não convencionais em esquema simples.	Sim. Por presenças e ausências não convencionais em esquema duplo.	Sim. Por presenças e ausências não convencionais em esquema simples.
Em quais fronteiras prosódicas há a presença das vírgulas estudadas?	ϕ , I e U	ϕ e I	I	ϕ e I
Há presença da vírgula estudada no domínio de ϕ ? ²⁹	Sim.	Sim.	Não.	Não.
Qual o constituinte prosódico mais frequente em relação às vírgulas estudadas?	U	I	I	I

Fonte: elaboração própria, com base em Araújo-Chiuchi (2012); Soncin (2014); Soncin e Rodrigues (2018); Francisco (2024).

De modo geral, observamos que as vírgulas, em textos escritos por alunos do Ensino Fundamental II, apresentam certas regularidades prosódicas como a relevância das fronteiras prosódicas, especialmente a frase entoacional, tanto para vírgulas em esquema simples quanto em esquema duplo e tanto convencional quanto não convencional. Além disso, a partir dos estudos que trouxemos para este

²⁹ As vírgulas em contexto do domínio de ϕ não são condizentes com nenhuma fronteira prosódica, uma vez que ocorrem no interior de uma frase fonológica, ou seja, a vírgula aparece entre os itens que compõem a frase fonológica e seu cabeça, por exemplo: $[(O, \text{capacitismo})\phi]$.

quadro, notamos que não há vírgulas empregadas no interior de ϕ quando tratamos do emprego da vírgula em esquema duplo, esse comportamento da vírgula é visto, de forma mais frequente, nos trabalhos que estudam as vírgulas em esquema simples.

Esta dissertação dialoga, principalmente, com as pesquisas que focam nos estudos do uso não convencional da vírgula em esquema simples (Soncin, 2014; Francisco, 2024). No entanto, expandimos as investigações relacionadas à essa aplicação da vírgula, pois, realizamos esse estudo em uma amostra de textos escritos por sujeitos em situação do vestibular, ou seja, são escreventes que presumidamente estão em transição do Ensino Médio para o Ensino Superior, enquanto as pesquisas nas quais nos apoiamos trazem textos do Ensino Fundamental II em sua base empírica.

Em síntese, iniciamos o capítulo apresentando algumas concepções teóricas acerca da noção de escrita, com ênfase na corrente teórica do modo heterogêneo de constituição da escrita, proposta por Corrêa (2004), que orienta nossa concepção de escrita. Na sequência, abordamos os conceitos-chave acerca da prosódia, em especial a fonologia prosódica (Nespor; Vogel, 1986). Por fim, situamos alguns estudos sobre a vírgula, que mostram que a vírgula não é apenas um elemento sintático que demarca a pausa na fala, mas é um sinal presente na escrita, de cunho prosódico e discursivo. As pesquisas, no geral, mostraram que os usos (convencionais e não convencionais) da vírgula refletem aspectos fonológicos, sintáticos e enunciativos, evidenciando o papel da prosódia na construção do texto escrito e a complexidade da vírgula. Como pôde ser observado, os estudos que trouxemos analisam textos do Ensino Fundamental II; nossa pesquisa, no entanto, pretende examinar amostras textuais de vestibulandos, a fim de encontrar marcas prosódicas por meio da vírgula não convencional em esquema simples. Assim sendo, procuramos contribuir para visão geral da vírgula em desacordo com a convenção em redações escritas por sujeitos em situação de vestibular.

Desse modo, no capítulo seguinte, trataremos do material de análise e dos procedimentos seguidos para a realização desta pesquisa.

3 MATERIAL E MÉTODOS

Neste capítulo, apresentamos a caracterização do material de análise desta pesquisa, desde a obtenção das amostras textuais até a delimitação do objeto de estudo. Nos procedimentos metodológicos, apresentaremos a nossa opção de nos valermos de algumas ferramentas, como a gramática normativa de Cunha e Cintra (2016), para caracterização do escopo desta pesquisa. Essa gramática foi selecionada como base para a classificação dos empregos de vírgula como não convencionais, foco do presente estudo, sendo utilizada apenas como técnica para classificação dos dados, conforme será explicitado. Sendo assim, o capítulo está organizado da seguinte forma: na seção 3.1, detalhamos os dados analisados nesta pesquisa; na seção 3.2, descrevemos os procedimentos metodológicos aplicados e apresentamos, de forma breve, a abordagem adotada ao final da discussão dos dados obtidos.

3.1 CÓRPUS

Nesta seção, apresentamos como ocorreu o levantamento do material para análise e as escolhas iniciais para delimitação dos dados a partir dos textos recebidos.

Para realizar este estudo, coletamos todos os trechos em que há a presença de vírgulas não convencionais em esquema simples de 100 redações para análise, sendo 50 delas classificadas como *nota zero* e as outras 50 como *abaixo da média*. Todas as redações foram fornecidas pela CPS da UEPG, sem a identificação de seus autores, mantendo seu anonimato. Todos os textos referidos foram escritos durante a realização do vestibular do ano de 2022 da UEPG, aplicado no dia 11 de dezembro de 2022.

Solicitamos à CPS 200 redações escritas por candidatos ao vestibular da UEPG no ano de 2022, sendo essas divididas entre: 50 *notas zero*, 50 *abaixo da média*, 50 *na média* e 50 *acima da média*. No entanto, optamos por analisar o emprego não convencional da vírgula em esquema simples apenas em 100 redações (50 *notas zero* e 50 *abaixo da média*). Tal seleção se deu a partir de razões que expomos adiante.

Ao recebermos os dados, a CPS nos orientou a não compartilharmos o material recebido e não reproduzirmos imagens dos textos dos vestibulandos, em respeito à Lei Geral de Proteção de Dados (LGPD).³⁰ Trazemos, neste trabalho, a transcrição literal de trechos dos textos recebidos – as transcrições são fiéis à escrita dos candidatos, mantendo, assim, a grafia conforme se apresenta nos textos (ANEXO A). Além disso, é importante mencionar que, quando a escrita de alguma palavra não estava legível, empregamos uma legenda indicativa, como: “[*palavra não identificada*]” ou “[*sequência de três palavras não identificadas*]”, para um trecho em específico, referente ao dado *abaixo-14*.

As nomenclaturas dos arquivos recebidos apresentavam a seguinte formatação: *nota recebida + numeração do texto*, conforme o exemplo: *Zero01*. Ao final da transcrição de cada dado, adotamos a identificação de qual foi a nota obtida e sua numeração separadas por hífen, de acordo com a ordem dos textos recebidos pela CPS da UEPG. Portanto, *zero-02*, por exemplo, significa que o trecho foi retirado da redação número 2 que obteve nota zero.

Os cadernos de provas continham a proposta com o seguinte tema: “Caminhos para o enfrentamento de capacitismo no Brasil”. A proposta contou com dois textos motivadores acerca do tópico: um artigo do portal de notícias G1, que definia capacitismo e apresentava dados sobre Pessoas com Deficiência (PcD) no Brasil, e uma reportagem do Estado de Minas sobre o uso das redes sociais por PcDs no combate à discriminação (ANEXO B). Além disso, o caderno de provas continha as orientações para escrever um texto dissertativo-argumentativo com base no tema apresentado, entre elas, a redação (i) deveria conter no mínimo 10 linhas e no máximo 20 linhas; e (ii) ser elaborada em prosa (ANEXO C).

Após a realização da prova, a CPS divulgou as *considerações sobre a prova de redação* (ANEXO D), que fornecem conhecimento acerca do que era esperado quanto à redação dos candidatos. Com base nesse documento, é possível interpretar que, além de atender ao que se espera em um texto de tipologia argumentativa, os alunos também deveriam propor soluções efetivas para combater o capacitismo (tema da redação do vestibular de 2022 da UEPG, conforme exposto anteriormente).

³⁰ Lei n. 13.709, de 14 de agosto de 2018, que controla a privacidade e o uso de dados pessoais. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2018/lei/l13709.htm. Acesso em: 25 jan. 2025.

O tema permitia diferentes reflexões sociais, e os candidatos deveriam construir o texto argumentativo, utilizando informações dos textos da coletânea e de seu repertório sociocultural, por exemplo. Era fundamental que os candidatos focassem em formas de enfrentar o capacitismo, indo além de sua simples definição ou impactos na sociedade. Textos que se limitassem ao senso comum ou apenas repetissem informações da coletânea seriam avaliados em níveis mais baixos. Por outro lado, aqueles que demonstrassem reflexão crítica, argumentação articulada e aprofundada, embasada em diferentes conhecimentos, alcançariam notas mais altas.

Além disso, a proposta exigia que os candidatos usassem a norma culta da língua, evitassem cópias literais dos textos motivadores e não incluíssem identificação no texto, sob risco de nota zero.

Destacamos, ainda, o contexto de tensão em que se deu o processo de escrita dos textos analisados nesta pesquisa. Por se tratar de redações de vestibular, por si só já inferimos as questões como: a necessidade de atender às exigências da prova de redação somada à pressão de ter seu texto submetido a uma banca avaliadora, que terá impacto direto em seu ingresso ou não à universidade. Como observa Chacon (1996, p. 96), a escrita dos alunos, nesse contexto, é perpassada por aspectos como sua posição no tempo e no espaço “‘real’ da enunciação”, em nosso caso, o cenário social referente ao capacitismo em 2022 no Brasil. Além disso, esse aspecto não permite que o candidato ignore o contexto de competitividade no qual está inserido. Chacon (1996) afirma, ainda, que a interlocução na redação do vestibular pode ser considerada indireta por dois motivos: (i) primeiro por ocorrer à distância, ou seja, o candidato escreve sem estar em contato direto com seu interlocutor, neste caso, a banca avaliadora e, em certa medida, a banca de elaboração da prova de redação e a própria instituição, em nosso caso, a UEPG; (ii) o vestibulando não interage diretamente com os avaliadores, mas projeta mentalmente quem são seus leitores e o que esperam do texto. Assim, ao construir seu argumento e estruturar sua redação, ele imagina como a banca de correção, a banca de elaboração da prova e a própria instituição UEPG avaliarão seu desempenho. Dessa forma, ainda em concordância com Chacon (1996), mesmo sem um contato direto, há uma interação simbólica que influencia a escrita do candidato.

Diante do exposto, nossa escolha – a presença não convencional da vírgula em esquema simples – se deu, inicialmente, com base em Soncin (2014). A autora, conforme já explicitado, privilegia a relação dos usos não convencionais da vírgula em esquema simples em uma perspectiva enunciativo-discursiva, fazendo uma espécie de comparação com os usos convencionais da vírgula. Desse modo, um de seus argumentos é o de que as frases entoacionais por reestruturação predominam nos usos de vírgulas presentes em posição não prescrita pela convenção, e é nesse contexto que a produção de sentido é motivada. Sendo assim, os usos não convencionais da vírgula evidenciam o caráter enunciativo-discursivo da prosódia que compõe a escrita, conforme as palavras da autora:

não-convencional configura-se como o modo em que o sujeito, ao escapar do previsto pela convenção, mobilizando o funcionamento enunciativo-discursivo da prosódia constitutiva da escrita, se constitui enquanto sujeito da linguagem e da escrita (Soncin, 2014, p. 210).

Assim sendo, a escolha dos textos de alunos que obtiveram notas zero ou abaixo da média se dá por conta de sua característica de avaliações mais baixas, e por almejarmos vislumbrar as produções de sentido mobilizadas, especificamente nesses textos, por meio do emprego não convencional da vírgula. Além disso, há poucas pesquisas anteriores que favoreçam dados de alunos que, teoricamente, não atenderam às expectativas da prova de redação – uma das exigências no processo de seleção para ingresso na Universidade –, fazendo com que, justamente, as redações notas zero e abaixo da média sejam privilegiadas nesta pesquisa.

As redações do vestibular que foram avaliadas como nota zero ou abaixo da média se mostram importantes para compreender o funcionamento do uso não convencional de vírgulas em esquema simples, devido à observância do que a escola propõe que o aluno deva atingir no Ensino Médio e o que o escrevente alcança na prática. Por exemplo, de acordo com a Base Nacional Comum Curricular (2017), os alunos desenvolvem habilidades de produção e revisão de textos com domínio do uso da *pontuação adequada*, entre outros aspectos pertinentes à prática da escrita. Subentende-se, pois, que, a essa altura, os aprendizes tenham amplo conhecimento acerca dos usos da pontuação, a fim de mobilizar os sentidos pretendidos em seus textos.

Quanto à seleção de vírgulas apenas por presença em esquema simples, retomamos os estudos anteriores realizados na área, apresentados na seção 2.3 desta dissertação. É possível verificar que, no geral, dados de vírgula por presença em esquema simples são menos frequentes do que a ausência não convencional da vírgula, ou seja, ausência desse sinal de pontuação em posição prevista pela convenção. Nesse sentido, reconhecemos o peso significativo da ausência não convencional da vírgula em textos escritos, entretanto, pretendemos verificar como os sentidos figuram a partir do emprego da vírgula em esquema simples por presença em desacordo com a convenção. Quando o escrevente usa a vírgula em esquema simples, significa que certas dimensões da linguagem desempenharam um papel importante a ponto de capturar a atenção do aluno para esse uso – seja por questões prosódicas, sintáticas ou de organização textual. Ou seja, o escrevente está afetado pelo uso da pontuação, no nosso caso, a vírgula, embora seja por meio daquilo que não é convencional, mas por outras razões. São essas razões que buscamos apreender a partir desta pesquisa, buscando a relação entre sujeito e linguagem.

Dadas as nossas motivações para a presente pesquisa, passamos a tratar, na seção seguinte, dos procedimentos metodológicos.

3.2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Nesta seção, passamos à descrição dos métodos adotados para a condução desta pesquisa.

Primeiramente, ressaltamos que a ausência da vírgula em contexto em que convencionalmente deveria ser empregada não é o foco deste trabalho, portanto, não há dados analisados nesse sentido, uma vez que nosso objetivo é justamente analisar como os escreventes efetivamente empregaram a vírgula, conforme será exposto a seguir.

Para a coleta dos dados a partir das 100 redações escritas por vestibulandos, lemos atentamente cada texto em busca de trechos em que houve o emprego da vírgula, *a priori* fizemos o levantamento de todos os usos da vírgula, sendo convencional ou não. Em seguida, passamos a delimitar o objeto de análise, conforme será exposto a partir daqui. Inicialmente, desconsideramos dados que apresentam rasura, como em:

(5) *No Brasil essa relação acontece sendo grandes empresários [*]³¹ donos de grandes empresas [...] (zero-20)*

Sobre a rasura, Capristano (2013, p. 667) afirma que manifesta “apagamentos, escritas sobrepostas, inserções, riscos, etc. [...]”. Os dados considerados rasura são aqueles em que há traços que deixam dúvidas se corresponderiam à vírgula ou a qualquer outra pontuação. Por sua complexidade, a rasura pertinente à dúvida de pontuação é deixada para futuros trabalhos. Enfatizamos que, para cumprir as exigências quanto ao não compartilhamento dos dados, não expomos uma figura ilustrativa de rasura presente em nosso objeto de estudos. No entanto, quando há rasura em palavras ou trechos do texto que não afetam a visualização da pontuação, consideramos o dado – de acordo com os critérios estabelecidos, conforme continuaremos discorrendo a seguir – para análise da vírgula em desacordo com a convenção em esquema simples, apenas omitindo a rasura, por exemplo:

(6) *[...] grande agravante para a ~~situea~~ situação precária [...] e pelas ruas, as vimos, ~~pel~~ pedindo pelo mínimo. (abaixo-01)³²*

Dados como representados em (6) são transcritos da seguinte forma: “[...] grande agravante para a situação precária [...] e pelas ruas, as vimos, pedindo pelo mínimo” (abaixo-01). Uma vez que a rasura acometida no trecho não interfere no entendimento da amostra e nem na identificação da vírgula conforme nosso recorte metodológico.

Após esse levantamento inicial, realizamos recortes metodológicos para obtenção de dados de vírgulas não convencionais em esquema simples por presença. Sendo assim, foram excluídos os dados de emprego convencional de vírgula, como em:

³¹ A ilegibilidade do trecho inviabiliza a identificação de um ponto ou de uma vírgula.

³² “*situea*” e “*pel*” são riscados pelo escrevente em seu texto, conforme representação do dado transcrito fielmente. Esse dado não foi retirado, segundo explicamos, portanto, aparecerá em nossa análise no Capítulo 4.

(7) *Entretanto, quem tem mais poder e recursos consegue influenciar melhor uma população. (zero-25)*

Além disso, excluímos, também, os empregos não convencionais de vírgula *em esquema duplo*, de presença-ausência ou ausência-presença da vírgula. Nesses casos, de acordo com a convenção, haveria o emprego de duplas vírgulas – isto é, tanto à esquerda quanto à direita –, no entanto, a vírgula está presente apenas em uma das extremidades, como o exemplo a seguir:

(8) *E hoje em dia, com seus 837 mil espectadores ele incentiva [...] (zero-08)*

Por se tratar de ausência de vírgula, ainda que parcial, optamos por excluir esses dados da presente pesquisa, pois, conforme mencionamos, a ausência de vírgulas não é nosso foco, fugindo do escopo desta pesquisa.

Ainda nesse sentido, consideramos como emprego de vírgulas em esquema duplo as supostas tentativas do escrevente de enfatizar a informação que considera relevante, como, por exemplo:

(9) *O filme “Extraordinário” trata-se de um menino que nasceu, com deficiência facial, e quando ele começa a frequentar à escola os colegas de classe fazem piadas com sua aparência. (abaixo-37, grifo nosso)*

Embora detectemos a vírgula anteposta à conjunção *e*, entendemos que faz parte do conjunto de duplas vírgulas, isolando “com deficiência facial”. Nossa razão para tal interpretação se deve ao fato de considerar o tema central da proposta de redação, que se pauta no capacitismo. Assim sendo, inferimos que as vírgulas empregadas isolando o conjunto podem ser uma forma de dar ênfase ao tópico. Respaldamos nossa interpretação a partir de Francisco (2024), a qual encontrou dados em que “houve incertezas quanto à classificação sintática de determinadas estruturas” (Francisco, 2024, p. 64), como em “*Eu não quero ficar aqui, sozinha*” e “*Um dia o Ricardo saiu de casa para uma aventura, com seu cachorro*”. A pesquisadora explica que, em detrimento das regras sintáticas, o escrevente procura utilizar a vírgula em posição não canônica da sentença, isolando a informação que

quer destacar como importante em seu texto. Outro exemplo encontrado em nosso corpus com certo grau de dificuldade de classificação sintática é:

(10) *Portanto, cabe as pessoas revisarem suas atitudes com essas pessoas afetadas. E assim, **levarem** as redes sociais mais sobre o que elas enfrentam no seu dia-a-dia, e assim não se **sentirem** mais inseguras em socializar na sociedade. (abaixo-37, grifo nosso)*

Devido à ambiguidade do período, não é possível captar de forma precisa qual é o sujeito de “*levarem*”, conseqüentemente, não sabemos se o sujeito de “*sentirem*” é o mesmo de “*levarem*”; sendo assim, caso os sujeitos sejam diferentes para “*levarem*” e “*sentirem*”, a vírgula segue a convenção, o que não acontece se o sujeito for o mesmo para ambos os sintagmas verbais.

Nesse sentido, além da busca pelos contextos sintáticos com base em Cunha e Cintra (2016), foi necessário observar os sentidos produzidos pelos escreventes nos trechos sob análise, muitas vezes, necessitando retornar ao texto na íntegra, a fim de elucidar questões mais relacionadas aos sentidos dos enunciados produzidos (Soncin, 2014). Assim sendo, dados similares a (10) não compõem as amostras de estudos desta pesquisa, devido ao seu grau de complexidade sintática, no sentido de dúvida quanto à classificação da vírgula de acordo com a gramática de referência adotada nesta dissertação, no caso, a gramática de Cunha e Cintra (2016).

Feitas as considerações acerca da delimitação do objeto de análise, reiteramos que, para esta pesquisa, concentramo-nos especificamente na presença da vírgula não convencional *em esquema simples*. Passamos, então, a identificar as estruturas sintáticas em que há presença de vírgula, conforme referido. Para isso, tomamos por base Cunha e Cintra (2016) e descrevemos a utilização da gramática de referência como ferramenta técnica para classificação dos dados componentes da coleta textual.

Inicialmente, as obras selecionadas para classificação dos usos das vírgulas em desacordo com a convenção foram Bechara (2009) e Cunha e Cintra (2016). No entanto, observamos que um mesmo dado poderia ser classificado tanto como convencional como não convencional, a depender da gramática considerada. Como no exemplo:

(11) *Atualmente, há muitos tipos de discriminação no Brasil e no mundo; racial, cultural, sexual - sendo essas, conhecidas por todos, e que vem sendo percebidas no nosso país. (abaixo-31)*

De acordo com Bechara (2009), a ocorrência de vírgula que precede a conjunção e pode ser considerada convencional caso seja proferida com pausa, entretanto, o autor não deixa evidente o que considera caracterizar uma *pausa*. Já Cunha e Cintra (2016) avaliam casos como (11) como um emprego não convencional da vírgula, uma vez que a vírgula é utilizada “para separar elementos que exercem a mesma função sintática (sujeito composto, complementos, adjuntos), **quando não vêm unidos pelas conjunções e, ou e nem**” (Cunha; Cintra, 2016, p. 658, grifo nosso).

Dessa forma, os dados analisados podem variar conforme a gramática adotada como referência para sua classificação, como demonstra Soncin (2014), que, com base nas normas estabelecidas por quatro diferentes autores³³ para o uso da vírgula, analisou uma amostra de 28 textos coletados para sua pesquisa, tendo, dessa forma, realizado o procedimento de análise quatro vezes para o mesmo conjunto de textos. A autora apresenta a seguinte síntese de seu levantamento:

Figura 6 - Síntese do levantamento de dados de vírgulas por Soncin (2014)

Autor	Usos convencionais	Usos não-convencionais pela ausência	Usos não-convencionais pela presença	Total por obra de referência
Luft	191/736 (25,9 %)	74/413 (17,9 %)	26/109 (23,9 %)	291
Bechara	188/736 (25,5 %)	121/413 (29,3 %)	24/109 (22,0 %)	333
Rocha Lima	180/736 (24,5 %)	104/413 (25,2 %)	27/109 (24,8 %)	311
Cunha & Cintra	177/736 (24,0 %)	114/413 (27,6 %)	32/109 (29,4 %)	323
Total por tipo de usos de vírgula	736/1258 (59 %)	413/1258 (33 %)	109/1258 (9 %)	1258 (100,0 %)

Fonte: Soncin (2014, p. 260).

Dentre os resultados obtidos pela autora, Soncin (2014) destaca que, independentemente da gramática tomada como referência de análise, os usos convencionais da vírgula superam os usos não convencionais. Em contrapartida, há alteração nos usos convencionais e não convencionais com base em cada autor.

³³ Luft (1998), Bechara (1999), Rocha Lima (1986) e Cunha e Cintra (2001).

Soncin (2014) salienta, por exemplo, que o maior índice de usos não convencionais por ausência de vírgula é encontrado a partir de Bechara (1999), enquanto o maior índice de vírgulas em desacordo com a convenção por presença é observado em Cunha e Cintra (2001). Destacamos, ainda, que a síntese de Soncin (2014) permite observar que, entre as gramáticas analisadas pela autora, todas apresentam um número reduzido de dados brutos de usos não convencionais da vírgula por presença em esquema simples, aspecto de interesse para esta pesquisa.

A partir das observações apresentadas por Soncin (2014) acerca das flutuações das regras que regem os usos de pontuação, e por observarmos certa flutuação entre Bechara (2009) e Cunha e Cintra (2016), conforme mencionado anteriormente, optamos pela obra de Cunha e Cintra (2016) para classificação dos dados desta dissertação, por se tratar de uma versão mais atualizada entre as que encontramos.

Salientamos que a escolha da gramática de Cunha e Cintra (2016) para classificação dos dados é, essencialmente, técnica. Dito isso, cabe ressaltar qual é a perspectiva que rege as prescrições quanto aos usos dos sinais de pontuação para Cunha e Cintra (2016). Para os autores, a escrita não apresenta os mesmos recursos da fala, como ritmo e melodia. Desse modo, segundo os gramáticos, a pontuação supre essa falta, a fim de atribuir, de forma aproximada, esses recursos à escrita. Nesse sentido, a vírgula desempenha um papel crucial em textos escritos, representando uma pausa de curta duração (Cunha; Cintra, 2016). Todavia, distanciamo-nos dessa visão, pois, parece postular que a escrita seria uma representação da fala, no entanto, retomamos a visão defendida por Corrêa (2004) em relação ao caráter heterogêneo da linguagem e reafirmamos, juntamente com o autor, que fala/escrita são fatos linguísticos manifestos pelas práticas sociais oralidade/letramento, além disso, conforme explicitado anteriormente, a escrita é atravessada por tentativas de demarcar os contornos entoacionais característicos da fala, valendo-se da pontuação (Chacon, 2022).

Ao estudar o que a gramática normativa prescreve para o uso da vírgula, interpretamos que esse sinal de pontuação tem caráter essencialmente separador e é empregado a fim de articular as orações – seja em seu interior ou entre orações – em um texto, sendo assim, podemos concluir que é um sinal coesivo, ou seja, está diretamente relacionado à sintaxe.

Sistematizamos no Quadro 2 um resumo do que se pode encontrar em termos de regras que regem o uso da vírgula para a gramática consultada nesta pesquisa (Cunha; Cintra, 2016).

Quadro 2 - Regras para o emprego da vírgula

Regra geral	Observações
Separar elementos com a mesma função sintática (sujeito composto, complementos, adjuntos).	Salvo quando conectados pelas conjunções e , ou ou nem . No entanto, quando essas conjunções se repetem, usa-se vírgula.
Separar aposto ou elementos de valor explicativo, vocativo, pleonasmos, adjunto adverbial antecipado.	Obrigatório para separar esses elementos, dispensa vírgula para adjuntos curtos, exceto para dar ênfase.
Separar orações coordenadas assindéticas e sindéticas.	Uso obrigatório para coordenadas assindéticas. Separa coordenadas sindéticas, salvo as introduzidas com e , exceto quando há sujeito diferente ou o e se repete.
Conjunções adversativas e conclusivas.	Mas : sempre no início da oração, com vírgula antes. Outras adversativas (porém, todavia, etc.): vírgula antes ou intercaladas por vírgulas. Conclusivas (pois): isoladas por vírgulas. Outras conclusivas (logo, portanto): a vírgula pode antepor-se a essas conjunções ou vir intercaladas com vírgula.
Orações intercaladas.	Isolar as orações intercaladas.
Separar orações subordinadas adjetivas explicativas.	Explicativas: são isoladas por vírgula por indicar pausa. Restritivas: estão ligadas a um substantivo ou pronome antecedente sem pausa, por essa razão não são isoladas por vírgula na escrita.
Separar orações subordinadas adverbiais.	Principalmente quando antepostas à principal.
Orações reduzidas (infinitivo, gerúndio, particípio).	Isoladas quando equivalem a adverbiais.
Datas e localidades.	Separar local e data.
Elipse do verbo.	Indica omissão do verbo ou grupo de palavras.

Fonte: elaboração própria, com base em Cunha e Cintra (2016).

Ressaltamos que a complexidade da vírgula é encontrada nas próprias prescrições para seu uso, uma vez que, na gramática normativa, encontramos certas regras que regem o uso da vírgula de forma taxativa – por exemplo, a vírgula não deve separar uma “oração subordinada substantiva e a sua principal” (Cunha; Cintra, 2016, p. 664) –, mas encontramos algumas situações em que a vírgula é opcional, conforme explicitado, e, ainda, casos em que há exceções.

Nas gramáticas normativas, a função principal atribuída ao uso da vírgula está relacionada à pausa na fala (Cunha; Cintra, 2016). Deduzimos, portanto, que a relação entre pausa e vírgula está muito presente no ensino escolar. No entanto, de acordo com Soncin e Tenani (2015, p. 491), “as normas que estabelecem as convenções do emprego da vírgula segundo a tradição gramatical são prioritariamente sintáticas e, em geral, desconsideram a atuação da prosódia”.

Dado o exposto, reforçamos que a gramática normativa aqui é utilizada como ferramenta técnica para análise quantitativa dos dados, embora a análise qualitativa seja privilegiada nesta pesquisa. Ou seja, não é de nosso interesse classificar “erros” ou “acertos”, uma vez que essa dicotomia desconsidera o sujeito de linguagem e desvaloriza o estatuto multidimensional da vírgula (Chacon, 1996).

Partimos, então, para os resultados quantitativos que foram alcançados para organização das regularidades sintáticas obtidas em relação aos constituintes prosódicos encontrados, sendo assim, com base em Nespor e Vogel (1986) e nos estudos anteriores de referência, especialmente Araújo (2012), Soncin (2014) e Francisco (2024), passamos à descrição qualitativa dos dados analisados, buscando observar regularidades encontradas nos trechos e investigando possíveis fronteiras prosódicas que possam justificar o emprego da vírgula de forma não convencional.

Em suma, os procedimentos adotados são:

(i) A partir da escolha do material analisado – 50 redações *notas zero* e 50 *abaixo da média* –, realizamos a leitura dos textos e detecção dos períodos em que há o emprego da vírgula, independentemente de acordo ou não com a convenção;

(ii) Na sequência, excluímos os dados que fogem do escopo desta pesquisa: rasura, ausência não convencional de vírgula, presença convencional da vírgula, vírgulas em esquema duplo – previstas ou em desacordo com a convenção, seja pela presença ou pela ausência –, e dados de complexidade sintática-semântica – que trazem alguma ambiguidade, não sendo possível definir a convencionalidade da vírgula por meio de Cunha e Cintra (2016);

(iii) Posteriormente, realizamos a identificação dos contextos sintáticos das vírgulas não convencionais em esquema simples por presença, a partir da gramática de referência, elaborada por Cunha e Cintra (2016);

(iv) Iniciamos a análise quantitativa e, em relação à análise qualitativa, descrevemos as estruturas prosódicas manifestadas nos trechos sob análise;

(v) Relacionamos os resultados obtidos à teoria que embasa esta pesquisa, acerca do modo heterogêneo da constituição de escrita (Corrêa, 2004).

Antes de passarmos à análise das amostras textuais selecionadas, explicaremos, brevemente, a abordagem que utilizamos ao final da nossa discussão para tratar os dados obtidos, na tentativa de verificar o impacto do uso da vírgula em esquema simples não previsto pela convenção.

Primeiramente, buscamos verificar em quais redações houve o emprego da vírgula requerido para esta pesquisa, em seguida, analisamos quais desses textos fugiram ao tema proposto pela prova de redação, excluindo-os dos próximos passos dessa breve análise aqui proposta. Ao identificar quais redações *notas zero* possivelmente não foram zeradas devido à fuga ao tema,³⁴ identificamos a quantidade de vírgulas não convencionais em esquema simples que ocorreram em cada texto do conjunto selecionado a partir dos critérios explicitados, com a intenção de nos levar a refletir sobre as notas obtidas em relação ao dado analisado.

No próximo capítulo, apresentaremos a análise e discussão dos dados.

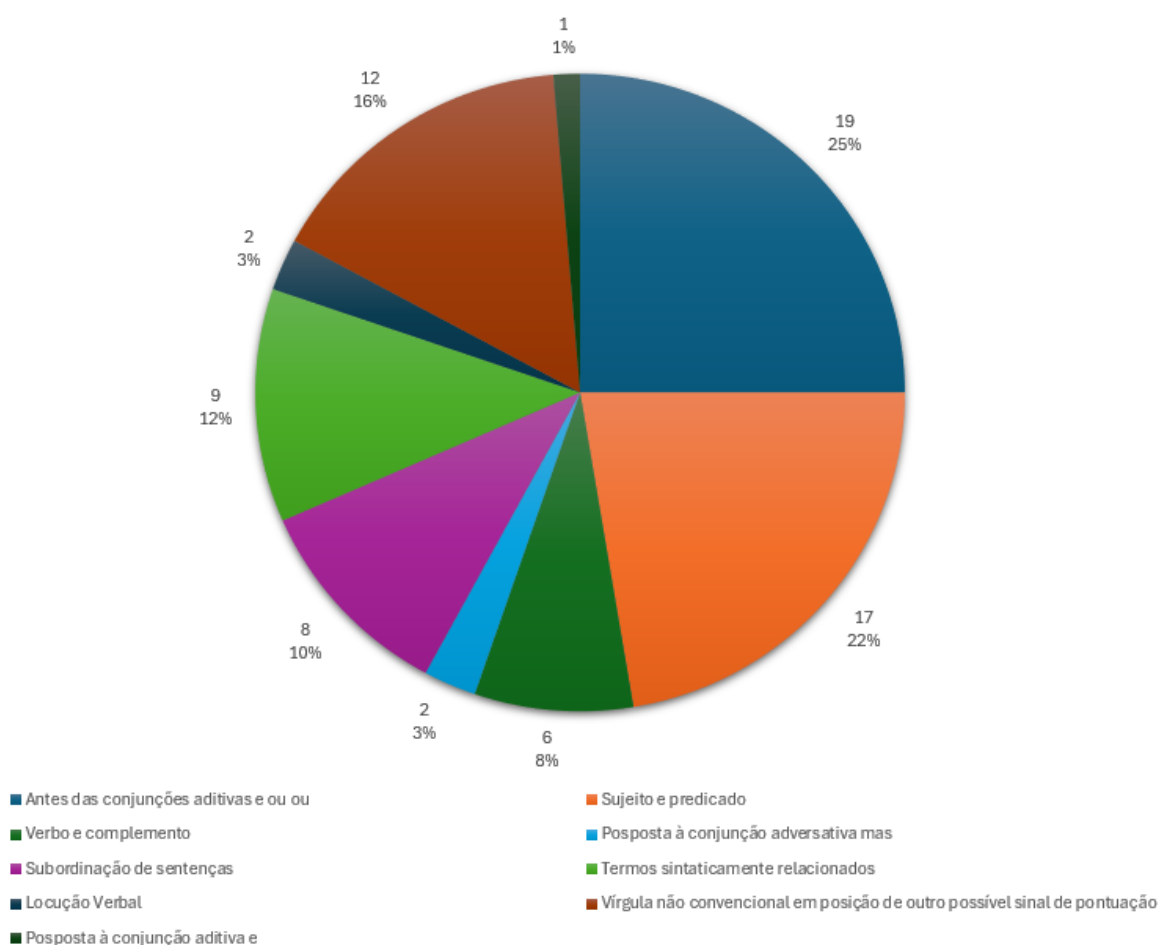
³⁴ Não fazemos, aqui, a análise aprofundada de todos os critérios que poderiam levar uma redação à nota zero, selecionamos o critério que consideramos de senso comum mais relevante. Além disso, mais detalhes sobre essa abordagem ao olharmos para os dados obtidos serão discutidos na seção 4.1 desta dissertação.

4 ANÁLISE DOS DADOS

Expomos, neste capítulo, a análise prosódica realizada para este estudo e abordamos, juntamente com a análise, a discussão acerca dos dados encontrados.

Nas 100 redações analisadas, foram levantadas 76 ocorrências de emprego não convencional de vírgula em esquema simples. Esse resultado geral é apresentado no Gráfico 1:

Gráfico 1 – Ocorrências de emprego não convencional de vírgula



Fonte: elaboração própria.

Optamos por trazer a análise dos dados, primeiramente, conforme os dados mais frequentes, para em seguida, apresentar aqueles que são menos frequentes, mas que apresentam relações importantes com o funcionamento da prosódia na escrita. Desse modo, no que diz respeito à ocorrência de vírgula não convencional nos trechos analisados, em um primeiro momento, apresentamos as (1) vírgulas

empregadas antes das conjunções “e” e “ou”. Esse contexto sintático é subdividido em: (i) termos coordenados com as conjunções e ou *ou*; e (ii) uso de “e” em orações coordenadas aditivas de mesmo sujeito. Em seguida, apontamos os trechos em que há emprego da vírgula (2) entre sujeito e predicado; (3) em posição não convencional na qual haveria o emprego de outro possível sinal de pontuação; e (4) entre termos sintaticamente relacionados. Na sequência, apresentamos os dados referentes ao emprego em desacordo com a convenção de vírgula na seguinte ordem: entre verbo e complemento; após a conjunção adversativa “mas”; subordinação de sentenças; verbos que formam locução verbal; e vírgula não convencional posposta à conjunção “e”. Ademais, selecionamos as regularidades identificadas nas amostras sob análise com base em estudos já realizados (Araújo-Chiuchi, 2012; Soncin, 2014; Francisco, 2024).

Por dialogar com o recorte de nossa pesquisa – usos não convencionais da vírgula em esquema simples –, buscamos respaldo, principalmente, em Soncin (2014) e Francisco (2024) para nortear a nossa análise. Embora as autoras investiguem outros dados que não apenas a presença não convencional da vírgula em esquema simples, reiteramos que nosso foco é apenas a *presença* da vírgula *em esquema simples*, especificamente seu uso não convencional de acordo com a gramática de referência, ou seja, Cunha e Cintra (2016).

Como pode ser observado, o maior número de ocorrências (19, equivalentes a 25% dos dados levantados) corresponde ao emprego não convencional da vírgula antes da conjunção aditiva e ou *ou*. Como já apresentado no Quadro 2, na seção 3.2 desta dissertação, de acordo com Cunha e Cintra (2016), elementos coordenados conectados pelas conjunções *e*, *ou* ou *nem* não devem ser separados por vírgula.

Observando as 19 ocorrências, verificamos que há maior prevalência em relação ao emprego da vírgula entre termos coordenados com as conjunções e ou *ou*, ou seja, aqueles que exercem a mesma função sintática (complementos, adjuntos, entre outros), sendo 14 dados (73,7%); e menor frequência em orações coordenadas aditivas de mesmo sujeito, com 5 ocorrências (26,3%), como mostra a tabela a seguir:

Tabela 1 - Estruturas sintáticas identificadas a partir do emprego não convencional da vírgula antes de *e* e *ou*

Identificação das estruturas sintáticas	Ocorrências	Porcentagens
Termos coordenados com as conjunções <i>e</i> e <i>ou</i>	14	73,7%
Uso de “e” em orações coordenadas aditivas de mesmo sujeito	5	26,3%
Total	19	100%

Fonte: elaboração própria.

A Tabela 1 nos mostra que foram verificadas 14 presenças de vírgula que separam elementos que apresentam a mesma função sintática quando há a presença das conjunções *e* e *ou*, sendo assim, marcando a presença não convencional da vírgula, uma vez que a vírgula não é permitida nesses casos (Cunha; Cintra, 2016). É possível notar a relevância da formação da frase entoacional no emprego dessas vírgulas. Vejamos, a seguir, os exemplos:

(12) *[O capitalismo é expresso por meio de atitudes negativas e depreciativas,]I [e de comportamentos hostis e discriminatórios]I [dirigidos a qualquer pessoa que apresenta algum tipo de deficiência,]I [determinando e perpetuando.]I* (zero-12)

(13) *[Um dos caminhos para combater o capacitismo]I [é a não diferenciação deles em sociedade,]I [e a maior representação em cargos de poder e vizibilidade.]I* (abaixo-28)

(14) *[As escolas devem ajudar com esse problema,]I [dando ensinamento que isso é errado,]I [e levalos para interagir com crianças deficientes]I [e ensinar que somos todos iguais.]I* (abaixo-33)

Nespor e Vogel (1986) descrevem que há fatores relevantes para considerar a reestruturação de frases entoacionais, sendo eles relacionados à sua extensão, à velocidade de fala relativamente lenta, ao registro formal do uso da língua e à proeminência contrastiva, conforme visto na subseção 2.2.1 desta dissertação.

Sendo assim, Tenani (2002) reforça que a extensão da frase entoacional tem elevada importância para que ocorra a reestruturação. Com base nessa premissa é que defendemos a reestruturação proposta em (12), (13) e (14), a fim de atribuir sentido ao enunciado. Pois, esses exemplos mostram a possibilidade de reestruturação das *Is* que seriam formadas a partir do algoritmo padrão de formação de frases entoacionais, de acordo com Nespor e Vogel (1986).³⁵

Consideramos, ainda, o exemplo a seguir:

(15) *[O capacitismo é um preconceito relacionado a qualquer pessoa com deficiência,]I [seja física,]I [ou intelectual.]I (zero-30)*

Em (15), a reestruturação parece dizer respeito à proeminência contrastiva, ou seja, à ênfase prosódica que recai sobre *ou*, possivelmente, uma tentativa do escrevente de destacar que não importa qual tipo de deficiência, podendo ser tanto física, quanto intelectual, independentemente, são essas pessoas que sofrem capacitismo. Conforme Nespor e Vogel (1986, p. 195, tradução nossa), “considerações semânticas relacionadas à proeminência contrastiva de uma parte particular de um enunciado pode levar uma *I* a ser quebrada em *Is* menores”.³⁶ Dessa forma, a vírgula não convencional empregada antes da conjunção *ou* atribui sentido ao que é proposto pelo(a) escrevente.

Quanto ao emprego não convencional da vírgula, Francisco (2024) aponta a presença antes da conjunção “e” em orações coordenadas aditivas de mesmo sujeito como as mais empregadas por alunos do sexto ano do Ensino Fundamental, como em “[...] o médico atendeu a moça rapidamente, e mandou tirar raio X [...]” (Francisco, 2024, p. 60, grifo nosso). Esse resultado é diferente dos casos aqui observados, uma vez que as vírgulas que aparecem antes da conjunção aditiva “e” em orações coordenadas de sujeitos idênticos são as menos frequentes em nosso material de análise. Entretanto, esses dados com menor incidência não são descartados da análise. A partir das informações dispostas anteriormente, encontramos 5 casos em que a ocorrência da vírgula se dá antes da conjunção “e” em orações coordenadas aditivas de mesmo sujeito, performando, assim, a minoria

³⁵ Como descrito na subseção 2.2.1 desta dissertação.

³⁶ [...] *semantic considerations related to the contrastive prominence of a particular part of an utterance may lead an I to be broken down into smaller ones* (Nespor; Vogel, 1986, p. 195).

das ocorrências não convencionais das vírgulas por presença. Nesse sentido, verificamos, mais uma vez, a relação da presença de vírgula e a extensão das frases entoacionais formadas. Esse fato também é observado em Carvalho (2019), que torna visível que a frequência de usos não convencionais em contextos de orações coordenadas aditivas com o mesmo sujeito pode ser atribuída à extensão da frase entoacional. Essa interpretação, de igual forma, é vista em Francisco (2024, p. 61), que afirma: “consideramos a hipótese de que os alunos, ao empregar a vírgula de maneira não convencional entre orações coordenadas aditivas, levam em conta o tamanho da estrutura e separam as orações, reestruturando-as em duas *Is*”.

Sendo assim, corroboramos essa informação ao verificar que, em (15) e (16), por exemplo, ocorre a possibilidade de reestruturação de *Is*, devido à sua longa extensão, especificamente nos trechos sob análise.

(16) *[teremos um mundo melhor,]I [onde todos podem ser livres e felizes da forma que são,]I [e principalmente]I [que não tenham medo de mostrar quem são]I [e sair sem preocupações com os outros,]I [que todos sejam mais humanos em todos os sentidos.]I (abaixo-20)*

(17) *[Pessoas com deficiência,]I [seja ela qual for,]I [sofre com esse tipo de preconceito]I [constantemente]I [frases de dó,]I [piedade,]I [tratamento “especial”]I [são alguns dos inúmeros exemplos do capacitismo,]I [no qual corrompe a dignidade dessas pessoas,]I [e contribui piamente]I [para situações de desigualdade e exclusão social de tais.]I (abaixo-48)*

Cabe destacar, ainda, que as vírgulas não convencionais destacadas em (16) e (17) se aproximam de elementos adverbiais como “principalmente” e “piamente”, respectivamente, e marcam um provável contexto de pausa, em que não necessariamente há um momento de silêncio, mas a pausa poderia ser percebida por noções fonológicas a partir do contorno entoacional e as fronteiras entre as frases entoacionais (Soncin; Tenani; Berti, 2019). Nesse sentido, as frases entoacionais destacadas pelas vírgulas em desacordo com a convenção, conforme os exemplos, demarcam a continuidade do enunciado, pois não geram um contorno entoacional descendente, característica das frases declarativas (Tenani, 2002). Ao

contrário, indicam um tom ascendente, comum em situações que indicam a continuidade de uma ideia.

É interessante notar que, no exemplo (17), percebemos que, nas frases entoacionais [*no qual corrompe a dignidade dessas pessoas,*] e [*e contribui piamente*], provavelmente não haveria a percepção da pausa – em contexto de fala –, pois, seria possível identificar o processo de assimilação conhecido como *vozeamento da fricativa* em *pessoa[zi]contribui* ao invés de *pessoas [i] contribui*, em que, de acordo com Tenani (2002), a fricativa desvozeada [s] em posição de coda silábica assimila o traço de vozeamento do elemento seguinte [i].³⁷ Entretanto, ao pensarmos que o processo de escrita costuma ser mais lento do que a fala – principalmente tratando-se de textos de vestibulandos –, as chances desse fenômeno ocorrer diminuem, sendo assim, a possibilidade de pausa é maior, logo, a vírgula não convencional demarca a fronteira entre frases entoacionais detectada por meio de uma possível pausa. Essa consideração fortalece a ideia de que o uso da vírgula está estreitamente relacionado à pausa na fala, conforme fortemente disseminado pelas prescrições gramaticais (Bechara, 2009; Cunha; Cintra, 2016), sendo que esse conceito vai ao encontro de considerar que a escrita é uma representação da fala, quando, na realidade, a fala e escrita são fatos linguísticos que se materializam por meio das práticas sociais *oralidade* e *letramento* (Corrêa, 2004). Sendo assim, não podemos considerar que a escrita seja mera representação da fala, embora aquela sofra influências desta, uma vez que esse *atravessamento* entre oralidade e letramento acontece nas interações sociais (Chacon, 2021).

Até aqui, vemos a significância da extensão do constituinte prosódico. Além disso, atribuímos a organização dos contornos entoacionais indicados na escrita, através das vírgulas empregadas pelos(as) escreventes, ao ritmo presente na escrita (Chacon, 1996). Isso se justifica na medida em que é possível identificar a organização de sentido construída pelos(as) escreventes por meio da argumentação, evidenciada pelo emprego não convencional da vírgula.

Passando a tratar dos próximos contextos sintáticos observados em nossa análise, é possível observar que outras duas classificações sintáticas se aproximam, em termos quantitativos, daquele contexto em que houve emprego não convencional

³⁷ A vogal /e/ pode sofrer o fenômeno variável chamado *alçamento vocálico*, que ocorre quando “as vogais /e/ e /o/ são pronunciadas [i] e [u], respectivamente, como em [i]scola e [u]spital” (Carmo, 2019, p. 803).

da vírgula antes de conjunções aditivas e ou *ou* (Gráfico 1), a saber: (i) separação de sujeito e predicado, com 17 ocorrências (22%); e (ii) vírgula não convencional em posição de outro possível sinal de pontuação, com 12 casos (16%).

Desse modo, passamos a discutir os resultados sintetizados na Tabela 2 com base nas estruturas prosódicas identificadas pela demarcação não convencional da vírgula entre *sujeito e predicado*:

Tabela 2 - Estruturas prosódicas em relação à presença não convencional da vírgula entre sujeito e predicado

Estrutura prosódica	Ocorrências	Porcentagens
Fronteira de ϕ	3	17,6%
Fronteira de I	14	82,4%
Total	17	100%

Fonte: elaboração própria.

Araújo-Chiuchi (2012) observou em sua pesquisa a predominância do emprego não convencional da vírgula entre sujeito e predicado condizente com a demarcação em fronteira de frases fonológicas.³⁸ O resultado da autora difere quantitativamente do nosso, no qual apenas 3 ocorrências referem-se a esse constituinte prosódico, localizando a vírgula não convencional entre ϕ pertencentes à mesma I, enquanto os outros 14 casos dizem respeito à fronteira de frases entoacionais. Araújo-Chiuchi (2012), com base na evidência da vírgula em fronteira prosódica em relação à separação não convencional de sujeito e predicado, destaca o reconhecimento dos escreventes acerca das fronteiras que correspondem a blocos sintáticos maiores:

verificamos que os alunos de quinta série tendem a reconhecer as unidades sintáticas maiores, demarcando por meio da vírgula essas fronteiras as quais correspondem a fronteiras entre sentenças, fronteiras entre orações, fronteiras entre sintagmas nominais sujeitos e sintagmas verbais (Araújo-Chiuchi, 2012, p. 78).

³⁸ Dos 16 casos de presença da vírgula entre sujeito e predicado, marcando, assim, o uso não prescrito pela convenção, a autora observou 14 ocorrências da vírgula em fronteira entre frases fonológicas e apenas 2 ocorrências em fronteira entre frases entoacionais.

Concordamos que há tal reconhecimento por parte dos escreventes, entretanto, avançamos nas discussões acerca dos resultados obtidos nesta pesquisa. Iniciaremos tal discussão acerca dos dados, nos quais é possível verificar a vírgula empregada em posição de fronteira de *I* em casos em que separa o sujeito do predicado, posição não permitida pela convenção.

Nos dados relativos à identificação da vírgula entre sujeito e predicado, de acordo com Soncin (2014, p. 244), podemos verificar o contexto de relação entre *tópico* e *comentário*, respectivamente: “informação já conhecida entre os interlocutores e informação não conhecida entre eles”. Em relação aos contornos entoacionais que podem ser formados, propomos a seguinte estruturação de frases entoacionais em (18) e (19), em que o contorno que introduz o tópico finda na primeira frase entoacional e, na segunda, inicia-se o contorno entoacional no qual figura o comentário. Nesse sentido, encontramos a possibilidade da presença de pausa entre o sujeito e o verbo.

(18) *[Um dos principais problemas dos deficientes,]I [é quando um capacitista diz]I [que eles não são capazes de realizar alguma tarefa]I (abaixo-41)*

(19) *[Mas uma forma de enfrentamento desse problema,]I [é utilizar a internet,]I [de forma crítica e leve,]I [como o influenciador brasileiro Taguro,]I [que viralizou nas redes]I (abaixo-48)*

A *priori*, retomamos Soncin (2014), ao afirmar que houve predominantemente reestruturação de *I*, por diversas razões, como o registro de um possível contorno continuativo, tom de fronteira que se forma em *Is* não finais (Tenani, 2002). Como proposto por Nespor e Vogel (1986), a reestruturação de *I* é possível se levarmos em consideração a velocidade de fala, que, para reestruturação, deve ser relativamente lenta, e o estilo discursivo que, nesse caso, quanto maior o teor de formalidade no trecho, maiores são as chances de ocorrer reestruturação de *I*. Portanto, tomando por base o estudo de Soncin (2014), verificamos que a longa extensão das frases entoacionais, que seriam formadas a partir do algoritmo padrão descrito por Nespor e Vogel (1986), justifica a reestruturação de *I* nos trechos sob análise. Dessa forma, a vírgula presente entre sujeito e verbo se observa na própria extensão do sujeito longo, conforme verificamos em (18) “*um dos principais*

*problemas dos deficientes*³⁹ e em (19) “*Mas uma forma de enfrentamento desse problema*”. Dessa maneira, mais uma vez, observamos que a extensão das frases entoacionais é essencial para compreensão da presença não convencional da vírgula em esquema simples. Conforme já constatado por Soncin (2014), o processo de reestruturação de *Is* é imprescindível para a análise da vírgula em fronteiras de frases entoacionais.

Cabe verificarmos, ainda, as ocorrências da vírgula não convencional entre sujeito e predicado que demarcam fronteiras de frases fonológicas, conforme os exemplos:

(20) [(Preconceito,)φ (é)φ (algo)φ (que existe)φ]I [desde o começo dos tempos,]I [e que arrisco dizer]I [que dificilmente, desaparecerá por completo]I (zero-48)

(21) [(A Paraolimpíadas,)φ (foi)φ (criada)φ (para ajudar)φ (atletas)φ (no enfrentamento)φ (das deficiências)φ (causadas)φ (pela Segunda Guerra Mundial).φ]I (abaixo-17)

(22) [Tendo em vista que tem uma blogueira que viralizou na rede social tiktok]I [(sendo,)φ (a primeira)φ (com Síndromedoow,)φ (a fazer)φ (sucesso)φ (na internet)φ (sem auxílio,)φ]I [em suas redes sociais ela dança [...]]I (abaixo-30)

Em (20) e (21), observamos que a vírgula recai no limite da palavra fonológica que inicia a frase entoacional, introduzindo e ao mesmo tempo isolando a provável tentativa de enfatizar o termo central na construção da argumentação do sujeito.

Já em (22), a vírgula parece ser utilizada como forma de retomar a ideia inicial, de que a blogueira viralizou nas redes sociais – sendo que essa blogueira possui síndrome de *down* e que foi a primeira a fazer sucesso na *internet* sem auxílio –, em suas redes sociais, dança, posta fotos, etc. Mais uma vez, a vírgula aparece adjacente ao item lexical que identifica relação com o tema central da prova de redação – palavras-chave pertinentes ao capacitismo. Podemos aproximar essas

³⁹ Soncin (2014) sugere que, acerca da extensão do sujeito (mesmo não oracional), há a contribuição da formação de frases fonológicas, permitindo, assim, a configuração de uma *I*, tendo em vista o processo de reestruturação.

observações ao terceiro eixo de representação da escrita (Corrêa, 2004), o qual se relaciona com a dialogia do já falado/escrito – ainda que, como aponta Corrêa (2004, p. 230), em geral, os textos tendem a ser tomados “como produto do já-dito”, mesmo aquelas ocorrências que não são especificamente salientadas; destacamos esse exemplo para evidenciar a ocorrência desse terceiro eixo de forma mais específica.

Nesse sentido, especificamente sobre (22), o escrevente evoca a relação estabelecida com discursos anteriores, uma vez que o texto 2 da proposta de redação do vestibular 2022 da UEPG tem como título “Pessoas com deficiência usam redes sociais para combater preconceitos” e menciona o influenciador digital Ivan Baron; é possível notar que o sujeito complementa as ideias presentes no texto com informações já conhecidas anteriormente, promovendo o *interdiscurso* (Corrêa, 2004).⁴⁰ O interdiscurso, de acordo com Corrêa (2004), está relacionado ao terceiro eixo da representação da escrita – a dialogia com o já falado/escrito – ou seja, diz respeito à presença de outros discursos na escrita do sujeito, que, ainda em concordância com o autor, escreve atravessado por vozes sociais, culturais e institucionais.

Passamos agora à vírgula não convencional em posição de outro possível sinal de pontuação. Araújo-Chiuchi (2012) comprova que esses casos coincidem, predominantemente, com o fim de um enunciado fonológico. Além disso, a autora observa que, mesmo com o uso da vírgula em desacordo com a convenção, o escrevente demonstra reconhecer a necessidade de marcar o trecho com algum sinal de pontuação. Araújo-Chiuchi (2012) constata, ainda, ocorrências de vírgula não convencional em três possibilidades de outro sinal de pontuação: ponto final, ponto de interrogação e dois pontos, sendo a maior parte condizente com a possibilidade do ponto final.

Aproximamo-nos desses argumentos a partir das discussões propostas nesta pesquisa. Verificamos, de acordo com a Tabela 3, que houve predominância da vírgula não convencional em que, possivelmente, poderia ter sido empregado o ponto.

⁴⁰ Corrêa (2004) baseia-se em Pêcheux (1988) em relação à formulação de noção de *interdiscurso*.

Tabela 3 - Emprego não convencional da vírgula em relação a outro possível sinal de pontuação

Possível sinal de pontuação	Ocorrências	Porcentagens
Ponto final	9	75%
Interrogação	2	16,7%
Dois pontos	1	8,3%
Total	12	100%

Fonte: elaboração própria.

Para classificação da pontuação que seria prescrita em detrimento da vírgula não convencional nos trechos analisados, buscamos respaldo na gramática de referência – Cunha e Cintra (2016) –, sobre as normas quanto ao uso do ponto (ANEXO E), uso do ponto de interrogação (ANEXO F) e dos dois pontos (ANEXO G).

Primeiramente, como já mencionamos, as ocorrências de vírgula pertinentes ao contexto sintático em questão estão majoritariamente relacionadas ao enunciado fonológico, o constituinte mais alto na hierarquia prosódica (Nespor; Vogel, 1986). Encontramos apenas um caso em que a vírgula aparece em fronteira de frase entoacional e está relacionado aos dois pontos, conforme o exemplo:

(23) *[O preconceito e a discriminação no Brasil]I [vem cada dia mais]I [dificultando a inclusão para pessoas com deficiência.]I [fazendo não se sentirem bem vindas em lugares publicos.]I [como,]I [escolas,]I [hospitais]I [e postos de saúde]I [por não terem...]*I (abaixo-19)

Observamos, em (23), que a vírgula é posta em desacordo com a convenção após *como*, justamente para marcar a posição em que poderiam ser utilizados os dois pontos⁴¹ como forma de introduzir uma sequência de exemplos, ou seja, “escolas, hospitais e postos de saúde”. O modo como a vírgula foi empregada nesse trecho corrobora a afirmação de Araújo-Chiuchi (2012) de que os escreventes reconhecem que há possibilidade de emprego de pontuação no trecho em questão.

⁴¹ Neste caso, o emprego dos dois pontos não é obrigatório, mas é uma possibilidade para substituir a vírgula não convencional.

Identificamos, ainda, dados em que o emprego não convencional da vírgula coincide com o fim de possíveis enunciados fonológicos, como no exemplo ilustrado a seguir:

(24) *[[Designando uma ideia totalmente errada]I [o termo Capacitismo]I [que visa denegrir a capacidade individual de cada pessoa que possui deficiência (PcD),]I [composta pelo sufixo -ismo]I [presente também em machismo,]I [palavra não identificada]I [e racismo]I [está caracterizado de forma negativa,]I [vem se destacando em matérias digitais]I [como podcast,]I [reportagem,]I [debates e fóruns,]I [visa a diminuição da pessoa com deficiência]I [e [palavra com rasura] suas diferenças,]]U [de acordo com o site g1.globo.com]I [o (IBGE)]I [Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística]I [com parte da Pesquisa Nacional da Saúde (PNS) de 2019,]I [84% da população brasileira acima de dois anos possui alguma deficiência.]I [sendo assim]I [17,3 milhões de pessoas,]I [Capacitismo não está]I [ainda]I [tão reconhecido Nacionalmente,]I [as medidas contra essas pessoas que praticam...]]I (abaixo-14)*

Em (24), é possível identificar a vírgula não convencional entre duas sentenças declarativas, posição que comumente apresenta contorno entoacional descendente e marca o fim de um enunciado fonológico (Tenani, 2002). Nesse sentido, esse exemplo nos mostra que o(a) escrevente inicia caracterizando “o termo capacitismo” e, na continuidade de seu texto, após realizar essa caracterização, apresenta evidências acerca do tema apresentado inicialmente. Em casos como este, notamos que a vírgula, presente em desacordo com a convenção na posição exata em que haveria possivelmente outro sinal de pontuação, segmenta as ideias e os sentidos produzidos pelo texto, sendo uma forma de o escrevente situar seu leitor na produção desses sentidos. Outros exemplos contribuem para tais interpretações:

(25) *[[Nas redes Sociais]I [a pessoas buscando e lutando contra o capacitismo]I [e se empoderando]I [e atrás de diretos,]I [graças a influências digitais está [sequência de três palavras não identificadas] nacionais]I [e juntando pessoas que se identificam com a luta contra o preconceito,]]U [A melhor forma de combate]I [é a união de pessoas que não possui PCD]I [e pessoas que possuem,]I [juntos somos mais fortes contra o preconceito e a discriminação,]I [todos possuem o direito*

e a capacidade individual de realizar qualquer atividade que possui interesse,]I [capacitismo é crime.]I (abaixo-14)

(26) *[Porem,]I [ao contrario dos previamente mencionados,]I [esse termo é relativamente novo ao nosso país,]I [ao movimento sociais,]I]U [A sugestão vem,]I [ainda mais avassalador]I [tendo destaques em debates e divulgação na mídias,]I [mas não em todo territorio...]I (zero-21)*

Os trechos (25) e (26) apresentam vírgula não convencional em contextos em que caberia o uso do ponto, observa-se que, em ambos os casos, o(a) escrevente inicia o período seguinte com o uso de letra maiúscula, o que reforça a ideia de que o(a) escrevente reconhece que a posição é demarcada por um sinal de pontuação. No exemplo (24), retomamos o uso recorrente da conjunção “e”, como em: “as pessoas buscando e lutando”; “e se empoderando e atrás de direitos”; “e juntando pessoas”, entre outros. Esse uso, reiterando várias vezes a conjunção “e”, pode se relacionar com um dos eixos de representação da escrita, segundo Corrêa (2004), no caso, o primeiro eixo, o qual se refere à gênese da escrita, ou seja, às tentativas que o escrevente faz de imprimir marcas da fala na escrita.

Outra observação sobre (26) é a questão da expectativa de continuidade alimentada pelo uso não convencional da vírgula: “*esse termo é relativamente novo ao nosso país, ao movimento sociais,*”. Percebemos que essa expectativa é quebrada com a sequência do texto, devido à mudança em relação ao tópico apresentado.

Nesses exemplos, conforme mencionamos, é possível identificar o eixo da escrita em sua gênese. Não obstante, além deste, observamos os outros dois eixos da representação da escrita, conforme Corrêa (2004), como, por exemplo, a escolha de vocabulário mais rebuscado, que pode representar o segundo eixo – a imagem do código escrito institucionalizado –, ou seja, uma forma de atender à expectativa da instituição, como em: “*Porem, ao contrario dos **previamente mencionados**, esse termo é **relativamente** novo ao nosso país, ao movimento sociais,*” (zero-21, grifo nosso). Já o terceiro eixo – dialogia com o já falado/escrito –, ou seja, o atravessamento do processo de escrita dos escreventes pelos textos motivadores, podemos verificar em: “*, de acordo com o site g1.globo.com o (IBGE) Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística com parte da Pesquisa Nacional da Saúde*

(PNS) de 2019, 84% da população brasileira acima de dois anos possui alguma deficiência” (abaixo-14), conforme o trecho retirado do texto 1, um dos textos motivadores da proposta de redação do vestibular da UEPG no ano de 2022:

Figura 7 - Trecho texto 1 da prova de redação do vestibular 2022 da UEPG

De acordo com um levantamento realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) como parte da Pesquisa Nacional de Saúde (PNS) de 2019, 8,4% da população brasileira acima de dois anos possui algum tipo de deficiência, o que equivale a aproximadamente 17,3 milhões de pessoas.

Mesmo com esse número expressivo, e ações públicas governamentais como a Lei de Cotas, criada em 1991, e o Estatuto da Pessoa com Deficiência, instituído em 2015, o capacitismo ainda não é tão conhecido em território nacional. "Atribuo esse desconhecimento ao fato de a própria luta pelos direitos das pessoas com deficiência ser mais recente se comparada à de outras minorias sociais. De fato, são recentes as principais conquistas legais e políticas das pessoas com deficiência", afirma a psicóloga.

Adaptado de: Unifor. **Saiba o que é o capacitismo e por que é importante combatê-lo.** Disponível em: <<https://g1.globo.com/ce/ceara/especial-publicitario/unifor/ensinando-e-aprendendo/noticia/2021/10/27/saiba-o-que-e-o-capacitismo-e-por-que-e-importante-combate-lo.ghtml>>. Acesso em 12/04/2022.

Fonte: caderno de provas do vestibular 2022 da UEPG.

Em ambos os exemplos, notamos que a vírgula não convencional delimita os trechos nos quais foram identificados o segundo e o terceiro eixos de representação da escrita, conforme ilustrado abaixo:

Quadro 3 - Ilustração dos eixos da representação da escrita identificados nos trechos

Eixo da imagem do código escrito institucionalizado
<i>Porem, ao contrario dos <u>previamente mencionados</u>, esse termo é <u>relativamente novo ao nosso país, ao movimento sociais</u>, (zero-21)</i>
Eixo da dialogia do já falado/escrito
<i>, de acordo com o site <u>g1.globo.com</u> o (IBGE) Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística com parte da Pesquisa Nacional da Saúde (PNS) de 2019, 84% da população brasileira acima de dois anos possui alguma <u>deficiencia</u>. (abaixo-14)</i>

Fonte: elaboração própria.

Essa observação nos leva à interpretação de que a vírgula auxilia no processo da organização textual que se constitui a partir da imagem que o escrevente tem de (sua) escrita, além de expor sua natureza híbrida, combinando traços da fala com aspectos da escrita formal (Corrêa, 2004).

Identificamos, também, dois casos em que a vírgula não convencional coincide com a posição onde poderia ter sido inserido um ponto de interrogação, como no exemplo:

(27) *[[Com qual audácia?]]I [Uma pessoa se auto classifica e classifica outras,]]U [[pessoas assim]]I [existem em todo o mundo]]I]U [o que é “pena” [...]]I*

Em (27), verificamos que o elemento indicativo de pergunta – “qual” – leva o ponto de interrogação para o início do período, indicando um provável contorno ascendente em “com qual audácia”, no entanto, o trecho “uma pessoa se auto classifica e classifica outras” seria a continuação da oração interrogativa. Desse modo, observamos que “com qual audácia” requer mais informação, indiciando uma expectativa de continuidade, gerando um possível contorno ascendente, característica de interrogações (Tenani, 2002). É possível que, justamente em função dessa característica de contorno ascendente no início da pergunta, gerando o limite de uma frase entoacional, o escrevente tenha sinalizado o trecho com um ponto de interrogação nessa posição. Em contrapartida, verificamos o reconhecimento do escrevente em demarcar o fim do enunciado fonológico com um sinal de pontuação, ainda que essa escolha contemple um caso não convencional do uso da vírgula. Estabelece, assim, relação com o enunciado fonológico a seguir, que, de certa forma, está intimamente ligado à ideia da pergunta, sobre tais tipos de pessoas, como observado em “pessoas assim”.

Passamos à análise qualitativa dos dados em que há ocorrência da vírgula não convencional entre *termos sintaticamente relacionados*. Em nosso corpus, detectamos 9 (12%) casos classificados nesse contexto sintático. Soncin (2014) destaca, em sua pesquisa, que essa foi a única estrutura sintática que motivou a presença não convencional da vírgula que se relaciona com a frase fonológica. A esse respeito, percebe-se a “relação íntima entre a formação de ϕ e a noção de sintagma advinda da sintaxe” (Soncin, 2014, p. 166). A pesquisadora encontrou casos de presença não convencional da vírgula tanto entre frases fonológicas quanto no domínio desse constituinte prosódico. Nas ocorrências de vírgula não convencional em esquema simples, também detectamos dados de sua presença em fronteira de frase fonológica, bem como no domínio da frase fonológica.

(28) *[Pois]]I [(até mesmo) ϕ (esse tipo,) ϕ (de ato,) ϕ]]I [nas maiorias das vezes]]I [é dentro da própria casa que inicia]]I (zero-23)*

(29) *[Ivan usou a criatividade em tudo que ele passava,]I [(para transmitir)φ (isso)φ (de uma maneira,)φ (mais leve)φ (para as pessoas.)φ]I (zero-33)*

(30) *[(O melhor,)φ (caminho)φ]I [na minha opinião]I [para enfrentar o capacitismo]I [é utilizar mais a inclusão,]I [como eu disse antes]I [é algo que precisa muito ser trabalhado nas pessoas,]I [a inclusão.]I (abaixo-26)*

Os exemplos (28), (29) e (30) ilustram o momento em que os(as) escreventes indicam algum tipo de tensão em sua escrita, deixando, assim, entrever um momento de hesitação sinalizado com a vírgula não convencional nos trechos indicados. Vemos, com base em Soncin (2014), a hesitação do(a) escrevente em (28) na tentativa de resumir sua ideia: “*esse tipo, de ato*”, ou seja, retomada das ideias mencionadas em seu texto – os *tipos* de preconceitos presentes na sociedade. Essa hesitação é, portanto, demarcada pelo uso não convencional da vírgula.

Também de acordo com Soncin (2014), a vírgula não convencional em (29) e em (30) é um indício da hesitação dos(as) escreventes ante a dificuldade de formulação de ideias como em: “*uma maneira, mais leve*” e “*o melhor, caminho*”, em relação à expectativa que se busca atender quanto à proposta de redação, em nosso caso, a proposta para caminhos de enfrentamento do capacitismo. Além disso, a pausa não esperada recupera a ideia dialógica do sujeito que perpassa suas experiências enquanto falante e a busca na construção de sentido por meio da escrita, na tentativa de fortalecer os argumentos apresentados. Vejamos os exemplos a seguir:

(31) *[O capitalismo é um preconceito dirigido]I [seja qualquer outras formas,]I [(que ele contribui)φ (para,)φ (os direitos)φ (e a dignidade humana)φ (dos cidaadaes,)φ]I (zero-21)*

(32) *[Primeiramente]I [como um forma de desfavorecer os deficientes]I [(o,)φ (governo)φ (tem grande)φ (papel)φ (na luta)φ (contra)φ (o capitalismo,)φ]I [mas com uma eficasia extremamente inferior a outros países,]I [com grandes falhas em retrair esse movimento.]I (abaixo-25)*

Tanto em (31) quanto em (32), a vírgula não convencional é posicionada no domínio da frase fonológica – ou seja, a vírgula não ocorre em fronteira prosódica, mas em seu interior. Uma vez que “*para*” e “*o*”, respectivamente, são anexados à palavra prosódica à sua direita, conforme algoritmo de formação de frase fonológica. Dessa forma, verificamos a possibilidade de ênfase que o(a) escrevente atribui ao sentido que busca postular em seu dizer, conforme observamos também em Soncin (2014) em casos similares a esses. Em (31), interpretamos que o escrevente pretende enfatizar que o capacitismo é responsável por *privar os direitos e a dignidade* das pessoas atingidas por esse preconceito. Essa hipótese se torna mais evidente quando observamos a aproximação ao texto motivador, conforme a ilustração:

Figura 8 - Texto 1 para proposta de redação do vestibular 2022 da UEPG

De acordo com Luciana Maia, psicóloga e professora do curso de Psicologia da Unifor, "o capacitismo é um preconceito dirigido a qualquer pessoa que apresenta uma deficiência, seja ela física, intelectual ou sensorial. (...) **Como outras formas de preconceito, ele contribui para privar os direitos e a dignidade humana das pessoas com deficiência,** determinando e perpetuando desigualdades e injustiças sociais, e contribuindo diretamente para a exclusão social de membros desse grupo", elucida.

Fonte: caderno de provas do vestibular 2022 da UEPG.

Sendo assim, o emprego em desacordo com a convenção da vírgula nesse caso é motivado por relações semânticas que são expressas por meio das relações prosódicas. Já em (32), a ênfase se relaciona ao principal responsável na luta contra o capacitismo.⁴² No entanto, pode também ser um caso de hesitação, uma vez que o sujeito traz a ideia de desfavorecimento logo antes de anunciar quem é o responsável pela luta contra o capacitismo, o que seria uma forma de favorecer essa minoria. Parece-nos aqui uma tentativa do escrevente de apresentar a argumentação que seria iniciada com foco em “*desfavorecer os deficientes*”, no entanto, essa expectativa é bruscamente quebrada quando o enunciado a seguir fala sobre o importante *papel do governo na luta contra o capacitismo*, ou seja, o escrevente não desenvolve a ideia inicial, parece abandoná-la para argumentar sobre *o papel do governo e sua ineficácia na luta contra o capacitismo*. Retomamos, a seguir, esse jogo de alternância de ideias, marcando uma possível hesitação por meio da vírgula:

⁴² Embora o(a) escrevente tenha escrito “*capitalismo*”, diante da leitura realizada da redação abaixo da média de número 25, concluímos que o sujeito confundiu o termo, pois, tende a discorrer sobre o preconceito contra pessoas com algum tipo de deficiência em seu texto.

- a. “*Primeiramente como uma forma de desfavorecer os deficientes*” – início do argumento, espera-se que o escrevente comente, imediatamente, sobre algo que tenha relevância nesse desfavorecimento mencionado;
- b. “*o, governo tem grande papel na luta contra o capitalismo*” – mudança brusca na ideia inicial, uma vez que atribuir o papel da luta contra o capacitismo é, justamente, contrária à ideia de desfavorecimento;
- c. “*mas com uma eficácia extremamente inferior a outros países, com grandes falhas em retrain esse movimento*” – tentativa de retomar a argumentação ao afirmar que o governo falha ao fortalecer a luta contra o capacitismo, causando, assim, o desfavorecimento às pessoas com deficiência.

Assim sendo, a vírgula não convencional em esquema simples está presente justamente quando ocorre essa alternância de ideias. Essa breve hesitação pode estar relacionada à organização das ideias do escrevente no momento do seu processo de escrita, quando inicia a ideia, causa a quebra – como forma de contextualizar a discussão que propõe –, para então apresentar seu argumento.

Outro ponto observado que se refere às vírgulas não convencionais entre termos sintaticamente ligados, dos estudos mobilizados para essa pesquisa, Araújo-Chiuchi (2012) e Soncin (2014) encontram vírgulas não convencionais entre termos sintaticamente ligados em fronteira de frases entoacionais, enquanto em nossos dados, verificamos apenas no domínio da frase fonológica (em fronteira ou não).

Sobre as vírgulas entre *verbo e complemento*, posição não prevista pela convenção, encontramos 6 (8%) ocorrências referentes a esse contexto sintático. A maioria desses casos é pertinente às fronteiras entre frases fonológicas, como ilustrado pelo exemplo a seguir:

(33) [(Fazendo,)φ (com que várias)φ (outras)φ (pessoas)φ (com alguma)φ (deficiência)φ]I [tome a iniciativa de enfrentar o mundo]I [e batalhar para realizar suas conquistas e sonhos sem medo...].I (abaixo-30)

Assim como em (33), a maioria das ocorrências da vírgula não convencional ocorre nos limites das frases fonológicas. Nesse exemplo, encontramos respaldo no estudo realizado por Soncin (2014) para afirmar que, na estruturação proposta em

(32), o acento frasal é realçado pela vírgula que aparece na fronteira entre frases fonológicas. Ou seja, diferente da ênfase, o foco prosódico atribuído ao verbo traz relações com o que foi dito anteriormente, neste caso, o sujeito relata sobre uma blogueira com síndrome de *down* que utiliza as redes sociais para expor seu dia a dia e produzir conteúdo para *internet* de forma leve, desse modo, fazendo com que outras pessoas em condições similares encontrem inspiração.

Ainda sobre a vírgula entre verbo e complemento, em (34), verificamos, também, a ocorrência da vírgula onde detectamos a fronteira entre frases fonológicas.

(34) [Com tudo]I [uma forma de resaltar o movimento]I [(seria,)φ (com aulas)φ (com mais aprofundamento)φ]I [e um número maior de aulas.]I (abaixo-25)

Neste caso, a vírgula alimenta a ideia de continuidade do enunciado, não só um complemento à ideia, mas o que se busca atender em relação, principalmente, ao tema proposto pela prova de redação. Além disso, a vírgula indicia o trânsito do escrevente enquanto falante, percorrendo o primeiro eixo de representação da escrita, ao pressupor a tentativa de aproximação da fala e da escrita (Corrêa, 2004), por meio da pontuação, como é o caso da vírgula.

Já em (35), temos o único dado das amostras coletadas no qual interpretamos a mobilização da vírgula entre verbo e complemento como sendo motivada pela fronteira entre frases entoacionais:

(35) [A respeito do “Capacitismo”]I [podemos ver,)I [que o diferencial da nossa sociedade está saindo do seu esconderijo]I [e mostrando para as pessoas que não existe medo,]I [não existe indiferença,]I [mostrando que o que a sociedade propõe em ser amedrontador,]I [ou até mesmo vergonhoso]I [é na verdade determinação,]I [coragem]I [e único.]I (abaixo-30)

No exemplo acima, podemos propor a reestruturação das frases entoacionais geradas, se considerarmos um dos princípios que permite a reestruturação de *Is* – quando a fala acontece de forma relativamente lenta –, ou seja, é possível ter ocorrência da pausa nesse trecho demarcado pela vírgula, dessa maneira, o escrevente reconhece fronteiras prosódicas e organiza seu texto através da vírgula,

ainda que em desacordo com a convenção, a fim de segmentar as ideias para produção de sentido, em uma tentativa de tornar seus argumentos mais claros ao leitor.

As *conjunções adversativas*, de acordo com a prescrição da gramática de Cunha e Cintra (2016), podem ser antecedidas ou intercaladas por vírgula, com exceção da conjunção *mas*, que deve ser apenas *antecedida* por vírgula.

Em nossa amostra de dados, foram encontradas duas ocorrências em que a conjunção adversativa *mas* é intercalada por vírgulas. Inicialmente, observamos que essas ocorrências estão presentes na mesma redação, ou seja, foi elaborada por um mesmo escrevente. Em primeira instância, essa constatação pode ser interpretada pela internalização dessa regra por parte do escrevente. No entanto, uma possibilidade é que *mas* pode formar uma frase entoacional, pois as vírgulas empregadas podem coincidir com o início e o fim de contornos entoacionais por meio da pausa, conforme dispomos a seguir:

(36) *[não importa se tenhamos alguma deficiência física ou intelectual,]I [mas,]I [a população não aceita essa verdade]I (abaixo-38)*

(37) *[muitas pessoas denunciaram para as autoridades,]I [mas,]I [esse número de preconceito continua aumentando]I (abaixo-38)*

A pausa gerada entre as frases entoacionais em que há presença não convencional da vírgula inibe o processo de vozeamento da fricativa (Tenani, 2002), promovendo uma espécie de ênfase no que se segue após a pausa representada pela vírgula em desacordo com a convenção. Além disso, o que podemos inferir, ainda, é que o escrevente tenta assinalar a continuidade do enunciado a partir do que seria uma marca da fala ao postular uma mudança brusca do conteúdo semântico. Conforme já explicitamos, a pausa, de acordo com Cagliari (1992, p. 143, *apud* Tenani, 2002, p. 66), pode ser utilizada “para indicar o deslocamento de elementos sintáticos [...] e para assinalar algum tipo de mudança brusca ou radical do conteúdo semântico, que vai se iniciar ou terminar” (Tenani, 2002, p. 66). Sendo assim, relacionamos ao que Chacon (1996) considera acerca do emprego da vírgula no texto, posto que esse sinal é usado para marcar sua continuidade e atribuir sentido a ele.

Chegamos aos três últimos contextos sintáticos em que houve incidência da vírgula não convencional em esquema simples, conforme a tabela a seguir:

Tabela 4 - Contextos sintáticos em relação ao emprego não convencional da vírgula em esquema simples e respectivos constituintes prosódicos mobilizados

	Subordinação de sentenças	Locução verbal	Posposta à conjunção e
Domínio de ϕ	-	-	1
Fronteira de ϕ	2	2	-
Fronteira de I	6	-	-
Total	8	2	1

Fonte: elaboração própria.

De acordo com a Tabela 4, verificamos que a frase entoacional é o constituinte com maior ocorrência de vírgula não convencional em esquema simples, no entanto, todos os 6 casos correspondem apenas a uma das estruturas sintáticas sob análise – vírgula não convencional em subordinação de sentenças –, enquanto a presença da vírgula não convencional incidente no domínio da frase fonológica ocorre apenas no caso em que a vírgula é utilizada após a conjunção aditiva *e*. Além disso, os únicos dois casos em que a vírgula separa os verbos de uma locução verbal dizem respeito à fronteira entre frases fonológicas.

Em relação ao domínio da frase fonológica, vejamos o exemplo:

(38) *[Redes sociais são uma ótima forma de divulgar informações corretas sobre o tema,]I [(e, abordá-lo) ϕ]I [de forma que o capacitismo diminua cada vez mais]I [em nossa sociedade.]I (abaixo-43)*

Este é um exemplo do contexto sintático em que a vírgula é posposta à conjunção *e*. Nessa ocorrência, a vírgula recai entre o elemento átono e o cabeça da frase fonológica do qual faz parte, assim relembramos que, de acordo com Nespor e Vogel (1986), o cabeça da frase fonológica engloba o elemento clítico em seu lado não recursivo. Dessa forma, *(e, abordá-lo) ϕ* configura uma frase fonológica única.

Em relação às fronteiras prosódicas, especificamente a fronteira de frase fonológica, são identificadas nos exemplos:

(39) *[Por ser pouco tratado o tema em questão]I [torna-se muito comum nos depararmos com fatos ocorridos,]I [pelo simples fato do individuo nascer a apresentar algum tipo de deficiencia]I [(seja ela,)φ (física,)φ]I [intelectual]I [ou sensorial.]I (abaixo-08)*

(40) *[Outrossim,]I [a falta de oportunidades no mercado de trabalho]I [é um grande agravante para a situação precária de tais pessoas,]I [e pelas ruas,]I [(as vimos,)φ (pedindo)φ (pelo mínimo.)φ]I (abaixo-01)*

Em (39), vemos um dos exemplos referentes a uma estrutura de subordinação de orações, na qual a vírgula se encontra em posição não prevista pela convenção. Esse uso marca a continuidade do enunciado, que é seguido com os exemplos dos tipos de deficiências que podem acometer os indivíduos. Já em (40), o exemplo corresponde a dois verbos que compõem uma locução verbal separados pela vírgula não convencional, como uma forma de demonstrar a dificuldade enfrentada por “*tais pessoas*”. Ou seja, a dificuldade que os portadores de deficiência enfrentam ao não encontrar “*oportunidades no mercado de trabalho*” acarreta vê-las “*pedindo pelo mínimo*” nas ruas.

Todos os casos de vírgula não convencional em esquema simples entre frases entoacionais, nos três contextos sintáticos em discussão, foram detectados em relação à subordinação de orações, conforme os exemplos:

(41) *[Não devemos excluir ninguém,]I [por que,)I [eles necessitam]I [de tambem]I [de amor.]I (zero-04)*

(42) *[É importante ressaltar que,)I [a luta pelos direitos e o combate aos preconceitos]I [não é apenas daqueles que o sofrem,]I [mas sim,]I [de toda sociedade, que precisa crescer em grupo e evoluir eticamente,]I [promovendo...]I (abaixo-18)*

O exemplo (41) poderia ser identificado como um caso em que não há necessidade da ocorrência de pausa, nesse sentido, a frase entoacional é identificada por meio do elemento que indica a continuidade do enunciado, como

“*por que*”, sendo essa uma das estratégias para identificação de frase entoacional quando não há ocorrência de pausa, de acordo com Tenani (2006). Entretanto, retomamos à questão do processo de escrita se dar de forma mais lenta do que a fala em interações sociais concretas, desse modo, não excluimos a possibilidade da ocorrência da pausa nesse enunciado.

Em (42), também temos um caso de expectativa de continuidade, sendo possível identificar a pausa para introduzir o tópico dos argumentos que se seguem no texto, nesse caso, o sujeito reconhece a presença de constituintes prosódicos e os delimita com uma vírgula em seu texto, ainda que esse uso esteja em desacordo com a convenção, portanto, não isomórfico ao constituinte sintático.

Os resultados obtidos até aqui nos levam a constatar que a frase entoacional, de fato, é o constituinte que motiva, preponderantemente, o emprego não convencional da vírgula (Soncin, 2014; Soncin; Tenani, 2015; Francisco; 2024). Contudo, não apenas esse constituinte, como outros domínios da hierarquia prosódica, têm papel relevante no uso da vírgula, como vimos: a frase fonológica, bem como o seu domínio, e o enunciado fonológico.

Diante do que foi discutido até aqui, sintetizamos, na Tabela 5, os constituintes prosódicos mobilizados pelas 76 ocorrências de vírgula não convencional em esquema simples, em relação aos contextos sintáticos:

Tabela 5 - Constituintes prosódicos mobilizados pela vírgula não convencional em esquema simples em relação ao contexto sintático em que atua

	Domínio de ϕ	Fronteira de ϕ	Fronteira de I	Fronteira de U
Orações coordenadas aditivas de mesmo sujeito	-	-	5	-
Termos coordenados com as conjunções <i>e</i> ou <i>ou</i>	-	-	14	-
Sujeito e predicado	-	3	14	-
Verbo e complemento	-	5	1	-
Posposta à conjunção adversativa <i>mas</i>	-	-	2	-
Subordinação de orações	-	2	6	-
Termos sintaticamente relacionados	2	7	-	-
Locução verbal	-	2	-	-
Vírgula não convencional em posição de outro possível sinal de pontuação	-	-	1	11
Posposta à conjunção <i>e</i>	1	-	-	-
Total	3 (3,95%)	19 (25%)	43 (56,58%)	11 (14,47%)

Fonte: elaboração própria.

Com base na Tabela 5, observamos que os domínios mais altos na hierarquia prosódica – a frase fonológica, a frase entoacional e o enunciado fonológico – apresentam relação estreita com a presença não convencional da vírgula em esquema simples, constatação já observada por outras estudiosas da área (Araújo-Chiuchi, 2012; Soncin, 2014; Carvalho, 2019; Francisco, 2024). Além disso, verificamos, em concordância com Araújo-Chiuchi (2012), que o único contexto sintático que mobiliza o enunciado fonológico é o que diz respeito à presença não convencional da vírgula em posição de outro possível sinal de pontuação, especificamente em posição de um provável ponto final.

Verificamos, ainda, a predominância de fronteira das frases entoacionais por reestruturação em relação ao emprego não convencional da vírgula em esquema simples por presença, conforme resultados já obtidos anteriormente por Soncin (2014).

Destacamos que, em nossa pesquisa, assim como as de referência para nosso estudo (Araújo-Chiuchi, 2012; Soncin, 2014), encontramos uma pequena

porção de ocorrências não convencionais da vírgula no domínio de frase fonológica, ou seja, que não dizem respeito às fronteiras prosódicas.

Ademais, em diversas amostras textuais foi possível observar a possibilidade da pausa, fato que nos leva a questionar o papel da escola no ensino da vírgula – fortemente atrelado à ideia da pausa como um fenômeno da fala representado na escrita por meio da vírgula. A respeito do modo heterogêneo de constituição de escrita, corrente teórica proposta por Corrêa (2004), observamos os eixos de representação da escrita. O que mais se relaciona com o uso não convencional da vírgula em esquema simples, nas redações dos vestibulandos da UEPG, é o primeiro eixo, aquele em que há tentativas de aproximação da fala e da escrita. Entretanto, observamos que há trechos em que é possível notar o segundo e o terceiro eixos de representação da escrita, por meio de elementos que correspondem ao código institucionalizado da escrita e ao dialogismo com o já falado/escrito, respectivamente.

Na seção seguinte, discutimos sobre algumas observações obtidas por meio das amostras em relação, especificamente, às notas atribuídas às redações que compõem o corpus desta pesquisa.

4.1 REDAÇÕES COM BAIXAS AVALIAÇÕES: QUAL O PAPEL DA VÍRGULA?

O objetivo desta seção é propor algumas reflexões acerca da performance das redações que compõem o material de análise desta dissertação em relação ao emprego não convencional da vírgula em esquema simples.

Inicialmente, um de nossos objetivos era identificar se os usos não convencionais da vírgula tiveram impacto relevante na obtenção da nota dos candidatos ao vestibular 2002 da UEPG, no entanto, conforme os avanços em relação à delimitação do objeto de estudo, percebemos que não seria possível contemplar de forma satisfatória essa análise, decidimos, portanto, deixar para trabalhos futuros a questão: em que medida o uso não convencional da vírgula impacta a nota obtida pelos vestibulandos? Contudo, dispomos a seguir alguns encaminhamentos identificados a partir do objeto de estudos.

Verificamos que as vírgulas não convencionais em esquema simples, conforme as amostras textuais desta pesquisa, ocorreram em 15 redações notas zero e em 26 redações abaixo da média. Ou seja, tínhamos um conjunto de 50

redações para cada espectro de nota obtida pelos escreventes da seleção que realizamos, totalizando 100 redações para o levantamento dos dados pertinentes a esta pesquisa. Entretanto, percebemos que menos da metade do emprego não convencional analisado se refere às redações notas zero (30%), enquanto mais da metade se refere às redações abaixo da média (52%).

Portanto, realizamos a releitura dos textos em que houve emprego não convencional da vírgula em esquema simples, conforme seleção para esta pesquisa, nas redações *notas zero*. Inicialmente, procuramos identificar quais critérios poderiam ter relevância para a obtenção da nota zero, para isso, sabemos que há duas grandes características que levam uma redação a obter tal nota, são elas: (i) a identificação pessoal do escrevente na folha definitiva; e (ii) a fuga ao tema proposto pela prova de redação. Conforme já expusemos, todas as redações que recebemos não possuem nenhum tipo de identificação do(a) escrevente, portanto, eliminamos esse critério em nossa análise; logo, buscamos identificar se as redações notas zero em que houve o emprego não convencional da vírgula em esquema simples fugiram ao tema proposto pela prova de redação.

Um adendo é que, quando o escrevente confunde os termos *capitalismo* e *capacitismo*, não é considerado fuga ao tema quando *capitalismo* está no sentido de *capacitismo*. Ilustramos essa interpretação a partir de um trecho retirado de uma das redações que não foram zeradas, mas obtiveram nota abaixo da média:

(43) *O capitalismo é um pensamento relativamente novo na sociedade como um todo. Ele é um movimento de cunho na qual envolve o preconceito com deficientes físicos, intelectuais ou sensoriais, como um preconceito possui as mesmas características de outros. (abaixo-25)*

Após a releitura das redações notas zero dos trechos que compõem as fontes analisadas, obtivemos os resultados dispostos no quadro a seguir:

Quadro 4 - Redações que fugiram ao tema proposto pela prova de redação do vestibular 2022 da UEPG

Redação	Fuga ao tema
zero-03	Não
zero-04	Não
zero-07	Sim
zero-12	Sim
zero-15	Sim
zero-17	Sim
zero-18	Sim
zero-19	Sim
zero-21	Sim
zero-23	Sim
zero-30	Não
zero-33	Sim
zero-36	Sim
zero-38	Sim
zero-48	Sim

Fonte: elaboração própria.

De acordo com o Quadro 4, vemos que a maior parte dos textos que receberam nota zero e que apresentavam vírgula não convencional fugiram ao tema. *A priori*, descartamos desta breve análise essas redações, uma vez que uma característica determinante para anulação da prova de redação está em jogo. Em segunda instância, observamos as redações que não demonstram fuga ao tema – caminhos para o enfrentamento do capacitismo no Brasil –, a saber: as redações de números 03, 04 e 30. Por não se tratar do foco desta pesquisa, não trazemos outras questões pertinentes às normas para redigir a redação conforme a proposta do vestibular 2022 da UEPG. No entanto, fizemos um levantamento quantitativo de quantas vírgulas não convencionais foram encontradas nas redações notas zero em que não identificamos a fuga ao tema.

Tabela 6 - Vírgulas não convencionais em esquema simples nas redações que não demonstram fuga ao tema

Redação	Quantidade de vírgulas não convencionais em esquema simples
zero-03	2
zero-04	1
zero-30	1

Fonte: elaboração própria.

A partir da análise quantitativa, conforme a Tabela 6, não seria possível responder às questões que envolvem a identificação do impacto da vírgula para obtenção de tal nota, pois, os casos levantados são quantitativamente ínfimos, dessa forma, seria indispensável uma discussão qualitativa acerca dos dados de vírgula.

Em relação ao nosso objeto de estudo, fizemos um recorte a partir dos usos não convencionais da vírgula, especificamente:

Tabela 7 - Ocorrências de vírgulas não convencionais em esquema simples por contexto sintático em relação à nota obtida

Contexto sintático	Redação nota zero	Redação abaixo da média
Orações coordenadas aditivas de mesmo sujeito	-	5
Separar termos coordenados com o juntor e	6	8
Sujeito e predicado	5	12
Verbo e complemento	2	4
Posposta à conjunção adversativa <i>mas</i>	-	2
Subordinação de sentenças	4	4
Termos sintaticamente ligados	5	4
Locução verbal	1	1
Vírgula não convencional em posição de outro possível sinal de pontuação	4	8
Proposta à conjunção e	-	1
Total	27	49

Fonte: elaboração própria.

A priori, com essas questões aqui levantadas, a possibilidade do impacto da vírgula na obtenção da nota é relativamente pequena, justamente, pressupomos, por se tratar de um sinal de pontuação complexo e que mobiliza não somente aspectos sintáticos, como também prosódicos e enunciativos, conforme vimos no decorrer desta dissertação. Necessita, portanto, buscar outros aspectos da língua, não apenas um olhar prescritivo e normativo.

Logo, se a vírgula não convencional gera impactos pequenos na obtenção de notas em avaliações como as de um vestibular, podemos afirmar que o ensino dos sinais de pontuação poderia ser redirecionado e desprendido de questões prescritivas, talvez, com a associação dos usos a uma prática reflexiva de interpretações enunciativas, por exemplo.

Em contrapartida, vemos que há 52% das redações abaixo da média em que ocorreram vírgulas não convencionais em esquema simples. Nesse sentido, cabe destacar que a vírgula pode ter tido maior influência na obtenção da nota avaliada em níveis mais baixos, obviamente, em conjunto com outros critérios.

Por fim, apresento a habilidade, de acordo com a BNCC, que se refere explicitamente ao uso de pontuação no Ensino Médio.

Figura 9 – Uso da pontuação esperada no Ensino Médio

PRÁTICAS Leitura, escuta, produção de textos (orais, escritos, multissemióticos) e análise linguística/semiótica	
Habilidades	Competências específicas
(EM13LP13) Planejar, produzir, revisar, editar, reescrever e avaliar textos escritos e multissemióticos, considerando sua adequação às condições de produção do texto, no que diz respeito ao lugar social a ser assumido e à imagem que se pretende passar a respeito de si mesmo, ao leitor pretendido, ao veículo e mídia em que o texto ou produção cultural vai circular, ao contexto imediato e sócio-histórico mais geral, ao gênero textual em questão e suas regularidades, à variedade linguística apropriada a esse contexto e ao uso do conhecimento dos aspectos notacionais (ortografia padrão, pontuação adequada, mecanismos de concordância nominal e verbal, regência verbal etc.), sempre que o contexto o exigir.	1, 3

Fonte: Base Nacional Comum Curricular (2017, p. 500).

Percebemos que essa habilidade trata da produção e revisão de textos, incluindo o *uso de pontuação adequada* como um dos aspectos formais da escrita.

A partir desse contexto, é possível inferir que os alunos chegam ao Ensino Médio dominando as normas que regem os usos da vírgula, no entanto, o uso real da vírgula por parte dos escreventes demonstra que não é o caso. Assim, nossos questionamentos voltam-se para o ensino da vírgula: qual é o papel da escola? Onde a escola tem deixado a desejar em se tratando do ensino de pontuação, especialmente a vírgula? Como pudemos observar, os dados desta pesquisa corroboram a premissa de que o ensino é pautado em prescrições gramaticais que enxergam a vírgula como um sinal utilizado para representar a pausa na fala – além das prescrições sintáticas, que muitas vezes são ensinadas de forma descontextualizada, apenas com recortes de textos literários (Bechara, 2009; Cunha;

Cintra, 2016). Dito isso, consideramos necessário repensar o ensino da vírgula nas escolas, para que se dê a devida importância às outras dimensões da linguagem que são mobilizadas a partir do processo da escrita e do uso da pontuação.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa objetivou contribuir para as discussões sobre o emprego da vírgula, especialmente no que diz respeito ao rompimento das abordagens tradicionais e prescritivas baseadas na gramática normativa, que, em suma, consideram a vírgula com um sinal que demarca a pausa na fala e de cunho expressamente sintático. Buscamos, assim, propor uma reflexão mais ampla sobre o uso da vírgula, enquanto marca da heterogeneidade da escrita, e suas relações com a prosódia, que é constitutiva da escrita (Soncin, 2014).

Para isso, investigamos a presença não convencional da vírgula em esquema simples em redações escritas por candidatos ao vestibular 2022 da UEPG, sendo 50 redações notas zero e 50 redações abaixo da média fornecidas pela CPS da UEPG. Analisamos a formação de possíveis domínios prosódicos a partir de pistas sintáticas e da interface com a prosódia (Nespor; Vogel, 1986), à luz de uma possível realização de leitura (Soncin, 2014).

Os resultados desta pesquisa demonstraram que o uso da vírgula não convencional em esquema simples em redações de vestibulandos com notas zero ou abaixo da média está fortemente relacionado à organização prosódica dos enunciados escritos. Verificou-se que essas vírgulas, frequentemente, indicam fronteiras de frases entoacionais geradas, principalmente, por meio de reestruturação. Essas marcas indiciam a pausa para postular a ênfase em ideias e introdução de novos comentários ou geram expectativa de continuidade no enunciado. Demonstram, ainda, que as fronteiras são, conforme Soncin (2014), parte da constituição do processo de pontuar com vírgula. Observou-se, também, o envolvimento dos três eixos propostos por Corrêa (2004) – a gênese da escrita, o código institucionalizado e a dialogia com o já falado/escrito – em diversos trechos.

Os dados analisados confirmam que a frase entoacional é o constituinte prosódico que mais motiva o uso não convencional da vírgula em esquema simples, especialmente por reestruturação, conforme já identificado por outros estudos, como Soncin (2014) e Francisco (2024). Contudo, também se verificou a relevância de outros domínios prosódicos, como a frase fonológica e o enunciado fonológico. Além disso, foram identificados casos em que a vírgula não convencional ocorre no domínio da frase fonológica, ou seja, nem sempre esse uso se dá em fronteiras prosódicas, embora sejam ocorrências menos frequentes.

A presença da vírgula, mesmo em desacordo com a convenção, contribui para a organização rítmica da escrita (Chacon, 1996) e para a produção de sentidos no texto, indicando momentos de ênfase, hesitação ou retomada de ideias. Essa dinâmica aponta para o papel heterogêneo da vírgula, evidenciando a complexa interação entre aspectos fonológicos, sintáticos e enunciativos indiciados pela vírgula.

Esta pesquisa contribui para a área de estudos da linguagem, especialmente no campo do ensino da pontuação, ao propor uma reflexão sobre a vírgula para além de sua função sintática. O estudo demonstra que o uso não convencional da vírgula em esquema simples é um indício da heterogeneidade constitutiva da escrita e do atravessamento de práticas orais no texto escrito (Chacon, 1996; Corrêa, 2004). Além disso, ao identificar as marcas prosódicas e as estratégias discursivas presentes nas redações analisadas, o estudo fortalece a importância de compreender o uso da vírgula como prática significativa e não como um mero sinal previsto por normas gramaticais acerca do seu emprego, abrindo espaço para novas abordagens didáticas que considerem o papel do ritmo, da prosódia e do sujeito no processo da escrita.

Expusemos que um de nossos objetivos era responder à pergunta: *em que medida o uso não convencional da vírgula impacta a nota obtida pelos vestibulandos?* No entanto, conforme discorreremos, as pré-análises nos levaram a dados inconclusivos, podendo afirmar apenas que, juntamente com o uso não convencional da vírgula, há outros critérios que influenciam a obtenção de notas mais baixas. Para avaliar quais critérios seriam esses, seria necessário comparar o uso da vírgula também em redações com avaliações mais elevadas, comparando os resultados entre um conjunto de textos com notas baixas e outro conjunto com notas mais altas. Nesse sentido, essa observação, bem como discussões mais detalhadas sobre os usos das vírgulas nessas redações, deixamos para trabalhos futuros, com a expansão dos dados, por exemplo, para as *ausências* da vírgula em desacordo com a convenção.

Esta pesquisa apresentou algumas limitações, especialmente em relação ao tipo de dados analisados. O corpus restringiu-se a 100 redações de vestibulandos da UEPG do ano de 2022, especificamente os textos notas zero e abaixo da média. Embora essa escolha tenha permitido observar de forma ampla o uso não convencional da vírgula em esquema simples por presença em contextos de baixas

avaliações de redações do vestibular, ela também delimita o escopo da análise, não possibilitando generalizações para outros perfis de escreventes ou para redações com desempenhos mais elevados.

Diante do exposto, sugerimos que pesquisas futuras ampliem o *cópus* para incluir redações de diferentes níveis, bem como a inclusão das ausências não convencionais da vírgula ou, ainda, vírgulas em esquema duplo. Ademais, a partir da síntese dos resultados aqui encontrados, somados às pesquisas anteriores que serviram de base teórica para os estudos da vírgula em relação à prosódia, verificamos, primeiramente, que temos atualização no material de análise, expandindo o estudo para textos escritos em situação de vestibular, privilegiando as redações com baixo desempenho. Também encontramos o emprego da vírgula em esquema simples não convencional nos três constituintes mais altos da hierarquia prosódica – frase fonológica (seja em fronteira ou não), frase entoacional e enunciado fonológico. Esse fato dialoga diretamente com Araújo-Chiuchi (2012), que também encontrou vírgulas não convencionais empregadas relativas aos três constituintes mais altos da hierarquia prosódica, em textos narrativos do Ensino Fundamental II. No entanto, é digno de nota que nossos resultados diferem, não só em relação ao recorte metodológico e material analisado, mas, também, no que se refere ao constituinte prosódico mais relevante, como expomos no quadro abaixo:

Quadro 5 – Principais diferenças entre estudos da vírgula não convencional presentes em ϕ , I e U

	Araújo-Chiuchi (2012)	Simões (2025)
Recorte do material de análise	Vírgulas não convencionais por presença em textos narrativos do Ensino Fundamental II.	Vírgulas não convencionais por presença em esquema simples em redações do vestibular (UEPG, de 2022).
Constituinte prosódico mais frequente em relação às vírgulas estudadas	<i>U</i>	<i>I</i>

Fonte: elaboração própria, com base em Araújo-Chiuchi (2012) e nesta dissertação.

Observamos que, em princípio, a diferença entre um constituinte mais frequente e outro se dá pelos dados encontrados. Araújo-Chiuchi (2012) detecta a maioria das ocorrências não convencionais de vírgula *em relação a outro possível sinal de pontuação*, sendo 59,61% pertinentes a esse caso, enquanto, em nossa

pesquisa, apenas 14,47% das vírgulas não convencionais em esquema simples dizem a esse respeito.

Além disso, como pode ser observado ao longo das discussões de análise, detectamos atualizações da performance da vírgula, conforme recorte desta pesquisa, em relação aos contextos sintáticos estudados e aos domínios prosódicos mobilizados. A tendência, nos textos de alunos do Ensino Fundamental II, é encontrar a vírgula em desacordo com a convenção entre *termos sintaticamente relacionados* no domínio da frase fonológica e da frase entoacional (Araújo-Chiuchi, 2012; Soncin, 2014), entretanto, nos textos de vestibulandos, há certa inclinação a apresentar vírgula não convencional em esquema simples apenas no domínio da frase fonológica. Outra diferença entre textos de alunos do Ensino Fundamental II e vestibulandos é identificada nas vírgulas entre sujeito e predicado – posição não prevista pela convenção – em que Araújo-Chiuchi (2012) e Soncin (2014) detectam a maioria de seus dados entre frases fonológicas, já em nossa pesquisa, a maioria dessas ocorrências diz respeito às fronteiras de frases entoacionais.

Explorar os movimentos gerados pela vírgula não convencional em esquema simples em redações notas zero e abaixo da média nos permite refletir acerca das seguintes questões:

(i) De acordo com a Base Nacional Comum Curricular (2017), os alunos chegam ao Ensino Médio com certo domínio acerca das regras que regem os usos da pontuação – incluindo a vírgula – e desenvolvem essa habilidade em relação à produção de sentido nos textos, além de avançar nos conhecimentos mais aprofundados acerca de regras sintáticas mais complexas. Entretanto, embora a colocação de vírgula analisada em nossa pesquisa demonstre que há textos que não obedecem às regras prescritas para o uso da vírgula, os escreventes manipulam e reconhecem as dimensões da linguagem - em especial, a dimensão prosódica - para se fazerem entender.

(ii) Certas dimensões linguísticas, como a prosódica, impactam o processo de escrita do sujeito, revelando a sua relação com a linguagem.

(iii) O papel da escola no ensino de pontuação poderia se beneficiar ao sustentar uma prática em sala de aula que contemple outras dimensões da linguagem, que não só a sintática, além de nos levar a, talvez, repensar a forma de avaliação acerca da escrita, especialmente o uso da vírgula, que foi o foco desta pesquisa.

(iv) Problematizar a visão de que a escrita seria uma representação da fala ao postular que a vírgula é um sinal gráfico utilizado para demarcar, na escrita, eventuais pausas na fala. Com esta pesquisa, visamos, justamente, demonstrar que a fala e a escrita ocorrem no encontro entre as práticas orais/letradas (Corrêa, 2004) e ambas apresentam, ainda que de forma distintas, a mobilização da prosódia (Soncin, 2014).

(v) Os textos com baixo desempenho em contexto de vestibular, devido à sua baixa avaliação, mostram que, possivelmente, nem sempre o uso tido como fora das normas prescritivas atua significativamente para notas baixas atribuídas aos textos.

Desse modo, é necessário pensar nos ganhos que os alunos e a escola teriam ao olhar para vírgula como uma das marcas da heterogeneidade da escrita, logo, como pista da circulação dialógica do escrevente, que perpassa, ainda, outras dimensões que não apenas a sintática, mas também a prosódica.

REFERÊNCIAS

- ARAÚJO-CHIUCHI, A. C. **Usos não-convencionais da vírgula em textos de alunos de quinta série/sesto ano do Ensino Fundamental**. 2012. 91f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) - Universidade Estadual Paulista. São José do Rio Preto, 2012.
- BAKHTIN, M. **Problems of Dostoevsky's Poetics**. v. 8. Minneapolis: University of Minnesota, 1984.
- BARBOSA, P. A. **Prosódia**. São Paulo: Parábola, 2019.
- BARROS, D. L. P. Dialogismo, Polifonia e Enunciação. *In*: FIORIN, J.; BARROS, D. L. P. (orgs.). **Dialogismo, Polifonia, Intertextualidade**: em torno de Bakhtin Mikhail. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1994. p. 1-9.
- BARROS, D. L. P. Contribuições de Bakhtin às teorias do texto e do discurso. *In*: FARACO, C. A.; TEZZA, C.; CASTRO, G. (orgs.). **Diálogos com Bakhtin**. Curitiba: Editora UFPR, 2007. p. 21-37.
- BECHARA, E. III Pontuação. *In*: BECHARA, E. **Moderna Gramática Portuguesa**. 37. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009. p. 764-776.
- BENVENISTE, E. **Problemas de Linguística Geral**. Ed. da Universidade de São Paulo. São Paulo: COMPANHIA EDITORA NACIONAL, 1978.
- BENVENISTE, E. Da subjetividade na linguagem. *In*: BENVENISTE, E. **Problemas de linguística geral I**. 2. ed. Campinas: Pontes, 1988, p. 284-293.
- BISOL, L. Os constituintes prosódicos. *In*: BISOL, L. (orgs.). **Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro**. 3. ed. Porto Alegre: Edipucrs, 2001, p. 229-241.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Básica. **Base nacional comum curricular**. Brasília, DF, 2017. Disponível em: <https://portal.mec.gov.br/docman/abril-2018-pdf/85121-bncc-ensino-medio/file>. Acesso em 12 de jul. 2025.
- CAGLIARI, L. C. Prosódia: algumas funções dos supra-segmentos. **Cad. Est. Ling.**, Campinas, n. 23, p. 137-150, jul-dez/1992.
- CAMILLO, I. A. **Vírgulas em esquema duplo em artigos de opinião do nono ano do ensino fundamental II**. 2023. 95f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) - Universidade Estadual Paulista. São José do Rio Preto, 2023.
- CAPRISTANO, C. C. Por uma concepção heterogênea da escrita que se produz e que ensina na escola. **Cadernos de Educação**, Pelotas, n. 35, p. 171-193, jan-abr/2010. Disponível em:

<https://periodicos.ufpel.edu.br/index.php/caduc/article/view/1619>. Acesso em: 9 jul. 2025.

CAPRISTANO, C. C. Um entre outros: a emergência da rasura na aquisição da escrita. **Linguagem em (Dis)curso**, Tubarão, v. 13, n. 3, p. 667-694, set-dez/2013.

CARMO, M. C. Alçamento vocálico das vogais médias pretônicas iniciais na variedade do noroeste paulista. **Estudos Linguísticos**, São Paulo, v. 48, n. 2, p. 800-821, jul/2019.

CARMO, M. C.; DIAS, J. A.; BUGAI, T. M. C. Grafias não convencionais de vogais pretônicas por escreventes do 6º ano do ensino fundamental de Ponta Grossa (PR). **Revista Intertexto**, Uberaba, v. 17, n. 1, p. 1-20, dez/2024.

CARVALHO, T. G. **Usos de vírgulas em textos do Ensino Fundamental II**: um estudo longitudinal. 2019. 174f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) - Universidade Estadual Paulista. São José do Rio Preto, 2018.

CHACON, L. **Ritmo da Escrita**: Uma organização do heterogêneo da linguagem. Campinas: Instituto de Estudos da Linguagem, 1996.

CHACON, L. A relação fala/escrita em dados não-convencionais de escrita infantil. **Cadernos de linguística**. v. 2, n. 1, p. 1-17, 2021.

CHACON, L. O que é a escrita?. In: OTHERO, G. A.; FLORES, V. N. (orgs.). **O que sabemos sobre a linguagem**: 51 perguntas e respostas sobre a linguagem humana. São Paulo: Parábola, 2022, p. 163-167.

CORRÊA, M. L. G. **O modo heterogêneo de constituição da escrita**, 1997. 434f. Tese (Doutor em Linguística) - Instituto de Estudos da Linguagem. Campinas, 1997.

CORRÊA, M. L. G. **O modo heterogêneo de constituição da escrita**. 1. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

CORRÊA, M. L. G. Heterogeneidade da escrita: a novidade da adequação e a experiência do acontecimento. **Filologia e Linguística Portuguesa**, (8), 269-286, p. 2006. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.2176-9419.v0i8p269-286>. Acesso em: 24 jan. 2025.

CUNHA, C.; CINTRA, L. Pontuação. In: CUNHA, C.; CINTRA, L. **Nova gramática do português contemporâneo**. 7. ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2016, p. 657-664.

DIAS, J. A.; CARMO, M. C.; BUGAI, T. M. C. No “ritimo” da escrita: epêntese vocálica e grafias não convencionais no sexto ano do ensino fundamental em Ponta Grossa (PR). **Fórum linguístico**, Florianópolis, v. 21, n. 1, p. 9931-9943, jul/2024.

FRANCISCO, I. **Vírgulas em esquema simples**: usos em textos narrativos. 2024. 84f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) - Universidade Estadual Paulista. São José do Rio Preto, 2024.

FROTA, S. **Prosody and focus in European Portuguese**, 1998. Tese de Doutorado. Universidade de Lisboa. Lisboa, 2000. Disponível em: https://books.google.com.br/books?id=YdimAgAAQBAJ&printsec=copyright&redir_esc=y#v=onepage&q&f=false. Acesso em: 31 maio 2025.

GAYER, J. E. L. Uma breve história dos constituintes prosódicos. **Diadorim**, Rio de Janeiro, v. 2, p. 149-172, dez/2015.

HAYES, B. P. **A metrical theory of stress rules**. 1980. 343f. Tese (Doctor of philosophy) - Massachusetts Institute of Technology. Massachusetts, 1980.

HERNANDORENA, C. L. M. Introdução à teoria fonológica. *In*: BISOL, L. (orgs.). **Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro**. 3. ed. Porto Alegre: Edipucrs, 2001, p. 11-89.

JUNG, N. M.; SALEH, P. B. O. Letramentos: concepções de escrita e pontuação. **Línguas e Letras**, Cascavel, v. 12, n. 22, p. 195-216, jan-jun/2011.

LEWIS, M. **The Lexical Approach**: The State of ELT and a Way Forward. London: Thomson, 2002.

LUCENTE, L. Notação entoacional. *In*: OLIVEIRA, M. J. **Prosódia, prosódias**: uma introdução. São Paulo: Contexto, 2022, p. 27-43.

MÄNNEL, C.; SCHIPKE, C. S.; FRIEDERICI, A. D. **The role of pause as a prosodic boundary marker**: language ERP studies in German 3- year and 6-year-olds. Elsevier, Leipzig, p. 86-94, jan/2013. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S1878929313000054?via%3Dihub>. Acesso em: 24 jan. 2025.

MARCUSCHI, L. A. **Da fala para a escrita**: atividades de retextualização. 10. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

NESPOR, M.; VOGEL, I. **Prosodic Phonology**. Dordrecht: Foris Publications; 1986.

OLIVEIRA JR. M. O que é entonação? *In*: OTHERO, G. A. FLORES, V. N. (orgs.). **O que sabemos sobre a linguagem**. São Paulo: Parábola, 2022. p. 261-265.

SELIVAN, L. **Lexical Grammar**: Activities for teaching chunks and exploring patterns. 1. ed. Cambridge: Cambridge, 2018.

SELKIRK, E. O. **Phonology and syntax**: the relation between sound and structure. Massachusetts: MIT Press, 1984.

SILVA, T. C. **Dicionário de Fonética e Fonologia**. São Paulo: Contexto, 2011.

SONCIN, G. **Língua, discurso e prosódia**: investigar o uso da vírgula é restrito? Vírgula!. 214. 308f. Tese (Doutor em Estudos Linguísticos) - Universidade Estadual Paulista. São José do Rio Preto, 2014.

SONCIN, G.; RODRIGUES, A. A interação sintaxe-prosódia em usos de vírgula em esquema duplo: apontamentos para o ensino de pontuação. **Domínios de linguagem**, Uberlândia, v. 12, n. 3, p. 1571-1606, jul-set/2018.

SONCIN, G.; TENANI, L. E. Emprego de vírgula e prosódia do Português Brasileiro: aspectos teórico-analíticos e implicações didáticas. **Filosofia e Linguística Portuguesa**, v. 17, n. 2, p. 473-493, jul./dez. 2015. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/flp/article/view/101104>. Acesso em: 24 jan. 2025.

SONCIN, G.; TENANI, L. E. Variações de F0 e configurações de frase entoacional: análise de estruturas contrastivas. **Domínio de linguagem**, Uberlândia, v. 10, n. 2, p. 534-558, abr-jun/2016.

SONCIN, G.; TENANI, L. E.; BERTI, L. Percepção de pausa em fronteira prosódica. **Scripta**, Belo Horizonte, v. 21, n. 41, p. 143-164, jan/2017.

SONCIN, G.; TENANI, L. E.; BERTI, L. Phonologic representation and speech perception: the role of pause. **Diacrítica**, Braga, v. 33, n. 2, p. 4-18, 2019.

TENANI, L. E. **Domínios prosódicos no português do Brasil**: implicações para a prosódia e para a aplicação de processos fonológicos. 2002. 330f. Tese (Doutor em Linguística) - Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2002.

TENANI, L. E. Domínios prosódicos no português brasileiro: evidências, rítmica, entoacional e segmental. **Estudos linguísticos**. Araraquara, v. XXXV, p. 118-131, 2006.

TENANI, L. E. Fonologia Prosódica. In: HORA, D.; MATZENAUER, C. L. **Fonologia, Fonologias**: uma introdução. São Paulo: Contexto, 2017a, p. 109-123.

TENANI, L. E. Fonologia e escrita: possíveis relações e desafios teórico-metodológicos. **Cadernos de estudos linguísticos**, Campinas, v. 59, p. 581-597, set-dez/2017b.

TENANI, L. E. Prosódia e escrita. In: OLIVEIRA JR. M. **Prosódias, prosódias**: uma introdução. São Paulo: Contexto, 2022, p. 140-155.

VOLÓCHINOV, V. (Círculo de Bakhtin). **Marxismo e filosofia da linguagem**. 3. ed. São Paulo: Editora 34, 2021.

ANEXO A - TRECHOS EXTRAÍDOS DOS TEXTOS QUE COMPÕEM O CÓRPUS DESTA PESQUISA

Orações coordenadas aditivas de mesmo sujeito

[...] teremos um mundo melhor, onde todos podem ser livres e felizes da forma que são, e principalmente que não tenham medo de mostrar quem são e sair sem preocupações com os outros, que todos sejam mais humanos em todos os sentidos. (abaixo-20)

Tendo em vista que tem uma blogueira que viralizou na rede social (tiktok) sendo, a primeira com Sindromedoow, a fazer sucesso na internet sem auxílio, em suas redes sociais ela dança, posta foto, e ainda aborda sobre os comentários preconceituosos abordados a ela, e levando a todos com uma tal deficiência, que isso não é motivo de impedimento, mas, sim de encorajamento. (abaixo-30)

Atualmente, há muitos tipos de discriminação no Brasil e no mundo; racial, cultural, sexual - sendo essas, conhecidas por todos, e que vem sendo percebidas no nosso país. (abaixo-31)

O capacitismo é uma palavra que está sendo muito falada nesses últimos dias, e vem apresentando vários casos de pessoas que apresentam algum tipo de deficiências, seja ela física, intelectual ou até mesmo sensorial. (abaixo-40)

Pessoas com deficiência, seja ela qual for, sofre com esse tipo de preconceito constantemente frases de dó, piedade, tratamento “especial” são alguns dos inúmeros exemplos do capacitismo, no qual corrompe a dignidade dessas pessoas, e contribui piamente para situações de desigualdade e exclusão social de tais. (abaixo-48)

Termos coordenados com as conjunções e ou ou

Como outras formas de preconceito, ele contribui para privar os direitos e a dignidade humana das pessoas com deficiência, determinando as desigualdades e

as injustiças sociais, e contribuindo diretamente para exclusão social de membros desse grupo. (zero-03)

O capitalismo é expresso por meio de atitudes negativas e depreciativas, e de comportamentos hostis e discriminatórios dirigidos a qualquer pessoa que apresenta algum tipo de deficiência, determinando e perpetuando. (zero-12)

Capitalismo e socialismo sempre foi um assunto bem difícil de se lidar em redes sociais, grupos de aplicativo como WHATS-APP, etc, e até rodas de conversas, sempre um defendendo aquilo que pensa e o que acha ou não acha certo sobre, e as vezes acaba acarretando em brigas, discussões, ou até mesmo em preconceito com pessoas com qualquer tipo de deficiência. (zero-15)

O capitalismo é um preconceito dirigido seja qualquer outras formas, que ele contribui para, privar, os direitos e a dignidade humana dos cidadãos, brasileiros, determinados e perpetuando desigualdades, e injustiças sociais. (zero-21)

O capacitismo é um preconceito relacionado a qualquer pessoa com deficiência, seja física, ou intelectual. (zero-30)

Em algumas entrevistas ele relatou os desafios em dialogar com sua família, e com colegas de escola e dificuldades em se comportar em uma entrevista de emprego (zero-38)

Como todo preconceito, é expresso por meio de comportamentos hostis, depreciação, ou até mascarado por meio de afirmações positivas, superproteção ou piedade. (abaixo-05)

Portanto é importante dar visibilidade para essas pessoas, como por exemplo o influencer Ivan Baron, que antes tinha medo de se expor por conta da sua deficiência, e de o que os outros iriam achar, e agora ele ajuda muitos jovens com seus vídeos, a se sentirem bem consigo mesmo [...] (abaixo-24)

Um dos caminhos para combater o capacitismo é a não diferenciação deles em sociedade, e a maior representação em cargos de poder e vizibilidade. (abaixo-28)

Tendo em vista que tem uma blogueira que viralizou na rede social (tiktok) sendo, a primeira com Sindromedoow, a fazer sucesso na internet sem auxilio, em suas redes sociais ela dança, posta foto, e ainda aborda sobre os comentários preconceituosos abordados a ela, e levando a todos com uma tal deficiência, que isso não é motivo de impedimento, mas, sim de encorajamento. Fazendo, com que várias outras pessoas com alguma deficiência tome a iniciativa de enfrentar o mundo e batalhar para realizar suas conquistas e sonhos sem medo, e enfrentar a comentários e ações preconceituosas, conquistando assim seu respeito merecido. (abaixo-30)

As escolas devem ajudar com esse problema, dando ensinamento que isso é errado, e levalos para interagir com crianças deficientes, e ensinar que somos todos iguais. (abaixo-33)

Algo novo na sociedade, e nós como cidadãos e contra esse tipo de discriminação, temos o direito e o dever de tentar combater essa discriminação, e incluir em nosso meio pessoas que lutam contra qualquer tipo de deficiência. (abaixo-34)

Redes sociais são uma ótima forma de divulgar informações corretas sobre o tema, e, abordá-lo de forma que o capacitismo diminua cada vez mais em nossa sociedade. (abaixo-43)

Em primeira análise, é notório que criar diferenciação de uma mesma espécie é um retrocesso social, assim como voltar há décadas atrás, e fortalecer preconceitos de classes, cor, raça e gêneros. (abaixo-46)

Sujeito e predicado

O capitalismo é um sistema padronizado, onde quem melhor se encaixa em seus padrões, tem mais oportunidades e aceitação perante a sociedade. (zero-19)

Nas últimas décadas o preconceito, brincadeiras, anda crescendo muito [...] (zero-33)

Preconceito, racismo, existem á anos [...] (zero-33)

Preconceito, é algo que existe desde o começo dos tempos, e que arrisco dizer que dificilmente, desaparecerá por completo [...] (zero-48)

Recentemente acabou ocorrendo um grave caso de racismo com nosso atleta de futebol, Vinicius Jr., o mesmo foi comparado a uma macaco por outro atleta “profissional” espanhol, que acabou veralizando pelo mundo todo e no final a justiça da Espanha, apenas fingiu que nada aconteceu, preconceito não é algo pequeno que possuem pessoas seletas, é algo querendo ou não [...] (zero-48)

A falta de visibilidade e o preconceito, é por diversas vezes o problema de mundos brasileiros. (abaixo-11)

A Paraolímpadas, foi criada para ajudar atletas no enfrentamento das deficiencias causadas pela Segunda Guerra Mundial. (abaixo-17)

O século XX, é o tempo de julgamento. (abaixo-22)

Segundo ponto a ressaltar, é as escolas que possuem um estudo muito raso sobre esse assunto, com uma dispersão do proposito sendo ineficas. (abaixo-25)

Tendo em vista que tem uma blogueira que viralizou na rede social (tiktok) sendo, a primeira com Sindromedoow, a fazer sucesso na internet sem auxilio, em suas redes sociais ela dança [...] (abaixo-30)

Mais de 80% da população brasileira, possui algum tipo de deficiência [...] (abaixo-34)

Um dos principais problemas dos deficientes, é quando um capacitista diz que eles não são capazes de realizar alguma tarefa [...] (abaixo-41)

Ademais, o capacitismo, não é só o ato de ofender à alguém, é privar o indivíduo aos direitos humanos [...] (abaixo-44)

O que para alguns é um pesadelo, para outros as mídias é um grande alicerce, mostrar a realidade deles, nos aproxima de alguma forma e nos permite “naturalizar” o quanto antes, para Foucault, em sua teoria “microfísica do poder” somos levados à seguir um poder mais adepto ao nosso, com isso, próximos ao que achamos “normal”. (abaixo-44)

Além disso, romper com a discriminação e o preconceito, faz romper qualquer meios negativos, isso é, do mesmo modo [...] (abaixo-46)

Mas uma forma de enfrentamento desse problema, é utilizar a internet, de forma crítica e leve; como o influenciador brasileiro Taguro, que viralizou nas redes [...] (abaixo-48)

Desde o Brasil contemporâneo, pessoas com algum tipo de deficiência tem dificuldade para viver e ter uma boa qualidade de vida no Brasil, pessoas que sofrem do capacitismo, tem muita dificuldade de locomoção, acesso a atividades essenciais de um cidadão como a escola e também principalmente nas interações sociais. (abaixo-50)

Verbo e complemento

E o governo aonde está que aceita publicações concursos e afins que só chamam, meninas com corpo modelado, cabelo liso e loiro, devemos se apoiar e não julgar uma a outra. (zero-17)

O capitalismo é um preconceito dirigido seja qualquer outras formas, que ele contribui para, privar, os direitos e a dignidade humana dos cidadaes, brasileiros, determinados e perpetuando desigualdades, e injustiças sociais. (zero-21)

Com tudo uma forma de resaltar o movimento seria, com aulas com mais aprofundamento e um número maior de aulas. (abaixo-25)

A respeito do “Capacitismo” podemos ver, que o diferencial da nossa sociedade está saindo do seu esconderijo e mostrando para as pessoas que não existe medo, não existe indiferença, mostrando que o que a sociedade propõe em ser amedrontador, ou até mesmo vergonhoso é na verdade determinação, coragem e único. (abaixo-30)

Fazendo, com que várias outras pessoas com alguma deficiência tome a iniciativa de enfrentar o mundo e batalhar para realizar suas conquistas e sonhos sem medo [...] (abaixo-30)

Tendo em vista que tem uma blogueira que viralizou na rede social (tiktok) sendo, a primeira com Sindromedoow, a fazer sucesso na internet sem auxilio, em suas redes sociais ela dança [...] (abaixo-30)

Posposta à conjunção adversativa mas

[...] não importa se tenhamos alguma deficiência física ou intelectual, mas, a população não aceita essa verdade [...] (abaixo-38)

[...] muitas pessoas denunciaram para as autoridades, mas, esse número de preconceitos continuam aumentando. (abaixo-38)

Subordinação de orações

Não devemos excluir ninguém, por que, eles necessitam de tambem de amor. (zero-04)

Sabemos de fato que, toda e qualquer forma de descriminação não nos traz beneficios como sociedade, mas sim revoltas e injustiças [...] (zero-18)

Como forma de combater ou amenizar toda essa situação, devemos ver mais as possibilidades, como algo que nos iguale diante a sociedade, sem “competições”. (zero-18)

Venho por uma rede social, falar sobre o preconceito, que anda rodando, pelos celulares das pessoas, vídeos que expõem a vida não só do indivíduo, como, de milhares outras. (zero-33)

Por ser pouco tratado o tema em questão torna-se muito comum nos depararmos com fatos ocorridos, pelo simples fato do individuo nascer a apresentar algum tipo de deficiência seja ela, física, intelectual ou sensorial. (abaixo-08)

É importante ressaltar que, a luta pelos direitos e o combate aos preconceitos não é apenas daqueles que o sofrem, mas sim, de toda sociedade, que precisa crescer em grupo e evoluir eticamente, promovendo [...] (abaixo-18)

Por não ser tão conhecida no nosso país, não possui um número expressivo de pessoas que combatem a esse tipo de preconceito, mesmo esse número sendo pequeno, é importante que comece a ser combatido, através de ações públicas feitas pelo governo, como leis [...] (abaixo-31)

Portanto, algumas medidas devem ser tomadas como, as crianças serem ensinadas pelos pais e nas escolas que todos nós somos iguais não importa se alguém tem deficiência, com isso, o capacitismo no Brasil diminuirá. (abaixo-38)

Termos sintaticamente relacionados

O capitalismo é um preconceito dirigido seja qualquer outras formas, que ele contribui para, privar, os direitos e a dignidade humana dos cidadaes, brasileiros, determinados e perpetuando desigualdades, e injustiças sociais. (zero-21)

Pois até mesmo esse tipo, de ato, nas maiorias das vezes é dentro da propria casa que inicia. (zero-23)

Venho por uma rede social, falar sobre o preconceito, que anda rodando, pelos celulares das pessoas, vídeos que expõem a vida não só do indivíduo, como, de milhares outras. (zero-33)

Ivan usou a criatividade em tudo que ele passava, para transmitir isso de uma maneira, mais leve para as pessoas. (zero-33)

[...] ver se seria legal se fosse com você, teu filho, dependendo do nível disso tudo de preconceito devemos ajudar á parar e combater, para que venha diminuir, aos poucos. (zero-33)

Ha muitos caminhos, há ser percorrido por pessoas com as suas deficiências pois a sociedade as vezes não possibilita porque não da-se espaço a elas. (abaixo-10)

E também a falta de preparo de profissionais da educação, se torna impressindivel que um órgão como o da saude emplante por meios de palestras, éticas como o do filósofo/sociologo Romeu Kabassi, que dedicou-se a igualdade a todos. (abaixo-19)

Primeiramente como um forma de desfavorecer os deficientes o, governo tem grande papel na luta contra o capitalismo, mas com uma eficacia extremamente inferior a outros países, com grandes falhas em retrair esse movimento. (abaixo-25)

O melhor, caminho na minha opinião para enfrentar o capacitismo é utilizar mais a inclusão, como eu disse antes é algo que precisa muito ser trabalhado nas pessoas, a inclusão. (abaixo-26)

Locução verbal

O conceito vem, ganhando vantagem e destaque nas mídias sociais e em rodas de conversas e debates. (zero-03)

Outrossim, a falta de oportunidades no mercado de trabalho é um grande agravante para a situação precária de tais pessoas, e pelas ruas, as vimos, pedindo pelo mínimo. (abaixo-01)

Vírgula não convencional em posição de outro possível sinal de pontuação

Em uma era totalmente digital, cada dia mais e mais novos influenciadores digitais surgem com suas ideias. Mas será que realmente, suas ideias tem algum argumento adquirido de forma consciente ou é apenas suas ideologias extremistas, algumas estimulam o odio na internet. (zero-07)

Mulheres, todas elas são padrão, não tem essa que só porque é gordinha ou morena, não está classificada em ser padrão, o que mais decepçiona é que nós mulheres somos classificadas por outras mulheres, ao invés de apoiarem [...] (zero-17)

Porem, ao contrario dos previamente mencionados, esse termo é relativamente novo ao nosso país, ao movimento sociais. A sugestão vem, ainda mais avassalador tendo destaques em debates e divulgação na mídias, mas não em todo territorio [...] (zero-21)

Com qual audácia? Uma pessoa se auto classifica e classifica outras, pessoas assim existem em todo o mundo o que é “pena” [...] (zero-36)

Designando uma ideia totalmente errada o termo Capacitismo que visa denegrir a capacidade individual de cada pessoa que possui deficiência (PcD), composta pelo sufixo -ismo presente também em machismo, [palavra não identificada] e racismo está caracterizado de forma negativa, vem se destacando em materias digitais como podcast, reportagem, debates e fóruns, visa a dininuição da pessoa com deficiência e [palavra não identificada] suas diferenças, de acordo com o site g1.globo.com o (IBGE) Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística com parte da Pesquisa Nacional da Saúde (PNS) de 2019, 84% da população brasileira acima de dois anos possui alguma deficiência. (abaixo-14)

Designando uma ideia totalmente errada o termo Capacitismo que visa denegrir a capacidade individual de cada pessoa que possui deficiência (PcD), composta pelo sufixo -ismo presente também em machismo, [palavra não identificada] e racismo

está caracterizado de forma negativa, vem se destacando em materias digitais como podcast, reportagem, debates e fóruns, visa a diminuição da pessoa com deficiência e [palavra não identificada] suas diferenças, de acordo com o site g1.globo.com o (IBGE) Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística com parte da Pesquisa Nacional da Saúde (PNS) de 2019, 84% da população brasileira acima de dois anos possui alguma deficiência. sendo assim 17,3 milhões de pessoas. Capacitismo não está ainda tão reconhecido Nacionalmente, as medidas contra essas pessoas que praticam [...] (abaixo-14)

Nas redes Sociais a pessoas buscando e lutando contra o capacitismo e se empoderando e atrás de direitos, graças a influências digitais está [sequência de três palavras não identificadas] nacionais e juntando pessoas que se identificam com a luta contra o preconceito. A melhor forma de combate é a união de pessoas que não possui PCD e pessoas que possuem, juntos somos mais fortes contra o preconceito e a discriminação, todos possuem o direito e a capacidade individual de realizar qualquer atividade que possui interesse, capacitismo é crime. (abaixo-14)

O preconceito e a discriminação no Brasil vem cada dia mais dificultando a inclusão para pessoas com deficiência, fazendo não se sentirem bem vindas em lugares publicos, como, escolas, hospitais e postos de saúde por não terem [...] (abaixo-19)

Influenciadores digitais com deficiência estão começando a aparecer, estão criando mais confiança para se expor a rede, garota com autismo conta na internet como é a sua vida, e ainda sua rotina na faculdade de medicina, problemas que ela passa com sua seletividade que é chamada de frescura, sua ansiedade em ambientes publicos, dita como drama, como lida com os comentários maldosos, ajudando também pessoas com problemas parecidos a passarem por isso. (abaixo-33)

Ademais, o desenvolvimento devastador á esse tipo de discriminação tem se tornado desigual a essas pessoas, mesmo com ações publicas, percebe-se o preconceito social com atitudes negativas e depreciativas, feita a qualquer pessoa portadora de algum tipo de deficiência. (abaixo-35)

Primeiramente, devemos lembrar que todos nós somos iguais não importa se tenhamos alguma deficiência física ou intelectual, mas, a população não aceita essa verdade e acaba discriminando as pessoas que nasceram assim, ocorre casos aonde as crianças que estudam na escola pública sofrem preconceito de seus colegas e até mesmo de seus professores. (abaixo-38)

O que para alguns é um pesadelo, para outros as mídias é um grande alicerce, mostrar a realidade deles, nos aproxima de alguma forma e nos permite “naturalizar” o quanto antes, para Foucault, em sua teoria “microfísica do poder” somos levados à seguir um poder mais adepto ao nosso, com isso, próximos ao que achamos “normal”. (abaixo-44)

Posposta à conjunção e

Redes sociais são uma ótima forma de divulgar informações corretas sobre o tema, e, abordá-lo de forma que o capacitismo diminua cada vez mais em nossa sociedade. (abaixo-43)

Fonte: trechos transcritos a partir das redações escritas pelos candidatos ao vestibular da UEPG no ano de 2022.

ANEXO B - PROPOSTA PARA ELABORAÇÃO DA REDAÇÃO

REDAÇÃO

ATENÇÃO!

LEIA ATENTAMENTE A PROPOSTA, AS ORIENTAÇÕES E AS INSTRUÇÕES PARA A ELABORAÇÃO DA REDAÇÃO E SIGA-AS À RISCA. FAÇA A REDAÇÃO NO MOMENTO EM QUE QUISER DENTRO DAS QUATRO HORAS DE QUE DISPÕE.

TEXTO 1

Saiba o que é o capacitismo e por que é importante combatê-lo

Enraizado na sociedade, esse tipo de discriminação contra pessoas com deficiência impede a inclusão e a diversidade

O sufixo nominal "-ismo", de origem grega, cria palavras que designam conceitos de ordem geral, como alcoolismo, ou serve para formar substantivos e adjetivos que exprimem ideias de doutrinas religiosas, sistemas políticos, fenômenos linguísticos e literários, ou terminologias científicas. Ele está presente em palavras como machismo e racismo, que caracterizam atos de discriminação contra mulheres e raças, respectivamente.

Além de compor esses conceitos, o sufixo "-ismo" também forma a palavra "capacitismo". Porém, ao contrário dos previamente mencionados, esse termo é relativamente novo na sociedade, assim como na própria esfera dos movimentos sociais. O conceito vem, ainda que vagarosamente, ganhando destaque nas mídias sociais e em rodas de conversas e debates, mas o caminho para a sua ampla divulgação ainda parece longo.

De acordo com Luciana Maia, psicóloga e professora do curso de Psicologia da Unifor, "o capacitismo é um preconceito dirigido a qualquer pessoa que apresenta uma deficiência, seja ela física, intelectual ou sensorial. (...) Como outras formas de preconceito, ele contribui para privar os direitos e a dignidade humana das pessoas com deficiência, determinando e perpetuando desigualdades e injustiças sociais, e contribuindo diretamente para a exclusão social de membros desse grupo", elucida.

Ainda segundo a docente, o capacitismo é expresso por meio de atitudes negativas e depreciativas, e de comportamentos hostis e discriminatórios dirigidos a qualquer pessoa que apresenta algum tipo de deficiência. Ele também pode ser manifestado sob formas que, a princípio, podem parecer positivas, como a superproteção, a piedade ou elogios dirigidos a essas pessoas.

Assim, o capacitismo busca atingir a "capacidade" do indivíduo, e está diretamente associado com a ideia normativa do "corpo ideal" e dentro dos padrões estabelecidos pela sociedade. Ao ser capacitista, o indivíduo retira das pessoas com deficiência (PcD) a sua capacidade e aptidão de realizar tarefas e alcançar a independência, em virtude de sua deficiência. [...]

De acordo com um levantamento realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) como parte da Pesquisa Nacional de Saúde (PNS) de 2019, 8,4% da população brasileira acima de dois anos possui algum tipo de deficiência, o que equivale a aproximadamente 17,3 milhões de pessoas.

Mesmo com esse número expressivo, e ações públicas governamentais como a Lei de Cotas, criada em 1991, e o Estatuto da Pessoa com Deficiência, instituído em 2015, o capacitismo ainda não é tão conhecido em território nacional. "Atribuo esse desconhecimento ao fato de a própria luta pelos direitos das pessoas com deficiência ser mais recente se comparada à de outras minorias sociais. De fato, são recentes as principais conquistas legais e políticas das pessoas com deficiência", afirma a psicóloga.

Adaptado de: Unifor. **Saiba o que é o capacitismo e por que é importante combatê-lo**. Disponível em: <<https://g1.globo.com/ce/ceara/especial-publicitario/unifor/ensinando-e-aprendendo/noticia/2021/10/27/saiba-o-que-e-o-capacitismo-e-por-que-e-importante-combate-lo.ghtml>>. Acesso em 12/04/2022.

TEXTO 2

Pessoas com deficiência usam redes sociais para combater preconceitos

Influenciadores digitais com algum tipo de deficiência têm combatido o preconceito com humor e informação. Vídeos que expõem problemas diários enfrentados por pessoas com deficiência e que falam sobre reconhecimento e empoderamento conquistam milhares de seguidores no Brasil. [...]

Com uma camiseta com a frase "Deficiente é o seu preconceito!", o influenciador digital Ivan Baron, de 22 anos, contou ao Estado de Minas um pouco da sua trajetória na internet. "Essa palavra, influenciador, é muita responsabilidade, mas eu resolvi ocupar esse espaço pois eu tinha uma necessidade de passar informações, novos conceitos sobre pessoas com deficiência que outros influenciadores não passavam".

Baron disse que era uma pessoa muito reservada antes da vida pública e que tinha medo da reação das pessoas. "Eu era uma pessoa muito tímida, que tinha medo de me expor, com medo de as pessoas me julgarem por ser diferente, por pensar fora da caixinha. Então, sempre guardava para mim o que eu pensava. Até que um dia eu resolvi expor e percebi que tinham outras pessoas que pensavam como eu".

Para quebrar tantos paradigmas, Ivan usa a criatividade em seus vídeos e comenta que isso se tornou um grande diferencial na hora de passar a sua mensagem. Assim, o humor tornou-se um grande aliado. "Por que não passar informação de uma forma leve e distraída? O humor, acredito que seja uma das melhores formas para isso". Segundo o jovem, "não é porque é comédia que a gente não pode fazer nossas críticas sociais". "Pelo contrário, é mais um motivo para passar com responsabilidade o que a gente acredita. E eu venho percebendo que as pessoas estão amando", afirmou.

Adaptado de: LELLES, Ana Raquel. **Pessoas com deficiência usam redes sociais para combater preconceitos**. Jornal Estado de Minas. Disponível em: <https://www.em.com.br/app/noticia/gerais/2020/10/19/interna_gerais,1195506/pessoas-com-deficiencia-usam-redes-sociais-para-combate-preconceitos.shtml>. Acesso em 12/04/2022.

PROPOSTA

Com base nos textos da coletânea e em seus conhecimentos sobre o assunto, escreva um **TEXTO DISSERTATIVO-ARGUMENTATIVO** sobre o tema:

Caminhos para o enfrentamento do capacitismo no Brasil

ORIENTAÇÕES:

- Seu texto deve deixar claro o seu ponto de vista, sustentando-o com argumentos;
- Redija seu texto usando a modalidade culta da língua portuguesa;
- Não é necessário colocar um título;
- Não faça cópias literais dos textos motivadores;
- Seu texto **não deve ser assinado**.

ANEXO C - INSTRUÇÕES PARA ELABORAÇÃO DA REDAÇÃO

INSTRUÇÕES PARA A ELABORAÇÃO DA REDAÇÃO

1. Você recebeu, separadamente, a folha com o espaço próprio para a **VERSÃO DEFINITIVA** da redação, a qual é personalizada e deve ser assinada somente no local destinado à assinatura.
2. A folha para a **VERSÃO DEFINITIVA** da redação contém as instruções gerais para a elaboração da sua redação.
3. **ABAIXO** está o espaço próprio para que você elabore, caso queira, a **VERSÃO RASCUNHO** da sua redação.
4. Para elaborar sua redação, você deve utilizar caneta esferográfica de material transparente, escrita grossa e tinta azul-escura ou preta.
5. Sua redação deve ser elaborada em prosa, com no **mínimo 10 linhas** e no **máximo 20 linhas**.
6. **ATENÇÃO:** a **VERSÃO RASCUNHO** não substitui a **VERSÃO DEFINITIVA** da sua redação. O único instrumento considerado para fins de avaliação é a **VERSÃO DEFINITIVA**.

	V	E	R	S	Ã	O	R	A	S	C	U	N	H	O
01														
02														
03														
04														
05														
06														
07														
08														
09														
10														
11														
12														
13														
14														
15														
16														
17														
18														
19														
20														

ANEXO D - CONSIDERAÇÕES SOBRE A PROVA DE REDAÇÃO



VESTIBULAR 2022

CONSIDERAÇÕES SOBRE A PROVA DE REDAÇÃO

A proposta de Redação do Vestibular 2022 solicitou ao candidato a escrita de um texto dissertativo-argumentativo sobre o tema “caminhos para o enfrentamento do capacitismo no Brasil”. Por ser um texto de característica argumentativa, esperava-se que o candidato explicitasse um ponto de vista sobre o tema, embasado em argumentos pertinentes e bem selecionados, o que levaria o texto a ser avaliado em níveis mais altos. Ou seja, que de fato indicasse em seu texto quais considera que sejam os melhores caminhos para que se faça o enfrentamento a esse tipo de discriminação no Brasil.

Considerando ainda que o tema possibilitava diversas reflexões sociais, esperava-se que o candidato fosse capaz de fazê-las de modo claro e construísse adequadamente seu texto tomando por base a tipologia textual argumentativa, a fim de transmitir ao leitor sua tese e fazer uma adequada defesa dela. Diferentes estratégias poderiam ser mobilizadas para esse fim, como o uso de informações presentes nos textos da coletânea, de seu repertório sociocultural, referências a dados, argumentos de autoridades e contextualizações históricas, por exemplo.

Visando, portanto, fornecer ao candidato algumas possibilidades para percorrer o tema proposto, para além dos conhecimentos construídos ao longo de sua formação, foram-lhe disponibilizados dois textos. O primeiro era uma matéria especial do site G1 que definia o capacitismo e trazia alguns dados estatísticos sobre as Pessoas com Deficiência (PcD) no Brasil; e o segundo era uma reportagem do jornal Estado de Minas sobre o uso das mídias sociais por parte de Pessoas com Deficiência no combate ao capacitismo.

A partir de uma leitura atenta dos textos da coletânea, o candidato poderia identificar diversas possibilidades de discussão sobre o tema, desde que o foco recaísse sobre os meios/caminhos de se combater o capacitismo em nosso país. Ou seja, não bastava apenas que o candidato tratasse do capacitismo e comentasse sobre o que ele pode causar na sociedade, por exemplo; era preciso ir além e indicar, de fato, que caminhos considerava mais interessantes/pertinentes/eficientes para se enfrentar esse tipo de discriminação.

Vale ressaltar, ainda, que redações que apresentem discussões restritas ao senso comum, a constatações óbvias ou apenas a informações já apontadas pelos textos motivadores serão avaliadas, evidentemente, em níveis mais baixos. Por outro lado, textos que sejam capazes de extrapolar essas discussões e nos quais seja perceptível a capacidade do candidato de refletir e argumentar sobre o tema de modo articulado, aprofundado e respaldado em conhecimentos diversos sobre a problemática social apresentada tenderão a ser avaliados em níveis mais altos.

Por fim, quanto às orientações indicadas na proposta, cabe lembrar que era esperado do candidato que deixasse seu ponto de vista claro e o sustentasse com argumentos; que utilizasse a modalidade culta da língua portuguesa; que não fizesse cópias literais dos textos motivadores (mesmo se optasse por utilizar como base fatos, informações ou argumentos presentes neles); e que não houvesse, em seu texto, qualquer tipo de identificação ou assinatura (critério este previsto no Manual do Candidato como um dos motivos para a redação receber nota zero). Além disso, conforme constava também nas orientações presentes na prova, a presença de um título no texto não era obrigatória, e por isso não será considerada como critério de avaliação.

ANEXO E - REGRAS GRAMATICAIS SOBRE O USO DO PONTO

O ponto

1. O PONTO assinala a pausa máxima da voz depois de um grupo fônico de final descendente. Emprega-se, pois, fundamentalmente, para indicar o término de uma ORAÇÃO DECLARATIVA, seja ela absoluta, seja a derradeira de um período composto:

Entardecer no Angico. Estou parada, sozinha, na frente da casa da estância, olhando para o poente. O sol parece uma grande laranja temporã, cujo sumo escorre pelas faces da tarde. O ar cheira a guaco queimado. Um silêncio de paina crepuscular envolve todas as coisas.

PONTUAÇÃO 665

A terra parece anestesiada. Raras estrelas começam a apontar no firmamento, mais adivinhadas do que propriamente visíveis. Sinto um langor de corpo e espírito. Decerto é a tardinha que me contagia com sua doce febre.

(Ê. Veríssimo, A, III, 932.)

2. Quando os períodos (simples ou compostos) se encadeiam pelos pensamentos que expressam, sucedem-se uns aos outros na mesma linha. Diz-se, neste caso, que estão separados por um PONTO SIMPLES.

Observação:

O PONTO tem sido utilizado pelos escritores modernos onde os antigos poriam PONTO E VIRGULA ou mesmo VIRGULA. Trata-se de um eficiente recurso estilístico, quando usado adequada e sobriamente. Com a segmentação de períodos compostos em orações absolutas, ou com a transformação de termos destas em novas orações, obriga-se o leitor a ampliar as pausas entre os grupos fônicos de determinado texto, com o que lhe modifica a entoação e, conseqüentemente, o próprio sentido. As orações assim criadas adquirem um realce particular; ganham em afetividade e, não raro, passam a insinuar ideias e sentimentos, inexprimíveis numa pontuação normal e lógica. Leiam-se, por exemplo, estes passos:

Era, na verdade, um mestre, o mestre. Mestre Goeldi.
(M. Bandeira, AA, 60.)

A tua presença provocou em mim o sentimento inédito que buscava. Fiquei transposto. Outro. Como desejava.
(Almada Negreiros, OC, III, 61.)

A música toca uma valsa lenta. O desânimo aumenta. Os minutos passam. A orquestra se cala. O vento está mais forte. Clarissa começa a ficar decepcionada. Decerto o poeta está doente. Ou com frio. Ou se esqueceu de aparecer.
(Ê. Veríssimo, ML, 155-156.)

3. Quando se passa de um grupo a outro grupo de ideias, costuma-se marcar a transposição com um maior repouso da voz, o que, na escrita, se representa pelo PONTO-PARÁGRAFO. Deixa-se, então, em branco o resto da linha em que termina um dado grupo ideológico, e inicia-se o seguinte na linha abaixo, com o recuo de algumas letras.

Assim:

666 NOVA GRAMÁTICA DO PORTUGUÊS CONTEMPORÂNEO

Lá embaixo era um mar que crescia.
Começara a choviscar um pouco. E o carro subia mais para o alto, com destino à casa de Amâncio, que era a melhor da redondeza. O povo olhava feito besta para o carro com o dr. Juca deitado.
O usineiro gemia com as dores que não duravam a chegar. Maria Augusta passava as mãos pela sua cabeça quase toda branca.
(J. Lins do Rego, U, 337.)

4. Ao ponto que encerra um enunciado escrito dá-se o nome de PONTO-FINAL.

Observações:

1.º) Além de servir para marcar uma pausa longa, o ponto tem outra utilidade. É o sinal que se emprega depois de qualquer palavra escrita abreviadamente. Assim: V. S.ª (Vossa Senhoria), dr. (doutor), C. F. C. (Conselho Federal de Cultura), I. N. I. C. (Instituto Nacional de Investigação Científica).

Note-se que, se a palavra assim reduzida estiver no fim do período, este encerra-se com o ponto abreviativo, pois não se coloca outro ponto depois dele.

2.º) Quanto ao uso de ponto depois do vocativo que encabeça cartas, requerimentos, ofícios, etc., vejamos as nossas Observações aos dois pontos.

Fonte: Cunha e Cintra (2016, p. 664-666).

ANEXO F - REGRAS GRAMATICAIS SOBRE O USO DO PONTO DE INTERROGAÇÃO

O ponto de interrogação

PONTUAÇÃO 671

1. É o sinal que se usa no fim de qualquer interrogação direta, ainda que a pergunta não exija resposta:
 - Então a coisa sai mesmo?
 - Se sai? Já saiu! Não viu os jornais?
(Ê. Veríssimo, *A*, I, 253.)
 - Vão para África, então? O Paulo decidiu-se?
(Luandino Vieira, *NM*, 52.)
 - Estará surdo? Estará a tentar irritar-me?
(Sttau Monteiro, *APJ*, 101.)
2. Nos casos em que a pergunta envolve dúvida, costuma-se fazer seguir de reticências o ponto de interrogação:
 - Então?... que foi isso?... a comadre?...
(Artur Azevedo, *CFM*, 86.)
3. Nas perguntas que denotam surpresa, ou naquelas que não têm endereço nem resposta, empregam-se por vezes combinados o ponto de interrogação e o ponto de exclamação:
 - Quem está aí?...
(Branquinho da Fonseca, *B*, 86.)
 - Enfim, que direi?...
(A. de Assis Júnior, *SM*, 269.)
 - Não digas isso! O branco... teu homem... vender-te?!
(Ó. Ribas, *EMT*, 14.)
 - Ah, é a senhora?! Pois entre, a casa é sua...
(A. M. Machado, *HR*, 86.)
 - Quem é que não conhece Coimbra?!
(Branquinho da Fonseca, *B*, 18.)

Observações:

1.º) O ponto de interrogação nunca se usa no fim de uma interrogação indireta. Como salientamos no capítulo 7, a interrogação indireta termina com entoação descendente, exigindo, por isso, um ponto. Comparem-se:

- Quem chegou? [= interrogação direta]
- Diga-me quem chegou. [= interrogação indireta]

2.º) Há escritores que, para acentuar, nos diálogos, a atitude de expectativa de um dos interlocutores, usam reduzir a sua réplica ao ponto de interrogação, seguido às vezes do ponto de exclamação.

Esses recursos de pontuação não têm apenas valor linguístico; visam a indicar também a expressão do corpo e do espírito que acompanha e valoriza a pausa linguística.

Fonte: Cunha e Cintra (2016, p. 670-671)

ANEXO G - REGRAS GRAMATICAIS SOBRE O USO DOS DOIS PONTOS

PONTUAÇÃO 669					
SINAIS QUE MARCAM SOBRETUDO A MELODIA					
Os dois-pontos					
Os DOIS PONTOS servem para marcar, na escrita, uma sensível suspensão da voz na melodia de uma frase não concluída. Empregam-se, pois, para anunciar:					
1.º) uma citação (geralmente depois de verbo ou expressão que signifique <i>dizer, responder, perguntar</i> e sinônimos):					
Como ele nada dissesse, o pai perguntou: — Queres ou não queres ir? (E. Veríssimo, <i>A</i>, III, 675.) Nenê pareceu por fim compreender, porque desviou o olhar e atalhou secamente: — Está bem. Vou-te arranjar o aumento. (A. Santos, <i>P</i>, 156.) Clemente voltou para dizer: — Não enxerguei ninguém, camarada. Era bicho. (F. Namora, <i>NM</i>, 112.)					
2.º) uma enumeração explicativa:					
Não fosse ele, outros seriam: pajens, gente de guerra, vadios de estalagens, anejos das estradas. (Coelho Netto, <i>OS</i>, I, 1420.) Tínhamos dezenas de amigos: S. João, S. José, Santo Antônio, o beato João de Brito... mas nenhum deles era estabelecido e nenhum deles tinha conta no banco. (Sttau Monteiro, <i>APJ</i>, 13.)					
À sua volta, tudo lhe parece chorar: as árvores, o capim, os insetos. (Ó. Ribas, <i>EMT</i>, 104.) 3.º) um esclarecimento, uma síntese ou uma consequência do que foi enunciado: — A razão é clara: achava a sua conversação menos insossa que a dos outros homens. (Machado de Assis, <i>OC</i>, II, 495.)					
670	NOVA GRAMÁTICA DO PORTUGUÊS CONTEMPORÂNEO				
E a felicidade traduz-se por isto: criarem-se hábitos. (A. Abelaira, <i>NC</i>, 154.) Não era desgosto: era cansaço e vergonha. (Cochat Osório, <i>CV</i>, 178.) Eu em sua igreja não mando: só assisto e apoio. (S. de Mello Breyner Andresen, <i>CE</i>, 11.)					
Observação:					
Depois do vocativo que encabeça cartas, requerimentos, ofícios, etc., costuma-se colocar DOIS-PONTOS, VIRGULA OU PONTO, havendo escritores que, no caso, dispensam qualquer pontuação. Assim:					
<table> <tr> <td>Prezado senhor:</td><td>Prezado senhor.</td></tr> <tr> <td>Prezado senhor,</td><td>Prezado senhor</td></tr> </table>		Prezado senhor:	Prezado senhor.	Prezado senhor,	Prezado senhor
Prezado senhor:	Prezado senhor.				
Prezado senhor,	Prezado senhor				
Sendo o vocativo inicial emitido com entoação suspensiva, deve ser acompanhado, preferentemente, de DOIS PONTOS ou de VIRGULA, sinais denotadores daquele tipo de inflexão.					

Fonte: Cunha e Cintra (2016, p. 669-670).